

O Islam fala por si

Preparação:

**Seleção dos Melhores Imãs Jovens do Ministério dos Assuntos
Religiosos do Egito**

Supervisão e Introdução:

Dr. Muhammad Mukhtar Jumu'a Mabruk

Ministro dos Assuntos Religiosos do Egito

**Membro da Academia de Pesquisas em Assuntos Islâmicos da
Universidade de Al-Azhar**

Tradução:

Marcelo Brandão Cipolla

Em nome de Deus, o Infinitamente Bom, o Misericordioso

Introdução

Louvado seja Deus, o Senhor do Universo, e que a paz e as bênçãos estejam com o Selo dos Profetas e Mensageiros, nosso mestre Muhammad Ibn Abdullah, e sobre seus familiares, companheiros e os que os seguirem até o Dia do Juízo Final.

Gostaria de expressar minha felicidade diante da transformação positiva que vejo ocorrer na personalidade de muitos jovens imãs e eruditos atuantes neste ministério, que deram início, além de seu trabalho de propagadores do Islam, a uma formação pessoal diferenciada tanto no campo cultural como no científico, no aprendizado de línguas estrangeiras e também nos campos da imprensa e das mídias audiovisuais. Essa transformação pessoal já tem um impacto claro em sua atividade de ensino da religião, visto em sermões, seminários, palestras e estudos de temas religiosos.

Alguns deles se voltaram a pesquisa científica, centenas conseguiram mestrado ou doutorado e alguns publicaram livros sozinhos ou juntamente com outros autores, o que nos levou a atuar no sentido de que um maior número deles participassem dos trabalhos de propagação da religião, do estudo das ciências e da liderança. Incentivei-os, assim, a produzir um conjunto de enciclopédias e livros; já foi apresentada a Enciclopédia de Discursos Modernos, em quatro volumes, e logo, se Deus quiser, publicaremos o primeiro volume da Enciclopédia de Lições Morais.

Este livro, que apresentamos hoje ao leitor sob o título de *O Islam fala por si*, é o produto do esforço desse excelente e promissor grupo de jovens. Achei por bem associar-me a eles escrevendo esta introdução e o primeiro capítulo. Faço isso, por um lado, como forma de dar-lhes apoio, e, por outro, em reconhecimento de seus esforços. E peço a Deus Todo-Poderoso, para mim e para eles, a orientação, o sucesso e a aceitação, e Deus é o Conhecedor das intenções, e Ele é Nosso Protetor e Excelente Guardião.

Dr. Muhammad Mukhtar Jumu'a Mabruk, Ministro de Assuntos Religiosos do Egito, Membro da Academia de Pesquisas em Assuntos Islâmicos da Universidade de Al-Azhar e Presidente do Supremo Conselho de Assuntos Islâmicos.

O Islam fala por si*

O Islam é uma pepita de ouro e necessita apenas que a limpemos da poeira que a recobre ou se acumula sobre ela, escondendo-lhe o brilho, pois o metal precioso em si não se oxida nem se destrói com a ação do tempo, nem com a decadência que a acompanha, nem com o curso dos acontecimentos. Apesar da negatividade que vem se associando à imagem do Islam em razão de grupos criminosos marginais como o Estado Islâmico, o Boko Haram, a Al-Qaeda – e também a Frente dos Desobedientes, os Inimigos de Jerusalém, os Exércitos de Satanás, o Grupo de Apoio à Destruição e à Ruína, também chamado Mentira, Calúnia e Falsidade, grupos mercenários a serviço das verdadeiras forças do mal – apesar de tudo isso, o Islam, graças a seus adeptos sinceros e seus sábios especializados, é perfeitamente capaz de eliminar os vestígios dessas coisas, de falar com sua própria voz e expressar sua verdade grandiosa, tolerante, civilizada, humana e pura, coerente com a natureza original na qual Deus criou o ser humano. Tal verdade baseia-se no fato de que a lei de Deus favorece todos os interesses legítimos do ser humano, pois o Islam é a religião que veio trazer a misericórdia, a proteção, a segurança e a paz para o mundo inteiro. Deus, a Verdade Suprema (glorificado seja), diz: “E não te enviamos [ó Profeta] senão como uma misericórdia para os mundos” (21.107); não diz “misericórdia para os muçulmanos” somente, nem “misericórdia para os crentes”, ou “para aqueles que declaram a Unidade Divina”, mas, pelo contrário, para o universo inteiro, pois Deus, o Todo-Poderoso, o Majestoso, enobreceu o ser humano em sua humanidade de forma absoluta e irrestrita, e por isso disse: “E não te enviamos [ó Profeta] senão como uma misericórdia para os mundos.”

Uma religião não pode contemplar qualquer tipo de malefício. Assim, o muçulmano verdadeiro é aquele de cuja língua e cujas mãos os homens estão a salvo, e o crente é aquele perante quem o sangue, a honra, os bens e a vida dos homens permanecem sempre seguros. Quando se perguntou ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) sobre a situação de uma

* Autor: Sua Excelência Dr. Muhammad Mukhtar Jumu'ah Mabruk, Ministro de Assuntos Religiosos do Egito.

mulher que jejuava e orava, mas maltratava seus vizinhos, ele (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Ela está no inferno.” Também foi ele quem disse: “Por Deus, ele não é crente; por Deus, ele não é crente; por Deus, ele não é crente.” Perguntaram-lhe: “Quem, ó Mensageiro de Deus?” Ele disse: “Aquele de cuja má conduta seus vizinhos não estão a salvo” (narrado por Bukhari). E disse (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Aquele que crê em Deus e no último dia, que não faça mal a seu vizinho” (narrado por Bukhari).

Uma religião que protege a dignidade do homem, proibindo a maledicência, a calúnia, a inveja e o ódio mútuos, o desprezo e a má opinião, é sem dúvida uma religião exaltada. Deus, a Verdade Absoluta (glorificado seja), diz: “Ó vós que credes, que nenhum povo zombe do outro; é possível que (os escarnecidos) sejam melhores do que eles (os escarnecedores). Que tampouco nenhuma mulher zombe de outra, porque é possível que esta seja melhor do que aquela. Não vos difameis, nem vos motejeis mutuamente com apelidos. Muito vil é o nome da malignidade depois de ter recebido a fé! E aqueles que não se arrependem serão os iníquos. Ó fiéis, evitai tanto quanto possível a suspeita, porque algumas suspeitas implicam em pecado. Não vos espreiteis, nem vos caluniei mutuamente. Quem de vós seria capaz de comer a carne do seu irmão morto? Tal atitude vos causa repulsa! Temei a Deus, porque Ele é Remissório, Misericordiosíssimo” (49.11-12). E disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Não vos odieis uns aos outros nem vos invejeis mutuamente, nem volteis as costas uns para os outros, mas adorai a Deus como irmãos; e não é lícito ao muçulmano passar mais de três dias sem falar com seu irmão” (narrado por Bukhari e Muslim).

Uma religião que proíbe a injustiça e a fraude, inclusive contra seus próprios inimigos, e torna ilícitas todas as práticas de acúmulo e monopólio, é sem dúvida uma religião exaltada. Nesse sentido, diz nosso Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quem quer que acumule alimentos por quarenta noites dissociou-se de Deus e Deus dissociou-se dele; e o povo de qualquer terra entre os quais um homem amanhece com fome dissociou-se da proteção de Deus” (narrado por Ahmad); e diz também (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ninguém acumula, exceto o pecador” (narrado por Muslim).

E diz (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quem pratica a fraude contra nós não é dos nossos” (narrado por Muslim), ou, em outra versão, “Quem pratica a fraude contra a minha comunidade não é dos nossos”. No *Sunan* de Al-Tirmidhi, consta simplesmente “Quem pratica a fraude não é dos nossos”: elimina-se o objeto direto do verbo *ghassha* (praticar a fraude), de tal forma que o dito abarque todas as modalidades de fraude e estejam protegidos contra ela todos os seres humanos, muçulmanos ou não muçulmanos. Ou seja, a fraude e o engano não condizem com o caráter do muçulmano.

Uma religião que trabalha para instaurar a misericórdia para com os seres humanos, os animais e até os minerais é sem dúvida uma religião exaltada. Assim, perguntou certa vez o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quem é o dono deste camelo? De quem é este camelo?” Veio um jovem dentre os Ansar* e disse: “É meu, ó Mensageiro de Deus.” O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Acaso não temes a Deus no que se refere a esta montaria de que Deus te fez dono? Pois ele acaba de se queixar a mim de que o deixas passar fome e o obrigas a trabalhar demais” (narrado por Abu Dawud).

Uma religião que proíbe todos os tipos de corrupção, destruição e devastação, e protege o patrimônio, a honra e a vida, é sem dúvida uma religião exaltada. Deus, a Verdade Absoluta (glorificado seja), diz: “E não espalheis a corrupção sobre a terra depois de esta ter sido pacificada” (7.56); e diz: “E não pratiqueis a maldade sobre a terra, espalhando a corrupção” (2.60); e diz também: “Entre os homens há aquele que, falando da vida terrena, te encanta, invocando Deus por Testemunha de tudo quanto encerra o seu coração, embora seja o mais encarniçado dos inimigos (d’Ele). E quando se retira, eis que a sua intenção é percorrer a terra para disseminar a corrupção, devastar as sementeiras e o gado, mesmo sabendo que a Deus desgosta a corrupção. Quando lhe é dito que tema a Deus, apossa-se dele a soberba, induzindo-o ao pecado. Mas o inferno ser-lhe-á suficiente castigo. Que funesta morada!” (2.204-206). E nosso Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam

* “Socorredores”: Título dado ao povo de Medina que acolheu e socorreu o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e os demais Emigrantes vindos de Meca. (N. do T.)

com ele) proscreeu a Mu'adh bin Jabal a prática de qualquer opressão ou injustiça contra os mais fracos e proibiu-o de confiscar seus bens mais preciosos, dizendo: "Ó Mu'adh, vais viver entre o Povo do Livro. Convida-os primeiramente, a dar testemunho de que não há divindade senão Deus e de que sou o Mensageiro de Deus. Se aceitarem isto, ensina-os que Deus tornou obrigatórias para eles cinco orações a cada dia e noite. Se aceitarem isso, ensina-os que Deus tornou obrigatório para eles o donativo a ser tomado dos ricos e dado aos pobres. Se aceitarem isso, não tomeis dos seus bens mais preciosos, e toma cuidado com a oração do oprimido, pois não há barreira entre ela e Deus" (narrado por Muslim).

E vista de tudo, podemos afirmar com certeza que o Islam é uma religião justa e exaltada, e que, apesar dos ataques que lhe são dirigidos por seus inimigos, seus adeptos sinceros são capazes, com a permissão de Deus, o Todo-Poderoso, o Majestoso, de purificá-lo da poeira que sobre ele se depositou e de apresentá-lo tal como ele é por meio de um discurso claro e evidente, baseado numa jurisprudência que leve em conta os objetivos últimos da lei revelada, os acontecimentos contemporâneos, as possibilidades reais e as prioridades mais importantes, formando uma compreensão que qualifica quem a possui a ser fiel às exigências desta religião exaltada, leva-o a aperfeiçoar sua humanidade pelo caminho da felicidade e do progresso e conduz aquele que a pratica ao melhor deste mundo e do outro.

O Islam é a religião do bom caráter*

A religião islâmica é o alicerce e a sustentação de uma vida conforme à natureza, e a vida sem a orientação religiosa é uma vida sem valor e sem ética. Pois a base desta grande religião é a nobreza e a excelência moral. E não há livro que convide mais à perfeição da moral para todas as pessoas que o Alcorão Sagrado; e nosso Profeta Muhammad (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), aquele sobre o qual desceu o Alcorão, era um exemplo vivo da ética corânica. Possuía todas as qualidades e predicados éticos, pois os absorvia do Alcorão e os seguia inteiramente. Como narrado em um hadith de Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela): “Pedi-lhe Hisham Ibn Amir (que Deus esteja satisfeito com ele): ‘Mãe dos Crentes, fale-nos sobre o caráter do Mensageiro de Deus’, ao que ela respondeu: ‘Tu não lês o Alcorão?’” Hisham respondeu: ‘Sim, claro’, ao que ela respondeu: ‘Por certo, o caráter do Profeta de Deus era o Alcorão’” (narrado por Muslim).

E um dos aspectos mais exaltados da religião islâmica é que ela não abandona qualquer virtude, ou qualquer porção das boas qualidades, que nos aproximem da misericórdia de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, de Seu Paraíso e de Seu contentamento. Pelo contrário, prescreveu-nas como regras e nos levou a amá-las, e não deixou qualquer porção de más qualidades sem que as condenasse ou nos alertasse sobre elas, pois nos afastam da misericórdia de Deus, o Altíssimo. O Islam é, pois, uma religião que combina os maravilhosos valores e ideais humanos de modo a incorporar a imagem ideal da moralidade virtuosa.

O Islam é a religião da ética e da virtude. Em muitos de seus versículos, o Alcorão Sagrado nos chamou a aderir à moralidade e às virtudes dos costumes. Entre esses versículos está o dito que Deus, glorificado seja, dirigiu a Seu Mensageiro: “Apega-te à indulgência, ordena a equidade e afasta-te dos ignorantes” (7.199). Disse ainda: “Falai ao próximo com doçura” (2.83). E também: “Não há utilidade alguma na maioria dos seus colóquios, salvo nos que recomendam a caridade, a benevolência e a concórdia entre os homens. A

* Autor: Dr. Nuh Abdul Halim al-'Isawi, Diretor Geral das Pesquisas em Propagação Religiosa.

quem assim proceder, com a intenção de comprazer a Deus, agraciá-lo-emos com uma magnífica recompensa (4.114).

Abundam outros versículos neste sentido, e aqueles que estudam os versículos do Alcorão e os examinam encontram muitos que recomendam o aperfeiçoamento do caráter e sua demonstração através de atos. Isto porque a balança moral é a que legitima o homem e o eleva ao mais perfeito caminho. E por meio do Alcorão aprendemos a misericórdia, a veracidade, a justiça, a magnanimidade, a confiabilidade e o cumprimento dos compromissos, a generosidade, o altruísmo, o pudor, a coragem, a humildade, a excelência (*ihsan*), a atender às necessidades do próximo, a modéstia no olhar, o refreamento do mal, a reverência aos mais velhos, o sorriso aberto e as boas palavras, ter boa opinião do próximo, levar em consideração o sentimento dos demais e, em suma, todas as boas qualidades de caráter que melhoram nossa relação com a sociedade em geral e os servos de Deus em particular. Cabe ao muçulmano, portanto, adornar-se com essas qualidades, que garantirão sua felicidade neste mundo e no outro.

Os ditos proféticos enfatizaram a importância da moralidade e do bom caráter na vida humana, indicando a grande recompensa daqueles que fazem da virtude uma prática. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “A piedade é o aperfeiçoamento do caráter” (narrado por Muslim).

Assim, é claro que a moralidade e as boas qualidades de caráter têm no Islam um lugar especial e um status elevado. São, na verdade, o núcleo da religião e sua essência. Perguntaram ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “O que é a religião?”, ao que respondeu: “O bom caráter” (narrado por Muslim). O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), com efeito, atribuía ao caráter a máxima importância e declarou que o primeiro propósito de sua missão era estabelecer a ética. Disse: “Não fui enviado senão para aperfeiçoar a nobreza de caráter” (narrado por Bukhari no livro *Al-Adab al-Mufrad*). Narrou-se ainda que Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: ‘Não fui enviado senão para aperfeiçoar a integridade de caráter’” (narrado por Ahmad).

O caráter e a profecia

Deus enviou os Mensageiros (que a paz esteja com eles) para cumprir grandes incumbências, a mais importante das quais foi orientar a criação para o Justo, o Verdadeiro, e disseminar a virtude entre as pessoas; e no topo das virtudes está a nobreza de caráter. E Deus, glorificado e exaltado seja, reuniu em nosso Mensageiro (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) todas as boas qualidades de caráter, e seu espírito puro brilhou com grandes atributos e predicados. Mesmo antes de ser enviado, as pessoas o chamavam de sincero e fiel. E como não? Deus o escolheu entre todos os filhos de Adão para ser o selo de seus Profetas. Para comprovar seu status exaltado, basta lembrar que Deus Todo-Poderoso, ao louvá-lo no Alcorão, não o louvou pela nobreza da ascendência, pela beleza da aparência e nem mesmo pela abundância da adoração e obediência; mas o elogiou e louvou pela grandeza do caráter, dizendo: “Porque és de nobilíssimo caráter” (68.4).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) costumava encorajar as boas qualidades de caráter e desejava que os crentes as manifestassem. Disse, por exemplo: "O mais perfeito dos crentes em fé é aquele que tem o melhor caráter, e o melhor dentre vós é o melhor para suas esposas" (*Musnad* de Ahmad). Perguntou-se ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quais crentes são os melhores?” Ele respondeu: “O melhor deles em caráter” (*Sunan* de Ibn Majah). E, quando se perguntou ao Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) o que fazia a maioria das pessoas entrar no Paraíso, ele disse: "O temor a Deus e o bom caráter" (*Sunan* de Tirmidhi).

O caráter e a adoração

Contemplando os textos da lei religiosa, descobre-se que todos os atos de adoração carregam em seu conteúdo valores e significados morais, de modo que o Islam ligou todos eles à ética da moralidade. Não há ato de adoração no Islam, como a oração, o jejum, o imposto obrigatório (*zakaat*) ou a peregrinação, que não tenha um efeito sobre o comportamento e a virtude do indivíduo. Mas esse efeito se estende além do indivíduo e chega à sociedade. O Islam não é composto de rituais vazios não relacionados à realidade, os quais não apresentam efeitos no comportamento. Não é razoável que o praticante de tais adorações engane, oprima ou fira o seu próximo, minta ou viole acordos. Pelo

contrário, os atos de adoração em todas as religiões elevam o comportamento do homem e sua moralidade.

A oração, por exemplo, que é o vínculo entre o servo e seu Senhor, coíbe a indecência e o vício. Diz O Verdadeiro, exaltado seja: “Recita o que te foi revelado do Livro e observa a oração, porque a oração preserva da obscenidade e do mal; mas, na verdade, a recordação de Deus é o mais importante. Sabei que Deus está ciente de tudo quanto fazeis” (29:45). Ora, a aceitação da oração depende da prática de uma ética perfeita, e o Senhor da Glória confirmou este significado em dito narrado por Ibn Abbas (que Deus esteja satisfeito com eles dois): “Disse o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): Deus, louvado seja, disse: ‘Eu não aceito a adoração senão daquele que se humilha diante de minha grandeza, que não se enaltece sobre minha criação, que dorme com a intenção de não pecar no outro dia, que mantém-se em minha recordação durante o dia e que ajuda o necessitado, o viajante, a viúva e o aleijado.’” (narrado por Bazzar).

A oração que não afeta o adorador e não o afasta da indecência e do vício, e não tem efeito e nem fruto, pode ser uma maldição para seu realizador. Disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Aquele que pela sua oração não se afasta do ilícito e da obscenidade não conseguiu senão distanciar-se de Deus”, e em outra versão: “Aquele que não junta sua oração com recomendar o bem e proibir o mal não consegue senão distanciar-se de Deus” (narrado por Tabarani em uma cadeia de narração confiável).

A obrigação do imposto obrigatório (*zakat*) também trabalha para purificar a alma humana e elevá-la à fonte da moralidade. Livra a alma dos ricos da avareza, da ganância e do egoísmo e livra a dos pobres do ódio, da ira e da inveja. Disse o Verdadeiro, glorificado seja: “Recebe, de seus bens, uma caridade que os purifique e os santifique, e roga por eles, porque tua prece será seu consolo; em verdade, Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo” (9:103).

A obrigação do jejum imposta por Deus Todo-Poderoso aos ricos e aos pobres também foi legislada com o objetivo de aperfeiçoar o caráter e o comportamento para alcançar o verdadeiro temor a Deus Todo-Poderoso. Disse o Altíssimo: “Ó fiéis, está-vos prescrito o jejum, tal como foi prescrito a vossos antepassados, para que temais a Deus” (2:183). O jejum acostuma o muçulmano a controlar sua moral e seus instintos, e somente assim se alcança

o objetivo mais elevado desse ato de adoração. Caso o muçulmano deixe de lado esse objetivo grandioso, seu jejum será desprovido de virtude espiritual e resumir-se-á a passar fome e sede. O jejum verdadeiro tem um bom efeito no caráter e no comportamento do muçulmano, e isso foi confirmado pelo Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) quando disse: “O Jejum é uma proteção [...] se algum de vós estiver jejuando, que não fale maldades nem cometa desobediência. E se for atacado verbalmente por alguém, que diga: ‘Estou jejuando.’” (narrado por Bukhari).

Também por meio da peregrinação obrigatória (*hajj*) o muçulmano adquire virtudes e boas qualidades de caráter, treinando atos de refinamento do comportamento e educando-se sobre o temor a Deus Todo-Poderoso, a pureza, a castidade, o controle dos instintos da alma e da luxúria, a ética e a nobreza de caráter. Ao concluir a peregrinação, o indivíduo deve ter alcançado o seu conteúdo ético e comportamental, e por isso o Sagrado Alcorão estabeleceu uma relação entre o cumprimento da peregrinação e o comportamento humano íntegro. Diz Ele, glorificado seja: “A peregrinação se realiza em meses determinados. Quem a empreender deverá abster-se das relações sexuais, da perversidade e da polêmica. Tudo o que fizerdes de bom, Deus o saberá. Equipai-vos de provisões, mas sabeis que a melhor provisão é a devoção. Temei-Me, pois, ó sensatos” (2:197). E disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quem peregrina e não se extravia nas palavras ou ações, retorna de sua peregrinação como estava quando nasceu”, ou seja, num estado de pureza perfeita (narrado por Bukhari e Muslim).

Assim, a essência da adoração no Islam é o caráter de quem a pratica, e ela deve ter um impacto positivo sobre o indivíduo que se reflete sobre a sociedade. Porém, se ela não afetar o comportamento e o caráter de quem a cumpre, perderá seu valor e seus frutos, pois o mau caráter devora as boas ações como o fogo consome a madeira. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele narra que o Mensageiro de Deus disse aos seus companheiros: “Acaso sabeis quem é o falido?”, ao que lhes responderam: “Aquele que não possui dinheiro ou bens, ó Mensageiro de Deus’.” Mas o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) lhes disse: “O falido de minha nação é aquele que chega ao Dia da Ressurreição carregado de orações, jejum e zakat. Porém, amaldiçoava fulano, difamava beltrano, tomou o

direito de sicrano e agrediu as pessoas. Então, todas as suas boas obras serão dadas àqueles que ele injustiçou e oprimiu. E quando suas obras tiverem fim, lhe restará receber os pecados das pessoas por ele injustiçadas, e por fim será lançado no inferno” (narrado por Tirmidhi).

Certa vez foi dito ao Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Fulana é recordada por suas muitas orações e seus muitos jejuns e caridades. Porém, ela é nociva com seus vizinhos.” Então o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Ela está no inferno.” E lhe foi dito: “Ó Mensageiro de Deus, Fulana é lembrada por suas poucas orações, jejuns, caridades, porém, ela dá aos necessitados grandes porções de bolos de trigo e coalhada seca. Ela também não injustiça seus vizinhos.” E o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) retrucou: “Ela está no Paraíso.”

Vale a pena mencionar que o bom caráter é a coisa mais pesada colocada na balança do servo no Dia da Ressurreição. Foi narrado que Umm al-Darda (que Deus esteja satisfeito com ela) disse que Abu al-Darda (que Deus esteja satisfeito com ele) disse que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Nada é mais pesado na balança do que o bom caráter” (narrado por Ahmad).

Em outra narração, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: "Não há nada mais pesado na balança do crente no Dia do Juízo do que o bom caráter, e Deus odeia o obsceno insultuoso" (narrado por Tirmidhi).

O bom caráter eleva o grau de quem o possui e o iguala ao nível dos que oram toda a noite e jejuam durante o dia. Disse Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela): “Ouvi o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) dizer: ‘Por certo que o crente, através de seu bom caráter, chega ao grau dos que oram toda a noite e jejuam durante o dia’” (narrado por Abu Dawud).

Além disso, o possuidor de bom caráter possui o amor do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e será seu vizinho no Paraíso. É narrado por Jábir (que Deus esteja satisfeito com ele) que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Dentre vós, os mais amados por mim e mais próximos a mim no Dia do Juízo

serão os de melhor caráter. E entre os mais detestados dentre vós no Dia do Juízo, e mais distantes de mim, estão os que falam em excesso (*thartharun*), os que se enaltecem sobre os outros com suas palavras (*mutashaddiqun*) e os que complicam muito suas palavras, usando desnecessariamente de linguagem rebuscada para se destacar entre as pessoas (*mutafayhiqun*).” Os companheiros o questionaram: “Ó Mensageiro de Deus, sabemos quem são os *sarsarun* e os *mutashaddiqun*, porém quem são os *mutafayhiqun*’?”, ao que o Profeta lhes respondeu: “Estes são os arrogantes” (narrado por Tirmidhi).

Particularidades do caráter islâmico

Se os expoentes de diferentes crenças e doutrinas fossem chamados para criar uma ética especial, o chamado da ética islâmica perfeita iria divergir de seus apelos, pois a ética no Islã tem suas próprias características e particularidades, da quais falaremos a seguir.

Em primeiro lugar, as boas qualidades do caráter islâmico são **compreensíveis e claras**, não só no que diz respeito à adoração, mas em todos os aspectos da religião e da vida. Foi narrado que Abu Dharr (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse-me: ‘Teme a Deus onde quer que estejas, e que cada má ação seja sucedida por uma boa.’” (narrado por Tirmidhi).

Além disso, as boas qualidades do caráter islâmico são **requisitos fixos**. Não são válidas por um determinado período apenas, após o qual perderiam sua validade, mas são firmes e duram enquanto durar a religião, ou seja, até que Deus herde a Terra e tudo o que está sobre ela. Sua estabilidade e permanência são derivadas do Sagrado Alcorão, o qual é preservado por ação direta de Deus. Disse o Altíssimo: “Nós fizemos descer a recordação e dela somos preservadores” (15.9)

As boas qualidades de caráter têm ainda, no Islam, um **papel central**. Isso significa que elas são o que há de melhor e que encontram-se sempre no ponto de equilíbrio entre duas más qualidades. Como por exemplo, a generosidade encontra-se no ponto de equilíbrio entre o desperdício e a avareza, e a coragem representa o equilíbrio entre a covardia e a imprudência. Assim, toda virtude moral no Islã é caracterizada pela centralidade.

As virtudes no Islam têm **múltiplas manifestações** e se exercem nas mais diversas áreas, como, por exemplo:

1. A relação com Deus, Todo-Poderoso e Majestoso. Este é o mais elevado e melhor campo e é alcançado pelo temor de Deus e pela adoração dedicada somente a Ele e nenhum outro, bem como pela confiança nele. Abu Dharr (que Deus esteja satisfeito com ele) narra: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse-me: ‘Teme a Deus onde quer que estejas, que cada má ação seja sucedida por uma boa que a apague, e trata as pessoas da melhor maneira.’” (narrado por Tirmidhi).

2. A Relação com a família próxima e os parentes. É necessário que o indivíduo humano trate sua família de acordo com as virtudes do caráter islâmico. Ibn Abbas (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O melhor de vós e o melhor para com sua família, e eu sou o melhor de vós para com minha família” (Narrado por Ibn Majah).

3. A relação com os não muçulmanos. As virtudes islâmicas têm por objeto todas as criaturas, não fazendo distinção entre muçulmanos e não muçulmanos; todos são considerados irmãos na humanidade. Diz o Altíssimo: “Em verdade, honramos os filhos de Adão, transportamo-los pelo mar e pela terra seca, sustentamo-los com coisas boas e certissimamente os preferimos a muitos daqueles que criamos” (17:70). E, quando o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ficou em pé diante de uma procissão fúnebre que passava, disseram-lhe: “É um judeu.” Ele respondeu: “Acaso não é uma alma humana?” (narrado por Bukhari). Isso significa que o muçulmano deve ter uma ética excelente com os não muçulmanos, a fim de evidenciar a tolerância e a moderação que caracterizam sua religião. Disse o Altíssimo: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos” (60.8).

4. A relação com os animais. A virtude islâmica não está circunscrita aos seres humanos, mas também se estende aos animais. Deus Todo-Poderoso fez entrar no Paraíso alguém que matou a sede de um cão. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção

e a paz de Deus estejam com ele) disse: "Certa vez caminhava um homem que foi acometido por forte sede. Ele desceu a um poço, dele bebeu e depois saiu. Então avistou um cão arquejante, que de tanta sede lambia a poeira. O homem refletiu: 'Este chegou ao mesmo grau de sede que eu.' Então, entrou no poço novamente e com seus dentes prendeu o sapato, que encheu de água. Então, escalou para fora do poço novamente e deu de beber ao cão. Deus, agradecido, perdoou aquele homem." Os companheiros perguntaram: "Ó Mensageiro de Deus, há para nós recompensa nos seres irracionais?" Ele respondeu: "Todos os possuidores de fígado [ou seja, todos os seres vivos] são passíveis de recompensa [quando ajudados]" (narrado por Bukhari).

No sentido contrário, uma mulher entrou no inferno por causa de uma gata. Abdullah Ibn Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: "Uma mulher foi castigada e entrou no inferno por causa de uma gata que ela prendeu até morrer: não a alimentava nem lhe dava de beber enquanto a mantinha amarrada, nem tampouco a libertava para que pudesse comer dos insetos da terra" (narrado por Bukhari). O bom comportamento com os animais é uma razão para entrar no Paraíso e, por outro lado, o mau comportamento com eles é uma razão para ser lançado no inferno – que Deus nos proteja disso.

Pelo bom caráter são elevadas as nações, por ele se tornam conhecidas e por ele seus legados perduram; pelo seu abandono são rebaixadas e degradadas ao mais ínfimo nível. E quantas pereceram, não por fatores econômicos, militares ou de outra natureza, senão pelo abandono do bom caráter. Deus se fez confirmar pelo poeta Shawqy, que disse:

Das nações, nada perdura, exceto o caráter.

Quando lhes perece o caráter, elas também perecem.

O Islam é a religião da humanidade*

O Islam é a religião da humanidade no mais nobre sentido da palavra, pois é a religião que veio para exaltar o valor do homem entre as demais criaturas. Isso se manifesta na importância que o Islam atribui a tudo quanto protege a dignidade humana e eleva o espírito humano. Com efeito, o Islam se destaca entre as religiões pela grande quantidade de modos pelos quais enobrece e protege o homem. Entre eles, podemos citar:

(1) A preparação do universo para receber o ser humano antes que este fosse criado: Deus preparou o universo inteiro para receber o ser humano: elevou o céu, estendeu a Terra, fez correr os rios, fez crescer as plantas e os frutos e posicionou em seus devidos lugares o sol, a lua e as estrelas – tudo isso para que o homem se beneficiasse e fosse agraciado com todas as causas de vida que Deus Lhe preparou. Disse o Altíssimo: “Deus foi quem criou os céus e a Terra e fez descer água do céu para, por meio dela, fazer surgir frutos para vosso sustento; e pôs a vosso serviço os navios que correm no mar por sua ordem; e pôs a vosso serviço os rios; e pôs a vosso serviço o sol e a lua, incansáveis; e pôs a vosso serviço a noite e o dia; e vos deu de tudo aquilo que Lhe pedistes. E, se contardes as Bênçãos de Deus, não podereis enumerá-las. Em verdade, o homem é injusto e ingrato” (14.32-34).

(2) A honra que Deus deu ao homem por ter soprado nele do Seu espírito: Esta é a mais elevada manifestação da honra que Deus concedeu ao ser humano e o grau mais excelso a que Ele conduziu sua humanidade e sua natureza adâmica, tornando-o senhor deste mundo. Afinal, Deus soprou nele de Seu espírito, e o espírito é um dos segredos que não são conhecidos por ninguém exceto Deus, o Senhor do Universo, que disse: “Quando disse o teu Senhor aos anjos: ‘Eis que vou criar da argila um homem; quando tiver aperfeiçoado a sua forma e soprado nele do Meu espírito, caí diante dele prostrados!’” (38.71-72). E disse: “Te perguntam sobre o espírito. Diz: ‘O espírito procede do mandamento do meu Senhor, e [a este respeito] não vos foi dado conhecimento, exceto muito pouco’” (17.85).

* Autor: Dr. Muhammad Abdul Hamid Khattab, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

E é pela honra deste espírito que se proíbe ao ser humano que mate outro ser humano sem razão e cometa quaisquer atentados contra a pessoa humana, pois tal coisa seria um atentado contra a criação de Deus e violaria Seus mandamentos. Disse o Altíssimo: “E não mateis a alma que Deus proibiu matar, a menos que tenhais direito” (6.151). Do mesmo modo, o Islam proíbe a disseminação da corrupção na Terra, a agressão injustificada e que se provoque medo em quem está em segurança. Disse o Altíssimo: “Diz: Meu Senhor vedou tão somente as obscenidades, manifestas ou íntimas; o delito; a agressão injustificada; e o atribuir parceiros a Ele, porque jamais deu autoridade a que digais d'Ele o que ignorais” (7.33); e disse: “Por isso, prescrevemos aos israelitas que quem matar uma pessoa, sem que esta tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção na terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade; quem a salvar, será reputado como se tivesse salvo toda a humanidade” (5.32).

O Islam proíbe ao muçulmano, ainda, que mate o seu irmão muçulmano. Disse o Altíssimo: “Quem matar intencionalmente um crente, sua recompensa será o inferno, onde permanecerá eternamente; Deus o abominará, amaldiçoá-lo-á e preparar-lhe-á um castigo terrível” (4.93). Todos esses versículos, por meio das leis que contêm, determinam a proteção do homem considerado com aquela criatura que Deus, o Todo-Poderoso e o Majestoso, honrou de modo especial. Disse o Altíssimo: “Em verdade, honramos os filhos de Adão, transportamo-los pelo mar e pela terra seca, sustentamo-los com coisas boas e certissimamente os preferimos a muitos daqueles que criamos” (17.70).

(3) O cuidado de Deus pela humanidade evidenciado no fato de haver enviado Mensageiros e revelado Livros, entre os quais o Nobre Alcorão: No decorrer das eras, Deus cuidou da humanidade enviando Mensageiros e revelando Livros para que os homens fossem guiados ao Seu caminho reto e conhecessem Suas leis e Seu sistema, que lhes garante o guiamento e a orientação. Assim, tomou-os pela mão e conduziu-os do erro ao guiamento, do extraviado à orientação, das trevas à luz e da incredulidade à fé. Disse o Altíssimo: “Mensageiros vindos para dar boas novas e admoestar, a fim de que os seres humanos não tivessem argumento algum contra Deus depois da vinda deles. Deus é o Todo-Poderoso, o Sábio” (4.165). Disse ainda (glorificado seja): “Não há povo algum que não tenha tido um admoestador”

(35.24). E disse também: “Legislou-vos a mesma religião que havia recomendado a Noé, a qual te revelamos e a qual havíamos recomendado a Abraão, a Moisés e a Jesus: Observai a religião e não discrepeis acerca dela; em verdade, os idólatras se ressentiram daquilo a que os convocaste. Deus elege a quem Lhe apraz e encaminha para Si o contrito” (42.13).

Os versículos do Nobre Alcorão garantem tudo aquilo que honra a alma humana. O progresso no caminho da virtude, por meio das leis, orientações, sentenças de sabedoria, conselhos espirituais e histórias contidas no Nobre Alcorão, orienta o ser humano para a senda reta de Deus.

(4) A proteção que o Islam dá aos direitos humanos: Desde o começo, o Islam prescreveu normas que garantem a proteção dos direitos materiais e espirituais cujo objetivo é a elevação e o enobrecimento do homem, entre eles:

Liberdade de crença:

O Islam garante a todos os seres humanos a liberdade de crença e de escolha entre a fé e a incredulidade, pois não obriga ninguém a entrar para suas fileiras. Disse o Altíssimo: “Não há compulsão na religião; o guiamento já se destacou do erro” (2.256), e disse também (glorificado e exaltado seja): “Se teu Senhor tivesse querido, todos os que estão na Terra teriam acreditado unanimemente. Poderias compelir os seres humanos a que fosse crentes?” (10.99). Tanto estes versículos quanto outros bastam para refutar todas as mentiras e concepções errôneas sobre a tolerância que caracteriza esta religião e seu respeito pela liberdade de escolha do ser humano.

Fraternidade humana:

O Nobre Alcorão direciona o olhar dos homens para o fato de que todos eles são irmãos na humanidade, pois são todos, sem exceção, filhos de Adão e Eva. Disse o Altíssimo: “Ó seres humanos, em verdade vos criamos de um homem e uma mulher e fizemos de vós povos e tribos para que vos conheçais uns aos outros. Em verdade, os mais nobres entre vós são os que mais temem [a Deus]” (49.13). Esse nobre versículo nos indica que Deus criou os homens para que se conhecessem uns aos outros e se harmonizassem entre si, e é essa a raiz do convite do Islam à convivência pacífica entre os seres humanos e à aceitação dos não muçulmanos pelos muçulmanos apesar da diferença de religião. Disse o Altíssimo: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que

não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos” (60.8).

E nosso Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), quando chegou a Medina, encontrou nela algumas tribos judaicas e tratou-as da melhor forma possível; além disso, celebrou com os judeus um tratado em vista da defesa de Medina contra os saqueadores, entendendo-a como o país em que todos viviam em pé de igualdade. Dentre o texto que nos chegou dela, encontra-se o seguinte: “O judeu que segue os muçulmanos deverá gozar de ajuda e igualdade; não será oprimido nem será dado auxílio a seus inimigos. Os judeus contribuirão com os custos da guerra juntamente com os muçulmanos enquanto estiverem em combate. Os judeus de Bani Auf constituirão uma só comunidade com os muçulmanos; os judeus terão sua religião e os muçulmanos, a sua” – e tudo o que valia para os judeus de Bani Auf valia também para as demais tribos dos Ansar. Esse tratado foi, na história, a primeira constituição civil a incorporar os significados do conceito de cidadania e da fraternidade entre os homens.

Assim também, no modo como o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) recebeu a delegação dos cristãos de Najran em sua mesquita e os honrou, encontramos uma indicação clara de que os diferentes devem ser aceitos, suas crenças devem ser respeitadas e a convivência com eles deve ser pacífica. Este é um dos aspectos mais importantes da tolerância do Islam e de seu Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele).

Consideração pelos sentimentos humanos

O Islam leva em consideração os sentimentos humanos e as exigências da caridade, mesmo para com os que têm outra religião ou crença. Foi o caso de Asma' bint Abi Bakr (que Deus esteja satisfeito com eles dois) quando sua mãe a visitou e ela desejava recebê-la bem. Assim, pediu permissão ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) para fazê-lo. Nas palavras dela: “Minha mãe, que era idólatra, veio me visitar na época do tratado com Quraish. Consultei então o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), dizendo: ‘Minha mãe veio me visitar e quer muito me ver. Devo recebê-la bem?’ Ele disse: ‘Sim, recebe-a bem”” (narrado por Bukhari e Muslim).

Do mesmo modo, o Islam leva em consideração os sentimentos maternos, dando à mãe o direito de criar o filho mesmo quando o pai se divorcia dela. Isto fica claro nas palavras do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) à mulher que veio lhe perguntar sobre esse assunto: “Tu tens mais direito a ele enquanto não te casares novamente.” Omar bin Shu’aib recebeu de seu pai, que por sua vez recebeu de seu próprio pai ‘Abdullah bin Omar, a narrativa de que “uma mulher disse: Ó Mensageiro de Deus, meu útero serviu de receptáculo para este filho meu, meus seios são para ele um cantil e meu colo é sua proteção, mas mesmo assim seu pai se divorciou de mim e quer tirá-lo de mim. Disse-lhe o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Tu tens mais direito a ele enquanto não te casares novamente’” (narrado por Abu Dawud).

O Islam também prescreve o zelo pelos direitos dos vizinhos, a generosidade para com os hóspedes, a assistência aos oprimidos e o socorro aos aflitos, e proíbe a alegria pela desgraça dos inimigos. Tudo isso se inscreve na categoria da consideração pelos sentimentos humanos e da nobreza de caráter à qual nos convocou o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), o qual disse a respeito de si mesmo: “Não fui enviado senão para aperfeiçoar a nobreza de caráter” (narrado por Bukhari no livro *Al-Adab al-Mufrad*).

Salvaguarda da inviolabilidade do homem durante a vida e após a morte

A lei islâmica deixa claro que o corpo do homem é um depósito que lhe foi dado em confiança por Deus, e pede-se ao homem que cuide dele e o proteja, confirmando a palavra de Deus: “A audição, a visão e o coração – por tudo isto [ó ser humano] serás responsável” (17.32). Assim, a lei islâmica protege a santidade do corpo humano morto, proibindo que se brinque com ele depois da morte de seu possuidor e proscrevendo a profanação de cadáveres, ainda que sejam de não muçulmanos. Indica-se assim o elevado valor do homem e o respeito pela natureza humana, esteja ele vivo ou morto. A inviolabilidade da pessoa depois da morte permanece tal qual era em vida, segundo a palavra do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quebrar um osso de um morto é como quebrar o de um vivo” (*Sunan* de

Abu Dawud). Assim, qualquer tipo de profanação ou brincadeira com cadáveres é proibida pela lei islâmica.

Muitos casos e exemplos deixam claro que o Islam é a religião da humanidade, que veio para elevar o homem em seu corpo e espírito e atender a todas as suas necessidades em conformidade com um sistema sólido e meticuloso, que promove as boas qualidades e afasta as más. Isso é confirmado pela realidade de todos os tempos e lugares, pois os elevados valores islâmicos constituem eles mesmos a força independente que garante a aceitação desta religião. O Islam é a religião compatível com a natureza original pura do ser humano e congruente com seu intelecto. Atende às necessidades do seu espírito, eleva o homem e o conduz ao sucesso.

O Islam é a religião da tolerância*

Não há dúvida de que a edificação das nações e civilizações está intimamente ligada à edificação do caráter humano, e, do mesmo modo, o colapso de qualquer comunidade religiosa ou civilização está intrinsecamente ligado ao colapso do caráter. O Islam trouxe uma mensagem elevada que convida ao aperfeiçoamento do caráter e dos valores e funda uma sociedade pura e unida, caracterizada pela pureza das almas, dos corações e da natureza de seus integrantes. Sua mensagem promove os valores do amor, da misericórdia e do afeto e favorece a boa convivência e a aceitação do diferente. Uma das excelências de caráter promovidas pelo Islam é a *tolerância*.

Quando consideramos atentamente o conceito de tolerância, vemos que ele tem diversos significados, pois reúne em si um conjunto de boas qualidades de caráter, como, por exemplo: a aceitação do outro e do diferente, a magnanimidade, o perdão quando este é possível, a repressão da ira, a ausência de ódio, a mansidão, a misericórdia, o afeto mútuo, a possibilidade de convivência entre diferentes culturas, o diálogo, a paz e a pureza. Estas e muitas outras excelentes qualidades de caráter são englobadas pelo conceito de tolerância.

O Islam favorece o desenvolvimento do espírito de familiaridade e de amizade, rejeita as contendas e disputas e visa a que os corações estejam purificados e a salvo do ressentimento, da raiva e do ódio. O instrumento para a realização desses fins é a qualidade da tolerância. A tolerância desempenha papel ativo para a segurança da sociedade e a salvaguarda da pessoa humana contra todos os danos (materiais, espirituais, intelectuais e psicológicos) e promove a fraternidade e não a divisão. Pela tolerância concretiza-se uma cultura da convivência amistosa e não da separação, uma cultura da organização e não de encontrar pretextos, uma cultura que procura facilitar as coisas em vez de dificultar, uma cultura do incentivo mútuo e não da contestação. Pela tolerância, ainda, concretizam-se os valores do amor e do

* Autor: Dr. Usama Fakhri al-Jundi, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

respeito, não do ódio e da fúria, e aprofunda-se o valor da misericórdia, não da dureza de coração.

Pela tolerância a pessoa se eleva a um grau excelente de caráter no qual os conceitos acima descritos, e outros ainda, tomam forma concreta. Que excelente qualidade, portanto, é a tolerância! Quando as pessoas a prezam, isso se reflete na sociedade, que se torna limpa, clara e unida; a unidade, em todos os seus sentidos, torna-se nela o valor predominante.

O Islam fez da tolerância um dos seus princípios basilares, pois ele é uma expressão da finalidade da profecia. Deus, o Altíssimo, disse: “E não te enviamos [ó Profeta] senão como uma misericórdia para os mundos” (21.107). A vinda do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), portanto, foi toda ela misericórdia e mansidão.

Um dos aspectos da tolerância no Islam é a convivência com os adeptos de outras religiões, a generosidade para com eles e o bom tratamento que lhes é dispensado. Disse o Altíssimo: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos” (60.8). E disse também: “Falai ao próximo com doçura” (2.83). Estes versículos, assim como muitos outros, sublinham a importância da tolerância enquanto convivência pacífica com os outros e boas relações com eles; do mesmo modo, negam o fanatismo da tribo ou grupo e proíbem que se olhem os outros com desprezo.

Examinemos com atenção o exemplo prático, na era da profecia, de acolhimento da diversidade quando da recepção da delegação dos cristãos de Najran com grande tolerância por parte do mais nobre dos seres humanos (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), que disse: “Em verdade, eles foram generosos com nossos companheiros, e quero recompensá-los” (narrado por Baihaqi em *Dala'il an-Nubuwwa*). Assim, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) traduzia em obras o que fora revelado no texto do Alcorão.

Do mesmo modo, quando o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ganhou como presente de Muqawqas, o rei dos coptas, a escrava Maria, de quem nasceu seu filho Ibrahim, ficou em pé e disse

(que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Tratai bem os coptas, pois tendes com eles laços de proteção e relações de parentesco”.

Outro exemplo de tolerância ocorreu quando o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), ao entrar vitorioso em Meca, disse: “Abu Huraira, chama os Ansar.” Disse-lhes: “Ide por este caminho, e quem quer que apareça diante de vós, matai-o.” Um homem gritou: “Depois deste dia, não haverá mais os Quraish!” Mas o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem entrar em sua casa estará a salvo, e quem depuser as armas estará a salvo.” E os chefes de Quraish entraram na Caaba, que estava repleta deles. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deu voltas na Caaba e rezou atrás da Estação [de Abraão]. Depois, segurou os dois lados da porta; todos saíram e prestaram-lhe o juramento de obediência, aceitando o Islam. [...] Disse ele então: “O que dizeis e o que pensais?” Disseram: “Dizemos: Este é nosso sobrinho e nosso primo, manso e misericordioso” – e disseram-no três vezes. Ele, então (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), disse: “Eu, de minha parte, digo o que disse Yusuf: ‘Hoje não sereis recriminados. Que Deus os perdoe, e Ele é o Mais Misericordioso dos misericordiosos’” (12.92). E saíram, então, como se levantassem do túmulo, e entraram no Islam (narrado por Baihaqi).

O Islam, desde o começo, fez da tolerância o alicerce do amor, do perdão e dos laços recíprocos entre os seres humanos e deixou claro que o caminho da tolerância consiste em pagar o mal com o bem. Quando um beduíno maltratou o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), puxando-o com força pelo manto, o Profeta acolheu essa violência com um sorriso e com tolerância, para ensinar à sua comunidade como tratar os outros, como ajudá-los a vencer os ditames do ego e de Satanás, como guiá-los pelo caminho da concórdia e do amor mútuo e como, em resumo, pagar com o bem o mal que nos é feito. Nosso Senhor, glorificado e exaltado seja, disse: “Responde ao mal com aquilo que é melhor, e aquele com quem tinhas inimizade se tornará como um amigo íntimo” (41.34). Anas bin Malik (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Estava andando com o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), que estava usando um casaco de Najran com uma borda muito grossa. Um beduíno o encontrou e puxou-o com força pelo casaco, a ponto de eu reparar que a violência do puxão

havia deixado uma marca funda no pescoço do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Disse então o Beduíno: ‘Ó Muhammad! Me dá algo da riqueza de Deus que está contigo!’ O Mensageiro de Deus voltou-se para ele, sorriu-lhe e mandou que lhe dessem alguma coisa” (narrado por Ahmad). Tal era a tolerância do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele).

Vejam também a profunda tolerância que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) teve para com um dos chefes do povo de Al-Yamama chamado Thumama bin Uthal, que jurara matar o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e usava de todos os meios possíveis para prejudicar a ele e a seus companheiros. Ora, os muçulmanos o capturaram, trouxeram-no a Medina e amarraram-no a um dos pilares da mesquita. Quando o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) saiu para a mesquita e estava a ponto de entrar nela, viu Thumama amarrado no pilar e disse a seus companheiros: “Sabeis quem capturastes?” Disseram: “Não, Mensageiro de Deus.” Ele disse: “Este é Thumama bin Uthal al-Hanafi.” E o que disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) a esse homem cheio de ódio, que queria matá-lo, quando o viu amarrado a um dos pilares da mesquita? Disse: “Tratai bem este prisioneiro.” Além disso, o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ordenou que dessem a Thumama a comida de sua própria casa. Depois disso, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O que tens a dizer, ó Thumama?” Este respondeu: “Tenho a dizer algo bom, ó Muhammad. Se me matares, estarás matando alguém que já derramou sangue; se me favoreceres com o perdão, estarás favorecendo a alguém que sabe ser grato; e, se são bens que queres, pede e receberás o que quiseres.” O Profeta veio vê-lo segunda vez e disse: “O que tens a dizer, ó Thumama?” Ele respondeu: “Só tenho a dizer o que te disse antes.” O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) o deixou, então, até o dia seguinte, quando veio e tornou a dizer: “O que tens a dizer, ó Thumama?” Ele respondeu: “Tenho a dizer o que já te disse: se me favoreceres, estarás favorecendo alguém que sabe ser grato; se me matares, estarás matando alguém que já derramou sangue; e se são bens que queres, dou-te o que quiseres.” O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), então, voltou-se para seus companheiros e disse:

“Soltai Thumama.” Soltaram, então, os seus laços e deixaram-no ir (narrado por Bukhari e Muslim). Parece ser este o perdão generoso que foi ordenado por Deus, glorificado e exaltado seja: “E perdoa com um perdão generoso” (15.85).

Em seguida, Thumama deixou a mesquita do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e caminhou até chegar a um bosque de palmeiras no arredores de Medina, onde tomou um banho. Voltou então ao Profeta para lhe prestar o juramento de obediência e entrar no Islam – e tudo isso aconteceu graças à tolerância e à misericórdia.

Os companheiros também trilharam o caminho do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com ele), por exemplo, nos fornece vários paradigmas práticos de tolerância, aplicando o que havia aprendido com o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Quando ‘Uyaina bin Hisn entrou na presença de Omar, disse-lhe: “Ó filho de Khattab, por Deus, não nos dás o suficiente nem nos julgas com justiça!” Omar enfureceu-se, mas alguns dos circunstantes disseram: “Ó Príncipe dos Crentes, Deus, o Altíssimo, diz: ‘Apega-te à indulgência, ordena a equidade e afasta-te dos ignorantes” (7.199). Então, Omar ignorou o agressor, pois sempre se pautava pelos limites fixados por Deus em seu livro, e nada lhe disse nem o censurou; apenas se lia a ira no seu rosto.

Para conseguirmos nós mesmos implementar entre nós a tolerância, é preciso que os corações estejam livres da ira, do ódio, da inveja, da fúria e das demais perturbações da alma, de modo que a misericórdia se reflita nas relações entre os homens. Quando houver amor e misericórdia entre eles, a comunidade estará fundada sobre a tolerância.

O Islam promete uma recompensa imensa e abundante a todo aquele que assume para si a qualidade da tolerância, pois, por meio desta, tal pessoa é capaz de suprimir a raiva e perdoar a quem lhe fez mal. Disse o Altíssimo: “Apressai-vos em obter um perdão de vosso Senhor e um jardim largo como os céus e a Terra, preparado para os tementes: aqueles que dão de seus bens na prosperidade e na adversidade, que suprimem a cólera e que perdoam o próximo. Deus ama os que fazem o bem” (3.133-134).

At-Tibi disse: “Foi louvada a supressão da cólera, pois ela contraria a alma que incita ao mal. Deus, portanto, enalteceu-a com Sua palavra: ‘Aqueles que suprimem a cólera e que perdoam o próximo’ (3.134). Aquele que nega à alma as suas paixões, o Paraíso será seu refúgio e as huris serão sua recompensa. Se aquele que simplesmente suprime a cólera já tem tão bela recompensa, que dizer daquele que a isso acrescenta o perdão ou faz o bem a quem lhe fez o mal!” (Comentários à coletânea de ahadith *Mishkat al-Masabih*).

Sahl bin Mu’adh bin Anas al-Juhni relata o que ouviu de seu pai, que ouviu-o do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), que disse: “Quem suprime a cólera dispondo dos meios de efetivá-la, Deus o chamará diante de toda a criação no dia da ressurreição e o fará escolher, entre as huris, a que ele quiser” (narrado por Abu Dawud).

Nada pode haver de melhor do que uma orientação correta que vem do seguimento do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e da tradução de suas nobres qualidades de caráter numa realidade visível, incorporada em nós.

O Islam é a religião da misericórdia*

Um dos aspectos da perfeição e da beleza da religião islâmica é o fato de ela ser a religião da misericórdia sob todos os seus aspectos. A misericórdia é a qualidade de caráter à qual o Nobre Alcorão atribui a mais elevada preeminência, distinguindo-a de todas as outras. Ora, a palavra “misericórdia” e outras palavras de mesma raiz são mencionadas no Alcorão 325 vezes, e isso não ocorre por mera coincidência, pois, no Alcorão, toda palavra e toda letra foram reveladas pelo decreto de Deus Altíssimo. Assim também, todos os instrumentos jurídicos de direitos humanos remetem, em sua origem e em seus princípios, àquilo que o Islam prescreveu desde seus primórdios.

Pois o Islam é, sob todos os aspectos, a religião da misericórdia, da moderação e do equilíbrio, da retidão e do aperfeiçoamento, da estabilidade e da segurança, da tranquilidade e da paz. O Profeta do Islam (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foi enviado por Deus como misericórdia para os mundos, como o próprio Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, diz: “E não te enviamos senão como uma misericórdia para os mundos” (21.107); também Seu livro é uma misericórdia, segundo Sua palavra: “E revelamos, no Alcorão, aquilo que é cura e misericórdia para os crentes” (17.82); e todas essas coisas se somam de tal modo que, se quiséssemos escolher um nome para esta religião que resumisse todas as suas qualidades, tal nome seria “a religião da misericórdia”.

A misericórdia, por sua vez, é uma palavra que reúne em si todas as boas e nobres qualidades de caráter. O eminente Ibn al-Qayyim (que Deus tenha misericórdia dele) disse: “A misericórdia é a causa do vínculo e da comunicação entre Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e Seus servos. Foi por meio dela que Ele enviou Seus Mensageiros e revelou-lhes Seus Livros; por meio dela guiou-os, por meio dela os fará habitar na morada de Sua recompensa, e por meio dela os sustenta, os alivia e os agracia. Da parte dos servos, o laço que os liga a Deus é a obediência e a adoração; da parte de Deus, o laço que O liga aos servos é a misericórdia.

* Autor: Dr. Hisham Abdul Aziz Ali, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

Nosso Nobre Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) fundou seu Estado sobre a misericórdia, e era esta a qualidade que o caracterizava por excelência. Disse o Altíssimo: “E não te enviamos senão como uma misericórdia para os mundos” (21.107). A misericórdia alcançou um grau tão elevado na natureza do Mensageiro (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, mencionou no Alcorão: “O Profeta é mais próximo dos crentes do que eles mesmos” (33.6); e o próprio Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) expôs essa realidade com clareza em sua palavra: “Não há crente de quem eu não seja o mais próximo neste mundo e no outro; pois lede, se quiserdes, ‘O Profeta é mais próximo dos crentes do que eles mesmos’. Assim, se um crente morrer e deixar bens, estes serão herdados por seus parentes, sejam eles quem forem; mas, se morrer e deixar dívidas ou filhos necessitados, que venham a mim, pois sou o responsável por ele” (narrado por Bukhari e Muslim).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deu à humanidade os mais admiráveis exemplos de misericórdia para com os seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais, pois sua misericórdia era ampla e abarcava toda a criação, inclusive o empregado que o servia. Anas (que Deus esteja satisfeito com ele) relata: “Servi ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) durante dez anos, e nem uma vez me dirigiu uma expressão de descontentamento ou disse: ‘Por que fizeste isto?’, ou ‘Por que não fizeste aquilo?’” (narrado por Bukhari e Muslim). E Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela) disse: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) jamais golpeou coisa alguma com sua mão – nem uma mulher, nem um servo –, exceto quando lutou no caminho de Deus; e jamais buscou retaliação por algo que lhe causasse dano pessoal, mas retaliava por conta de Deus caso uma das sagradas leis de Deus fosse violada” (narrado por Bukhari e Muslim).

As crianças pequenas também eram objetos de sua misericórdia. Narra Abu Huraira: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) beijou Hasan, filho de Ali, quando a seu lado estava sentado Al-Aqra’ bin Habis at-Tamimi. Al-Aqra’ disse: ‘Tenho dez filhos mas jamais beijei nenhum deles.’ O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) olhou para ele e então disse: ‘Não se terá misericórdia de quem não

tem misericórdia” (narrado por Bukhari e Muslim). Anas bin Malik (que Deus esteja satisfeito com ele), por sua vez, disse: “Nunca vi ninguém que fosse mais misericordioso com seus dependentes do que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Ibrahim foi enviado a um dos bairros distantes de Medina para ser amamentado, e sua ama-de-leite era esposa de um ferreiro, de modo que, quando ele ia visitar Ibrahim, encontrava a casa cheia de fumaça; pegava-o então no colo e o beijava” (narrado por Muslim).

Um dos sinais de que a misericórdia perpassa toda a criação é que Deus, glorificado seja, decretou que aqueles que se responsabilizam pelos órfãos – sustentando-os, encarregando-se de seus negócios, cuidando deles naquilo que necessitam – serão companheiros do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) no Paraíso. Sahl (que Deus esteja satisfeito com ele) narrou que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “No Paraíso, eu e a pessoa que se responsabiliza por um órfão seremos assim”, juntando os dedos indicador e médio e mostrando-os a título de ilustração (narrado por Bukhari). E, quanto a isso, tanto faz que o órfão seja parente da pessoa que por ele se responsabiliza ou não, pois Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narrou que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quanto à pessoa que se responsabiliza por um órfão de sua família ou de fora de sua família, eu e ela seremos como estes dois no Paraíso”, e Malik [ao narrar o hadith] juntou os dedos indicador e médio (narrado por Muslim).

Também os animais eram objetos da misericórdia dele (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Abdullah bin Ja’far (que Deus esteja satisfeito com eles dois) relatou que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) entrou certa vez na propriedade de um dos Ansar e havia lá um camelo. Quando este viu o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), chamou-o e de seus olhos correram lágrimas. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foi até ele e acariciou-lhe a testa, e assim o camelo ficou em silêncio. O Profeta disse então: “Quem é o dono deste camelo? De quem é este camelo?” Veio um jovem dentre os Ansar e disse: “É meu, ó Mensageiro de Deus.” O Profeta (que a bênção e a paz de Deus

estejam com ele) disse: “Acaso não temes a Deus no que se refere a esta montaria de que Deus te fez dono? Pois ele acaba de se queixar a mim de que o deixas passar fome e o obrigas a trabalhar demais” (narrado por Abu Dawud em seu *Sunan*). E Abdullah bin Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Uma mulher foi castigada e entrou no inferno por causa de uma gata que ela prendeu até morrer: não a alimentava nem lhe dava de beber enquanto a mantinha amarrada, nem tampouco a libertava para que pudesse comer dos insetos da terra” (narrado por Bukhari e Muslim).

Foi essa misericórdia que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) nos encorajou a praticar, notificando-nos de que o Deus Altíssimo tem misericórdia de quem a pratica. Abdullah bin Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O Misericordiosíssimo tem misericórdia dos misericordiosos; tende misericórdia de quem está sobre a Terra e Aquele que está no céu terá misericórdia de vós. As relações de parentesco derivam seu nome do nome do Misericordiosíssimo^{*}; quem as mantém unidas, Deus o mantém unido; e quem as rompe, Deus o rompe” (*Sunan* de Tirmidhi).

Numerosos aspectos de misericórdia se manifestam na lei islâmica. Um deles é que ela alivia as obrigações dos fracos e dos doentes, como na palavra do Altíssimo: “Não terão culpa o cego, o coxo, o enfermo. Quem obedecer a Deus e a Seu Mensageiro, Ele o fará entrar num Paraíso sob o qual correm os rios; e quem voltar atrás, Ele lhe infligirá um castigo doloroso” (48.17). E, assim como esse, há muitos outros exemplos na lei islâmica que mostram de modo claríssimo que o Islam, tanto em sua essência quanto em suas manifestações, é a religião da misericórdia, da facilidade e da preocupação com os interesses dos servos de Deus. O excessivo rigor, o extremismo, a dureza e a brutalidade não fazem parte dos princípios do Islam, pois contradizem, tanto no geral quanto no particular, seus ensinamentos de magnanimidade e largueza de alma. Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela) narra que o Profeta (que a

^{*} Em árabe, as relações de parentesco são designadas pela palavra *rahm*, que significa literalmente “útero”; “Misericordiosíssimo” é a tradução de *ar-rahmān*, um nome de Deus que tem a mesma raiz dessa palavra e a mesma raiz da palavra “misericórdia” (*rahma*). (N. do T.)

bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Em verdade, esta é uma religião dura; penetrai-a, pois, com suavidade, e não imponhas a adoração aos servos de Deus de maneira coercitiva, pois a pessoa que não tem esperança de completar a viagem há de parar no caminho” (Al-Baihaqi, em *Shu’ab al-Iman*; Ahmad narrou-o de forma resumida e, baseando-se em suas provas, declarou-o *hasan* [forte]).

Essa misericórdia nada tem a ver com desejos ou caprichos de quem a pratica; não há por trás dela a busca de nenhum benefício temporal ou interesse pessoal. A misericórdia do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) por sua comunidade alcançou um nível que desafia o intelecto e a imaginação. Ele chegou, por exemplo, a temer que os membros de sua comunidade exagerassem na adoração, sendo que é ela que nos aproxima de Deus! Buscou, assim, instituir na vida dos membros de sua comunidade o necessário equilíbrio entre a preguiça na adoração, de um lado, e uma exigência excessiva que excedesse as forças do indivíduo, de outro. Por isso, ele (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) muitas vezes abandonou atos que apreciava simplesmente por medo de que tais coisas se tornassem obrigatórias para sua comunidade; não queria afligi-la nem sobrecarregá-la. Aisha, a Mãe dos Crentes, disse: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) desistiu de muitas práticas que amava com medo de que as pessoas também as praticassem e elas acabassem tornando-se obrigatórias” (narrado por Bukhari e Muslim).

A misericórdia do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) nem tinha por objeto somente a vida dos muçulmanos em sociedades islâmicas, mas, ao contrário, ia muito além disso e chegava até às boas maneiras no combate em tempo de guerra, enfatizando que a guerra no Islam deve ser defensiva e visar à construção e não à destruição, ao desenvolvimento e não à devastação, e deve ter por objetivo a implementação da liberdade de escolha. A natureza da misericórdia profética se manifestou claramente na guerra quando o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) que o combate deveria ser travado somente com outros combatentes, e não deveriam jamais ser mortas crianças, idosos e os monges que haviam abandonado o mundo e se entregado à adoração de Deus; do

mesmo modo, não deveriam ser arrancadas árvores nem destruídas as propriedades, nem deveria ser violada a honra das mulheres.

Com efeito, o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) irou-se quando viu uma mulher morta ao fim de uma batalha. Hanzhala al-Katib disse: “Estávamos com o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) numa batalha quando ele passou pelo cadáver de uma mulher ao redor do qual as pessoas haviam se juntado. Disse então: ‘Não se deveria ter combatido contra ela. Ide a Khalid e dizei-lhe: Não mates as mulheres nem os servos assalariados’” (narrado por Ahmad, Abu Dawud e Ibn Hibban).

Outro aspecto da misericórdia no Islam é que ele determina a seus seguidores que não oprimam os não muçulmanos. Hisham relatou que seu pai disse: “Hisham bin Hakim bin Hizam estava caminhando quando passou por certas pessoas, agricultores da Síria, a quem haviam obrigado a ficar em pé sob o sol. Perguntou: ‘O que aconteceu com essas pessoas?’ Disseram-lhe: ‘Foram detidas por não pagar a jizya*.’ Disse então: ‘Dou testemunho de que ouvi o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) dizer: Deus atormenta a quem atormenta as pessoas neste mundo.’” (narrado por Muslim).

Do mesmo modo, o Islam proíbe toda agressão contra as pessoas que estão sob proteção ou com quem se firmou um pacto, como, por exemplo, os adeptos de outras religiões que vivem legalmente sob governo muçulmano. Nesse sentido, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem matar uma pessoa com quem se fez um pacto não sentirá o perfume do Paraíso, e esse perfume se sente a uma distância de quarenta anos de marcha” (narrado por Bukhari).

Esses exemplos significativos da misericórdia na vida do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foram expressão da misericórdia que Deus mesmo colocou em seu nobre coração. Pela bênção dessa misericórdia, Deus aliviou as preocupações de muitos de seus companheiros e abriu por meio dela as portas do bem e da graça. Disse o Altíssimo: “Por uma

* O imposto que deve ser pago pelos não muçulmanos que vivem sob domínio muçulmano. (N. do T.)

misericórdia de Deus foste manso para com eles. Se tivesses sido rude, bruto de coração, eles teriam se afastado de ti. Absolve-os, portanto, implora o perdão para eles e consulta-os sobre os assuntos. Quando te decidires, confia em Deus. Em verdade, Deus ama os que n'Ele confiam” (3.159). A lei islâmica é a lei da misericórdia e da facilitação, segundo a palavra do Altíssimo: “Deus quer tornar as coisas leves para vós, pois o homem foi criado fraco” (4.28).

O Islam é a religião da misericórdia, da civilidade, do afeto, da tolerância e da facilidade. Todo aquele que nos pega pela mão e nos conduz à misericórdia e à tolerância conduz-nos ao verdadeiro Islam; e todo aquele que nos pega pela mão e quer conduzir-nos à violência e à matança conduz-nos ao caminho da destruição – pois Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, enviou nosso mestre Muhammad (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) como misericórdia para os mundos.

Quem contempla a situação atual da humanidade percebe o quanto esta necessita da qualidade da misericórdia e da recuperação desse valor, que pode conduzir ao progresso da civilização e da cultura. A sociedade que não exalta a misericórdia em suas leis e nas relações entre os homens é uma sociedade dividida, por mais que se proclame civilizada, avançada e elevada.

O Islam é a religião da facilidade*

Nossa religião é a religião da facilidade e da magnanimidade, da mansidão e da indulgência, da suavidade e do amor mútuo, da generosidade e na nobreza, da integridade da natureza humana – uma religião que acolhe o ser humano sem artificialidade, coerção ou dificuldade. Uma das particularidades desta religião é que ela se caracteriza por facilitar todos os assuntos da vida. Na lei islâmica, o conceito de facilidade se define como a prática dos preceitos do Islam sem fanatismo, exagero ou excesso; não significa, de maneira alguma que o permitido se torne proibido ou que o proibido se torne permitido.

Esta religião dirige-se à humanidade como um todo – a todas as raças, grupos e modos de proceder em todo os cantos do mundo – e conforma-se às situações dos homens e às diferentes categorias humanas. Compreende, em seus juízos e preceitos legais, a facilitação e a largueza, de tal modo que não há, entre seus preceitos obrigatórios, nenhum que não encerre uma facilidade a fim de tornar possível a qualquer homem a sua prática, pois Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, não encarrega jamais nenhuma alma de algo que seja superior a suas forças, segundo Sua palavra: “Deus não impõe a nenhuma alma uma carga que ela não possa suportar. Terá ela em seu favor o bem que tiver feito, e terá contra si o mal que tiver cometido” (2.286).

A facilidade é algo que Deus quis para Seus servos nesta comunidade religiosa. Numa indicação claríssima que não permite interpretação contrária, Deus disse: “Deus quer para vós a facilidade e não a dificuldade” (2.185). A respeito dessa passagem corânica, dizem os exegetas: “Deus quer a facilitação, como, por exemplo, no fato de o viajante ou o doente não precisarem jejuar; e não quer para vós a dificuldade, ou seja, proscreeu os impedimentos e restrições nos assuntos religiosos. Por isso, Deus desobrigou a comunidade muçulmana de cumprir muitos mandamentos difíceis e opressivos. Disse o Altíssimo: “E não vos impôs dificuldade alguma quanto à religião” (22.78), e disse também: “Deus não impõe a nenhuma alma nada que não corresponda ao que lhe deu” (65.7). Deus quer, para esta comunidade, a leveza e a facilidade. Disse: “Deus quer tornar as coisas leves para vós, pois o

* Autor: Dr. Ashraf Fahmi Mahmud Musa, Diretor Geral do Ministério de Assuntos Religiosos.

homem foi criado fraco” (4.28). Ou seja, quer aliviar para vós as inconveniências e desconfortos em geral. O Imam Al-Alusi (que Deus tenha misericórdia dele) diz: De fato, Deus concedeu a esta comunidade um alívio que não concedeu às outras.

A religião islâmica foi qualificada como a religião da pureza e da tolerância (*din al-hanifiyya as-samha*) em razão daquilo que ela contém em matéria de facilidade em todos os assuntos. Abu Umama (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Não fui enviado senão com a pureza tolerante” (narrado pelo Imam Ahmad); e nosso Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deixou claro que nossa religião é a religião da facilidade, não do rigor, quando afirmou: “Em verdade, a religião é facilidade, e se um de vós a praticar de forma excessivamente rigorosa, ela se mostrará superior às suas forças. Segui, portanto, o caminho do meio ou algo próximo disso, e alegrai-vos, e buscai o auxílio [de Deus] pela manhã, no fim da tarde e durante parte da noite” (narrado por Bukhari).

Nosso Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) chamou-nos a atenção para o mais elevado objetivo de sua vinda quando disse: “Em verdade, Deus não me enviou para vos tratar com rigor, mas enviou-me como alguém que ensina e facilita; não há nenhuma mulher que me pergunte sobre o que quiser e a quem eu não responda” (narrado pelo Imam Ahmad). E o Mensageiro (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), quando enviou Mu’adh e Abu Musa ao Iêmen, recomendou-lhes a facilitação de modo claríssimo, ordenando: “Facilitai as coisas e não as dificulteis; dai boas novas e não assusteis as pessoas” (narrado por Bukhari e Muslim); e não se contentou com a ordem positiva, mas, para não deixar dúvida sobre o conteúdo de sua recomendação, proibiu-os de dificultar as coisas.

A facilidade e a largueza nos assuntos de adoração

Entre as principais manifestações da facilitação nos assuntos de adoração estão as dispensas que Deus concedeu a Seus servos a fim de aliviar-lhes das constrictões e inconveniências. É o caso, por exemplo, da dispensa do jejum para os viajantes e os doentes. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Deus gosta de que façais uso de Suas dispensas do

mesmo modo que detesta que O desobedeçais” (narrado pelo Imam Ahmad). Outro caso é a dispensa da oração, do jejum e da recitação do Alcorão para as mulheres menstruadas e durante o sangramento do pós-parto.

Outra facilidade desta religião é que ao muçulmano, quando não encontra água para fazer suas abluções, ou quando o uso da água pode deixá-lo doente, ou quando por algum outro motivo não pode abluir-se com água, permitiu-se que fizesse sua purificação ritual com terra seca. Tal dispensa tem por objetivo a facilitação, como se depreende da palavra do Altíssimo: “Se estiverdes doentes ou em viagem, e tiverdes acabado de fazer vossas necessidades ou de tocar mulher, e não encontrardes água, purificai-vos com terra pura, esfregando o rosto e as mãos com ela. Deus não quer causar-vos dificuldade; pelo contrário, quer purificar-vos e completar sua graça para convosco, a fim de que sejais gratos” (5.6). Do mesmo modo, foi prescrita a junção das orações obrigatórias e seu encurtamento em caso de viagem, chuva excessiva, doença, frio, perigos no caminho para a mesquita, ou ainda caso se tema que uma doença piore – em todos os casos torna-se lícito juntar e encurtar as orações obrigatórias, reduzindo-se para dois ciclos as de quatro ciclos.

Um dos aspectos de facilidade na peregrinação é que ela só é obrigatória para quem é capaz de custear a viagens e as provisões a serem levadas nesta, segundo a palavra do Altíssimo: “A peregrinação à Casa é um dever para com Deus, de todos os seres humanos que conseguirem empreendê-la; quem se negar, entretanto, saiba que Deus não necessita de nada por parte de criatura alguma” (3.97).

Uma das facilitações da peregrinação é ser ela obrigatória somente uma vez na vida, pois seria difícil para o muçulmano ter de cumpri-la todo ano. Abu Huraira relata: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) estava discursando para nós e disse: ‘Ó seres humanos, Deus tornou a peregrinação obrigatória para vós; empreendei-a, pois.’ Disse um homem: ‘Todo ano, ó Mensageiro de Deus?’, e repetiu-o três vezes. Disse então o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Se eu dissesse: Sim, isso tornar-se-ia obrigatório e não conseguiríeis cumpri-lo.’ E acrescentou: ‘Se eu não vos disse algo, deixai-o, pois aqueles que vos precederam foram destruídos tão somente pelo excesso de perguntas e pelo

que divergiram no que se referia a seus Profetas . Portanto, se vos ordenei algo, cumpri-o na medida em que o conseguirdes; e se vos proibi algo, abandonai-o.” (narrado por Muslim).

Outra facilidade do Islam é que ele proíbe o exagero na adoração, como aconteceu com o grupo que foi à casa do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Anas (que Deus esteja satisfeito com ele) relata: “Um grupo de companheiros do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) perguntaram às esposas dele sobre as obras [de adoração] que ele praticava em segredo. Alguns deles disseram: ‘Não nos casaremos com mulheres.’ Outros afirmaram que não iriam comer carne, e outros ainda declararam que não dormiriam sobre leitos. Quando o Profeta chegou, porém, ele louvou a Deus, glorificou-O e disse: ‘O que há com estes que dizem isto e aquilo, ao passo que eu rezo e depois durmo, jejuo e quebro meu jejum e me caso com mulheres? Aquele que se afasta da minha *sunna* não é dos meus.’” (narrado por Bukhari e Muslim).

A facilidade e a largueza nas relações entre os homens

Jábir (que Deus esteja satisfeito com ele) relata que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Deus tem misericórdia do homem que adota uma atitude magnânima ao vender, ao comprar e ao cobrar dívidas” (narrado por Bukhari). E Bukhari (que Deus tenha misericórdia dele), no capítulo sobre a indulgência e a magnanimidade no vender, diz: E quem tem um pedido justo a fazer, que o faça com modéstia.

Outro ato de facilitação e magnanimidade é a concessão de tempo ao devedor até que retorne à prosperidade, atendendo à ordem de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, quando diz: “Se o devedor se encontrar em situação precária, esperai até que venha-lhe a prosperidade; e perdoá-lo como ato de caridade seria melhor para vós, se soubésseis” (2.280). O Islam promove esse tipo de boa obra e promete o bem a quem a pratica. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem concede um tempo ao devedor em circunstâncias difíceis ou perdoa-lhe a dívida, Deus o cobrirá com Sua sombra num dia em que não haverá outra sombra além da Sua” (narrado por Muslim).

Outro aspecto da facilitação e da magnanimidade nas relações entre as pessoas é a proibição da especulação por meio do acúmulo ou confisco de alimentos ou bens comerciais a fim de elevar-lhes o preço, provocando a carestia. O acumulador incorre em pecado, como disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ninguém acumula, exceto o pecador” (narrado por Muslim).

Na compra e venda, o Islam permite aos que comerciam que exerçam o poder de escolha a fim de que não se vejam compelidos quer a comprar, quer a vender, pois poderia acontecer de um dos dois sofrer grande dano caso o negócio se concretizasse. Disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “O comprador e o vendedor têm a opção de não fecharem o negócio até que se separem; a partir de então, se tiverem falado a verdade e evidenciado o estado dos produtos, serão abençoados em sua transação comercial; se tiverem mentido e ocultado o estado dos produtos, extinguir-se-á a bênção de sua transação” (narrado por Bukhari). O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), inclusive, ia até os mercados para orientar as pessoas a serem fiéis aos compromissos assumidos e dissuadi-las da mentira, da fraude, do engano e da adulteração nas relações comerciais.

A facilidade e a largueza nas relações com os não muçulmanos

O Alcorão Sagrado sublinha a importância do bom trato com os não muçulmanos e a beneficência para com eles. Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, disse: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos” (60.8). E o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem injustiçar uma pessoa com quem foi feito um pacto [de proteção], ou lhe der menos que o de direito, ou obrigá-la a trabalhar mais do que suas forças permitem, ou tirar dela qualquer coisa sem o seu consentimento, serei eu o advogado dela no dia da ressurreição” (narrado por Abu Dawud).

Quando da conquista de Jerusalém, Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com ele) entrou em acordo com o povo da cidade e fez escrever o seguinte pacto: “Em nome de Deus, o Infinitamente Bom, o

Misericordioso. Isto é o que foi concedido por Omar, servo de Deus e Príncipe dos Crentes, ao povo de Élia, em matéria de segurança e proteção. Concedeu-lhes a salvaguarda de suas pessoas, seus bens, suas igrejas, suas cruzes, dos doentes e dos saudáveis entre eles e de toda a sua comunidade religiosa. Suas igrejas não serão ocupadas, demolidas nem tomadas, no todo ou em parte; nenhum de seus bens e de suas cruzes será confiscado. Eles não sofrerão coerção alguma em sua religião nem serão feridos.” Foram estas as garantias dadas aos habitantes de Élia Capitolina, como então se chamava Jerusalém: Omar garantiu-lhes a proteção de suas pessoas, de seus bens, de suas igrejas e cruzes e também de sua prática religiosa de maneira geral; suas igrejas não deveriam ser confiscadas nem destruídas; nenhuma regra religiosa lhes deveria ser imposta; e nenhum deles deveria ser exposto a qualquer vergonha ou aflição.

A facilidade e a largueza no Islam constituem um sistema excelente que preza por todos os aspectos da vida e impacta de modo altamente benéfico o indivíduo e a sociedade. Entre os efeitos desse sistema, podemos citar a redução da inquietação, da exasperação e do cansaço, e o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) nos indicou isso quando disse: “Dentre as obras, praticai aquelas que conseguis, pois Deus não se cansa até que vos canseis” (narrado por Bukhari e Muslim). Se o muçulmano se dedica à adoração por amor, o cansaço e a inquietação não o impedirão de praticá-la. A este respeito, disse o Imam Shatibi (que Deus tenha misericórdia dele): “De fato, Deus decretou que esta abençoada lei religiosa fosse pura, larga e fácil. Por meio dela, protege os corações de Suas criaturas e faz com que elas a amem. Os homens, por sua vez, se não se aproveitarem das facilidades e larguezas que a religião lhes oferece, acabarão por introduzir a insinceridade nas obras de que antes gostavam.”

Outro efeito desse sistema excelente é, por fim, a garantia de continuidade e permanência nas obras de adoração; e a continuidade nas boas obras é um dos mais importantes objetivos da lei islâmica.

O Islam é a religião da natureza humana original*

Uma das mais importantes particularidades que distinguem a pura religião islâmica é que ela é a religião da natureza humana pura e original em que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, criou o homem. Disse o Altíssimo: “Volta o teu rosto para a religião pura, a natureza original de Deus na qual Ele criou a humanidade. Não há alteração na criação de Deus. Essa é a religião perene, mas a maioria dos seres humanos a ignora” (30.30). Os ditos do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) também confirmam que o ser humano nasce na perfeita natureza original em que Deus o criou. Disse o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Não há recém-nascido que não nasça na pura natureza humana original, e são seus pais que fazem dele um judeu, ou um cristão, ou um masdeísta” (narrado por Muslim).

A natureza original em que Deus criou o ser humano é o monoteísmo. Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, criou os seres humanos cientes de Sua existência e de Sua unidade quando ainda eram espíritos puros, antes de nascerem no mundo terrestre. Disse o Altíssimo: “E quando teu Senhor extraiu das entranhas dos filhos de Adão os seus descendentes e os fez testemunhar contra si próprios, [perguntando-lhes]: Acaso não sou Eu o vosso Senhor? Disseram: Sim! Damos testemunho! [Isto] para que, no dia da ressurreição, não dissésseis: Não estávamos cientes. Ou não dissésseis: Nossos pais idolatraram antes de nós, e, como seus descendentes, os seguimos. Acaso exterminar-nos-ias pelo que fizeram os que seguiam a falsidade?” (7.172-173).

Quando se afirma que o Islam é a religião da pura natureza original na qual o ser humano foi criado, isso significa que a lei islâmica e os sentimentos islâmicos não contradizem nem se chocam com a lógica inata, o intelecto são e a disposição reta do ser humano, ainda que não muçulmano. O motivo da não contradição entre a religião e o intelecto são é que o Promulgador da lei religiosa e o Criador do intelecto são uma única pessoa: Deus, o Senhor dos Mundos. A prova mais cogente de que o Islam é a religião da pura natureza

* Autor: Dr. Yasir Ma'ruf Khalil, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

original do homem é o fato de o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ter afirmado que o critério para se distinguir o pecado da boa ação é a expansão ou a contração do peito: se algo expande a alma do sujeito e ele não tem vergonha de fazê-lo diante dos olhares das pessoas, isso é sinal de que se trata de um ato bom; se algo deixa o sujeito hesitante e ele tem vergonha de que as pessoas o vejam, isso é sinal de que se trata de um ato mau. Nawwas bin Sam'an al-Ansari (que Deus esteja satisfeito com ele) conta que perguntou ao Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) sobre a virtude e o pecado. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) respondeu: “A virtude são as boas qualidades de caráter, e o pecado é que te constrange a alma e que detestarias que fosse visto pelos homens” (narrado por Bukhari no livro *Al-Adab al-Mufrad*).

O Islam direciona os muçulmanos para aquilo que os aperfeiçoa e beneficia e que se harmoniza com sua natureza humana original. Ora, os preceitos da lei religiosa ordenam aquilo que beneficiará o muçulmano em sua religião e na vida deste mundo, e proíbem o que o conduzirá à destruição na religião e na vida.

Quando os árabes eram uma nação de pessoas iletradas, Deus fez surgir entre eles um Mensageiro, segundo Sua palavra: “Foi Ele quem levantou entre os iletrados um Mensageiro dentre eles, para recitar-lhes Seus versículos, purificar-lhes e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria, embora tivessem estado, antes, em evidente extravio” (62.2). Depois desse período de ensino e purificação, eles próprios enviaram ao mundo, para todas as direções da terra habitada, propagadores da religião da pura natureza original. Disse o Altíssimo: “Sois a melhor comunidade religiosa surgida para os seres humanos: ordenais o bem, proibis o mal e credes em Deus. Se o Povo do Livro cresse, isso seria melhor para eles; entre eles há crentes, mas em sua maioria são depravados” (3.110). Esta comunidade religiosa é, portanto, detentora de uma mensagem importantíssima para toda a humanidade sem exceção; ordena o bem, proíbe o mal, crê no Deus Único e trabalha para a propagação da religião de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, da melhor forma possível.

Além disso, os preceitos obrigatórios do Islam são, todos eles, concordes com a pura natureza original em que Deus, o Altíssimo, criou o ser humano e com a função para a qual o criou, qual seja, a de ser Califa

(representante) de Deus sobre a Terra. Os preceitos legais islâmicos foram legislados de acordo com a natureza original do ser humano e de forma a evidenciá-la. Assim, a oração obrigatória foi legislada de forma a facilitar ao muçulmano a sua execução, de tal modo que o camponês em sua lavoura, o operário em sua fábrica, o escrevente em seu escritório, o professor em sua escola, o médico em seu consultório, o engenheiro em sua obra, o imã em seu nicho de oração, o químico em seu laboratório – todos, caso não consigam dirigir-se à mesquita, podem fazer as orações no lugar onde estão, e sua oração será válida. Jâbir bin Abdullah (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Foram-me dadas cinco coisas que não foram dadas a ninguém antes de mim: [...] a Terra inteira foi-me dada como uma mesquita pura e purificante; onde quer que esteja um homem quando sobrevier o horário da oração, lá mesmo deve ele rezar” (narrado por Ahmad).

Do mesmo modo, para quem está em viagem, podem-se encurtar as orações de quatro ciclos e permite-se que se juntem as orações do meio-dia e da tarde, bem como as do crepúsculo e da noite – quer no horários das primeiras, quer no das segundas, e tudo isso para atender às dificuldades do homem. Do mesmo modo, o Islam leva em consideração a situação dos muçulmanos doentes: se o doente não consegue ficar em pé para rezar, ou não consegue sentar-se, ele já não é obrigado nem a uma coisa nem a outra. Também na guerra ou em situação de medo, a lei religiosa foi feita de modo a proteger a continuidade da vida do muçulmano. A facilitação e o alívio que vêm do encurtamento das orações durante uma viagem ou do fazer-se a oração sentado quando se está doente concordam com a pura e íntegra natureza original do ser humano e levam em consideração as diferentes situações em que os muçulmanos podem encontrar-se.

Também o jejum foi prescrito por Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, segundo a capacidade de quem o pratica, e não é obrigatório para o doente cuja doença o impede de jejuar; este deve, sim, dar, em lugar do jejum, uma caridade aos pobres. Mesmo a pessoa capaz de jejuar está dispensada de fazê-lo durante as viagens. Abdullah ibn Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O jejum em viagem não faz parte da piedade”

(narrado por Ibn Majah). Ou seja, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), ao qualificar a pessoa que está viajando, encontra dificuldades e não aproveita a dispensa do jejum, disse que ela não tem piedade religiosa, pois o Islam lhe permite não jejuar. Disse o Altíssimo: “Para quem entre vós estiver doente ou em viagem, um certo número de outros dias” (2.184). Já a pessoa forte, que consegue ter paciência ao jejuar em viagem ou não encontra dificuldade em fazê-lo, é aquela de quem fala o Nobre Alcorão no versículo: “E, se jejuásseis, isso seria melhor para vós, se o soubésseis” (2.184). Todas estas facilitações no jejum protegem a religião e a pessoa do muçulmano e são conformes com a pura e íntegra natureza original em que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, criou o ser humano.

Também a peregrinação, Deus tornou-a obrigatória somente a quem conseguir empreendê-la, segundo Sua palavra: “A peregrinação à Casa é um dever para com Deus, de todos os seres humanos que conseguirem empreendê-la; quem se negar, entretanto, saiba que Deus não necessita de nada por parte de criatura alguma” (3.97). A marca principal de todos os atos da peregrinação (mesmo sem dificuldades adicionais) é a facilitação de sua execução, a ponto de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, ter permitido que uma pessoa encarregue outra de executar todo o rito da peregrinação em seu nome, ou pelo menos as partes mais dificultosas, como o apedrejamento dos pilares e outras.

A tolerante lei islâmica faz suas prescrições para os seres humanos segundo a natureza original em que foram criados e não os constrange nem os incomoda, dificultando seus assuntos; pelo contrário, os afasta da adversidade e da dificuldade, concede-lhes o alívio e a facilitação, rejeita os incômodos e artificialidades e cuida de todos os assuntos da vida. Disse o Altíssimo: “Deus quer para vós a facilidade e não a dificuldade” (2.185); disse também: “Deus não impõe a nenhuma alma uma carga que ela não possa suportar” (2.286); e ainda: “E não vos impôs dificuldade alguma na religião, que é a do vosso pai Abraão; foi ele quem vos denominou muçulmanos antes” (22.78); e disse: “Deus não impõe a nenhuma alma nada que não corresponda ao que lhe deu” (65.7).

Convém ainda lembrar que a lei islâmica é compatível com a pura e íntegra natureza original do ser humano em tudo o que se refere aos

contentamentos e alegrias, à roupa, aos adornos e aos prazeres da vida que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, permitiu ao homem (sempre dentro dos limites de uma elevada civilidade). Disse o Altíssimo: “Ó filhos de Adão, revesti-vos de vossos melhores ornamentos quando fordes às mesquitas; comei e bebei; porém, não vos excedais, porque Ele não aprecia os que se excedem. Diz: Quem pode proibir as galas de Deus que Ele preparou para Seus servos e o desfrutar dos bons alimentos? Dize-lhes ainda: Estas coisas pertencem aos que creem durante a vida neste mundo; porém, serão exclusivas dos crentes no dia da ressurreição. Assim detalhamos os versículos ao povo dos conhecedores. Diz: Meu Senhor vedou tão somente as obscenidades, manifestas ou íntimas; o delito; a agressão injustificada; e atribuir parceiros a Ele, porque jamais deu autoridade a que digais d’Ele o que ignorais” (7.31-33). O Islam não prescreve ao ser humano um tipo especial de vestimenta ou um modo específico de viver, mas aceita diversos modos, desde que conformes à integridade natural. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) nos informou de que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, gosta de ver em Seus servos os sinais de Sua graça para com eles.

Faz parte da natureza original em que foi criado o ser humano a vontade de satisfazer suas paixões carnis. Por isso o Islam prescreveu o casamento como um meio lícito e válido de fazê-lo e não abandonou o ser humano à prática de obscenidades nem o sujeitou a perder as linhagens de ascendência; pelo contrário, orientou-o a constituir famílias puras e tornou-lhe lícito o matrimônio, o qual o Nobre Alcorão diz ser um repouso e no qual afirma encontrarem-se o amor mútuo e a misericórdia. Disse o Altíssimo: “E dentre os Seus sinais está o de haver criado para vós, de vós mesmos, esposas nas quais podeis repousar, e de ter feito surgir entre vós o amor mútuo e a misericórdia. Em verdade, há nisto um sinal para aqueles que refletem” (30.21). O Islam é, pois, uma religião que, no escopo daquilo que Deus legislou, leva em conta os desejos do coração do homem, as paixões de sua alma e as exigências de sua natureza carnal.

O Islam encoraja, ainda, a limpeza e a pureza do corpo e afirma que esta faz parte da natureza original do ser humano, na medida em que promove a integridade e a perfeita saúde do corpo, protegendo-o contra doenças infecciosas e outras. Assim, disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus

estejam com ele): “Cinco coisas fazem parte da pura natureza original do ser humano: aparar o bigode, depilar as axilas (arrancando os pelos), cortar as unhas, raspar os pelos pubianos e circuncidar-se” (narrado por Ibn Majah). Assim, o Islam concorda com a pura e íntegra natureza original do ser humano na medida em que prescreve essas coisas, e outras semelhantes, para garantir a saúde do corpo humano.

O Islam confirma a natureza original do ser humano na medida em que aprecia a força e a busca daquilo que nos beneficia; no entanto, também pôs limites à natureza. Assim, o Imam Muslim, em sua coletânea de ditos do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), deu a um dos capítulos o título de “A ordem de sermos fortes e abandonarmos a fraqueza” e narrou nele um dito de Abu Huraira segundo o qual o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O crente forte é melhor e mais amado por Deus do que o crente fraco, embora nos dois haja bem. Busca o que te beneficia, pede a ajuda de Deus e não desistas; e, se algo te afligir, não digas ‘Ah, se eu tivesse feito isto e aquilo’; antes, diz ‘Este é o decreto de Deus e Ele fez o que quis’, pois a palavra ‘se eu tivesse’ abre a porta para as obras de Satanás” (narrado por Muslim). O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) louvou os crentes fortes que atuam como o Altíssimo prescreveu em sua palavra: “Mobilizai todo poder que dispuserdes, em armas e cavalaria, para intimidardes, com isso, o inimigo de Deus e vosso” (8.60).

O Islam, portanto, prescreve todas as obras que a pura natureza original do ser humano confirma serem boas, e proscree todas aquelas que essa natureza tem na conta de más. Assim foi descrito o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) na palavra de Deus Altíssimo: “São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Torá e seu Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e lhes proíbe o mal, declara lícitas todas as coisas boas e torna ilícitas as imundas, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que os prendiam. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada – estes são os bem-sucedidos” (7.157). Se esta religião, em seus atos de adoração, suas leis, suas prescrições de caráter e sua civilização, não fosse conforme à pura e íntegra natureza original do ser humano, as pessoas não teriam entrado nela em grande número; no entanto, sua natureza e sua universalidade

ênfatizam sua capacidade de aperfeiçoar todos os aspectos corporais e espirituais da sociedade humana e sua compatibilidade com a natureza humana, tendo sido esta uma das principais causas de sua propagação pelos quatro cantos da Terra.

O Islam é a religião da paz*

O Islam é a religião da tranquilidade e da paz, da estabilidade e da segurança, que se difundiu pela tolerância e pela facilidade e jamais conheceu o extremismo, o rigorismo e a inimizade com as outras religiões. A história e os homens e mulheres honestos de todas as épocas dão o melhor testemunho disso. O Islam, pois, é a religião que protege os bens das pessoas, sua honra, seu sangue, suas almas e sua dignidade humana.

A paz é um dos mais elevados objetivos do Islam; somente o muçulmano verdadeiro o implementa, e somente o abandona a pessoa que tem uma concepção religiosa desviada. O Islam conclama à paz para que a sociedade goze de segurança; os indivíduos que a compõem possam dedicar-se ao trabalho, a atividades construtivas, à criatividade e à prosperidade; a tolerância, a cooperação e a fraternidade se tornem acessíveis a todos; que as causas dos conflitos, do rancor, da inimizade e das controvérsias desapareçam da vida dos homens; e que cada indivíduo que compõe a sociedade se torne um propagador do bem e trabalhe para consolidar seu valor e esclarecer seus caminhos.

A paz constitui, em si e por si, um dos ritos religiosos do Islam, pois Deus fez dela a saudação dos muçulmanos, a fim de que seu sentido profundo encontre aplicação nas circunstâncias de sua existência e nos assuntos de seu viver. Deus ordenou aos crentes que se saudassem com a paz ao encontrarem-se e separarem-se, segundo Sua palavra: “Se entrardes numa casa, saudai-vos uns aos outros com a paz – uma saudação vinda de Deus, bendita e benigna” (24.61).

A tranquilidade e a paz são uma só coisa: a segurança que brota da fé em Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e a quietude que emana da aplicação dos ensinamentos tolerantes e dos juízos justos que Deus, glorificado seja, inscreveu entre os ritos de sua religião, garantindo por meio deles a serenidade de Seus adoradores. Disse o Altíssimo: “Em verdade, a religião junto a Deus é o Islam” (3.19), e por que não? O Islam é a religião que realiza os princípios da

* Autor: Dr. Muhammad Ibrahim Hamid, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

paz entre os homens e assegura ao homem sua paz e sua felicidade a fim de que seja feliz nas duas moradas, ou seja, este mundo e o outro. Disse o Altíssimo: “Hoje completei para vós a vossa religião e arrematei para vós Minha graça, e vos sancionei o Islam como religião” (5.3).

Confirmando a realização do princípio da paz na Terra entre os homens, Deus recompensa com o Paraíso os que obram por esse princípio e os que o aplicam e instituiu a paz como saudação entre os habitantes do Paraíso. Disse, assim: “Saudarão os habitantes do Paraíso: A paz esteja convosco! Ainda não entraram nele, mas têm esperanças disso” (7.46); e disse também: “Nele habitarão eternamente com a permissão de seu Senhor; sua saudação, aí, será: Paz!” (14.23).

A Paz é um dos Belos Nomes de Deus

“A Paz” é um dos nomes de Deus, segundo Sua palavra: “Deus, Aquele além do Qual não há outra divindade! O Rei, o Santo, a Paz, o Fiel, o Guardião, o Todo-Poderoso, o Impositor, o Supereminente – glorificado seja, acima de tudo quanto Lhe associam!” (59.23). O significado desse nome é que Deus é a origem da paz, da integridade e da segurança, e todo aquele que buscar segurança em outro que não n’Ele não a encontrará. Ao fim de todas as orações, o Nobre Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) sempre orava: “Ó Deus, Tu és a Paz e de Ti vem a paz; bendito sejas, ó Senhor da Majestade e da Generosidade!” (narrado por Muslim). A paz e a segurança, assim, são conformes à sabedoria, ao poder e à vontade de Deus.

Nosso Senhor manifesta a paz a quem quer entre Seus servos. Disse, por exemplo, a Noé (que a paz esteja com ele): “Ó Noé, desembarca com a Nossa paz e bênção sobre ti e sobre as nações que virão dos que estão contigo” (11.48); acerca de Abraão (que a paz esteja com ele), disse: “a Paz esteja com Abraão” (37.109); sobre Moisés e Aarão (que a paz esteja com eles dois), falou: “a paz esteja com Moisés e Aarão” (37.120); sobre Elias (que a paz esteja com ele), falou: “A paz esteja com Elias” (37.130); e, sobre João Batista (que a paz esteja com ele), declarou: “A paz esteja com ele no dia em que nasceu, no dia em que morrer e no dia que for ressuscitado para a vida” (19.15). Além disso, falando com a língua de Jesus (que a paz esteja com ele),

disse: “A paz esteja comigo no dia em que nasci, no dia em que morrer e no dia em que for ressuscitado para a vida” (19.33).

A paz no Sagrado Alcorão

Pelo fato de a paz ser uma prescrição religiosa do Islam, Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, escolheu-a como a qualidade marcante da Noite do Decreto, na qual revelou o Sagrado Alcorão. Disse o Altíssimo: “Ela é a paz até o romper da aurora” (97.5). Além disso, Deus fez dela um dos nomes da morada da generosidade e do favor no dia da ressurreição, segundo Sua palavra: “Têm eles a morada da paz junto a seu Senhor” (6.127), e fez dela a saudação dos habitantes do Paraíso, dizendo: “Saudarão os habitantes do Paraíso: A paz esteja convosco! Ainda não entraram nele, mas têm esperanças disso” (7.46); disse ainda: “E introduzir aqueles que creram e obraram o bem em jardins abaixo dos quais correm os rios. Neles habitarão eternamente com a permissão de seu Senhor; sua saudação, aí, será: Paz!” (14.23); e declarou: “E encontrarão nele uma saudação e paz” (25.75); e disse, por fim: “E os anjos os adentram por todas as portas, [dizendo]: a paz esteja convosco por haverdes tido paciência! Que magnífica é a Última Morada!” (13.23-24).

A paz é o caminho para o Paraíso

Não há dúvida de que entrar no Paraíso é um dos objetivos do muçulmano, pelo qual ele permanece vigilante e se esforça. Por isso, o Mensageiro (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) delineou o caminho que a ele conduz e citou entre as causas da ida para o Paraíso a difusão da paz até disseminar-se o amor entre todos os homens. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Não entrareis no Paraíso até crerdes, e não creeris até vos amardes uns aos outros. Acaso não vos indicarei algo que, se o praticardes, amareis uns aos outros? Difundi a paz entre vós” (narrado por Muslim). A difusão da paz tem o efeito de consumir o amor entre os muçulmanos, sobretudo quando associada ao sorriso aberto e à franqueza do rosto; assim pode realizar-se o amor mútuo que é o sinal da perfeição da fé.

A difusão da paz que a lei islâmica prescreve não se resume à repetição de palavras com a boca; pelo contrário, seu significado é mais amplo. A difusão

da paz é a disseminação de uma cultura de paz, por palavras e atos, entre todas as criaturas, pois o muçulmano verdadeiro é aquele de quem as pessoas (todas as pessoas, com suas diferentes religiões, maneiras de proceder, nacionalidades e cores de pele) estão a salvo – a salvo do mal de sua língua e de suas mãos. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O muçulmano é aquele de cuja língua e cujas mãos as pessoas estão a salvo, e o crente é aquele a quem as pessoas confiam sua vida e seus bens” (narrado por Ahmad).

Esta é a verdadeira paz a que o Islam nos chama e que foi posta em prática de maneira perfeita pelo Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e por seus nobres companheiros (que Deus esteja satisfeito com todos eles).

A paz com o próximo

O Islam garante, a todos os não muçulmanos que vivem nas terras por ele dominadas, a segurança a paz em sentido amplo. Estão eles protegidos e seguros em suas pessoas, filhos, familiares, bens, honra e crenças, segundo a palavra do Altíssimo: “Não há compulsão na religião; o guiamento já se destacou do erro” (2.256); disse também (glorificado e exaltado seja): “Se teu Senhor tivesse querido, teria feito dos seres humanos uma só nação; porém, continuarão divergindo entre si” (11.118); e disse ainda: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos. Deus vos prescreve proibições somente no que se refere àqueles que vos combateram por causa da religião, vos expulsaram de vossas casas ou cooperaram na vossa expulsão. Em verdade, aqueles que tomam estes por amigos íntimos são injustos” (60.8-9).

O Islam ordena a seus adeptos que protejam a honra do próximo e tenham consideração por seus sentimentos, até mesmo em diálogos e discussões, como diz o Altíssimo: “E não discutais com o Povo do Livro, a não ser da melhor forma – exceto com aqueles dentre eles que foram injustos; e

dizei: Cremos naquilo que foi revelado a nós e foi revelado a vós; nosso Deus e vosso Deus são Um só, e a Ele nos submetemos” (29.46).

Com efeito, o Islam fez do conhecimento e do afeto mútuos o alicerce das relações entre os homens. Disse o Altíssimo: “Ó seres humanos, em verdade vos criamos de um homem e uma mulher e fizemos de vós povos e tribos para que vos conheçais uns aos outros. Em verdade, os mais nobres entre vós são os que mais temem [a Deus]” (49.13).

Quando o Profeta da Paz (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) emigrou para Medina, a Cidade Iluminada, encontrou ali uma sociedade dividida em múltiplas culturas e crenças. Não os obrigou, porém, a mudar suas crenças, mas aceitou a existência de pessoas que pensavam de maneira diferente e celebrou com elas um tratado de convivência pacífica: elas teriam a religião delas e ele, a dele; e pela primeira vez na história concretizou-se a paz social em terra islâmica.

A falsidade da ideia de que o Islam se propagou pela espada

Vem se repetindo a alegação falsa de que o Islam se propagou pelo fio da espada. No entanto, a própria palavra “espada” (*sayf*) não é mencionada no Alcorão nem sequer uma única vez, e as verdades históricas refutam essa alegação mentirosa e essa calúnia, pois as guerras no Islam sempre foram travadas defensivamente, em resposta a uma agressão prévia. A história não registra um único caso em que o Islam tenha sido o agressor.

Nosso Profeta Muhammad (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) permaneceu treze anos em Meca chamando as pessoas para o Islam com sabedoria e exortações espirituais, sem combater nem derramar uma única gota de sangue. Ele (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e seus companheiros eram oprimidos, castigados e punidos para renunciarem à sua religião. Nada disso, contudo, os fez desistir dela. A certa altura, Deus Altíssimo lhes permitiu emigrar a fim de salvaguardar a religião, mas nem assim conseguiram escapar à perseguição dos idólatras. Foi absolutamente necessário, então, que se lhes permitisse guerrear para a própria defesa, segundo a palavra do Altíssimo: “Permite-se o combate aos que foram injustiçados, e Deus é perfeitamente capaz de socorrê-los – aqueles que foram

expulsos injustamente de suas casas, apenas por dizerem: Nosso Senhor é Deus” (22.39-40).

Mesmo em meio à guerra e ao combate, o Islam manda que, caso o inimigo pronuncie a saudação de paz, se interrompam as hostilidades e o inimigo seja tratado como muçulmano e verdadeiramente desejoso de paz, segundo a palavra do Altíssimo: “Ó vós que credes: se sairdes [para combater] no caminho de Deus, tende discernimento e não digais a quem vos saúda com a paz: Não és crente – por desejo dos bens transitórios deste mundo. Junto a Deus há espólios em abundância. Vós mesmos também fostes como eles antigamente, e Deus vos concedeu Seus favores; tende, pois, discernimento, pois Deus está perfeitamente ciente do que fazeis” (4.94).

Não obstante, o Islam vê a paz como o estado original das relações internacionais e das relações entre as pessoas; as guerras são contingências excepcionais.

A paz é válvula de segurança das sociedades, aquilo que sustenta seus pilares e faz tremular suas bandeiras. A paz é aquilo pelo qual os filhos da sociedade vivem em estável segurança, o rosto da vida se mostra sorridente e a economia se fortalece. Pela paz a vida se alarga e torna-se aprazível e confortável.

É assim que a Verdade Absoluta – glorificado e exaltado seja – nos ensina a propagar a paz entre nossos filhos e familiares toda vez que entramos em nossas casas: “Se entrardes numa casa, saudai-vos uns aos outros com a paz – uma saudação vinda de Deus, bendita e benigna. Assim elucida Deus para vós os versículos, a fim de que os compreendais” (24.61).

E assim também a lei islâmica nos encarregou de propagar a paz por toda a sociedade, até que a segurança se torne generalizada, o bem se multiplique e a bênção se torne abundante.

O Islam é a religião da sinceridade*

A sinceridade é um segredo entre o servo e seu Senhor; não é vista nem pelos anjos (que, se a vissem, poderiam registrá-la no livro das boas obras da pessoa) nem pelos demônios (que, se a vissem, poderiam tentar pervertê-la). A sinceridade é o espírito da obediência e a essência da adoração. A obediência a Deus não é aceita senão em razão da sinceridade, pois Deus fez dela uma condição para aceitação de todas as boas obras, não somente na adoração, mas em tudo: todos os nossos atos e palavras.

O Islam é uma religião que recomenda a sinceridade a seus seguidores; recomenda também que eles se afastem da ostentação e da busca da boa reputação, da autopromoção e da fama. A sinceridade consiste em que o ser humano, por suas palavras e atos, no movimento e no repouso, busque somente a face de Deus Altíssimo e Sua satisfação, sem voltar o olhar para ganhos materiais, para a glória, para a autopromoção, a fama ou uma boa reputação entre os homens, nem vise a ser amado ou louvado pela criação.

A sinceridade pode ter por objeto Deus ou nosso país. No que se refere à **sinceridade para com Deus**, não adoramos senão a Ele e nossa adoração não se direciona a mais ninguém, de modo que não associamos ninguém a Ele e não cumprimos os atos de adoração para que as outras criaturas nos vejam ou falem bem de nós, nem muito menos para nos gabarmos deles, mas tão somente buscando a face de Deus, glorificado e exaltado seja. Afirma-se no Alcorão: “Em verdade, minha oração, minhas práticas rituais, minha vida e minha morte são para Deus, o Senhor dos Mundos, Aquele que não tem parceiros; isto é o que me foi ordenado, e sou o primeiro daqueles que se submetem” (6.162-163). Afirma-se também: “E não lhes foi ordenado senão que adorassem a Deus, dedicando-Lhe a religião com sinceridade e pureza” (98.5).

Quando um homem perguntou ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) sobre a pessoa que combate no caminho de Deus buscando fama e recompensas terrenas (que a louvem por sua coragem), ele

* Autor: Dr. Mas'ud Ahmad al-Shayb, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

(que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Em verdade, Deus não aceita as obras que não forem feitas somente em vista d’Ele e buscando a Sua face” (narrado por An-Nasa’i); disse também (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), num hadith em que o próprio Senhor das Majestade fala por sua boca: “Disse Deus, bendito e exaltado seja: ‘Eu sou Aquele que menos tem necessidade de parceiros. Quem faz algo em vista de outro que não Eu, abandono-o à sua idolatria” (narrado por Muslim).

Quanto à **sinceridade para com nosso país**, não trabalhamos senão para elevá-lo e fazê-lo progredir, e não somos afiliados a nenhum outro senão a ele, e não prestamos a ninguém nenhum auxílio que possa prejudicar nosso país, não deixamos que se perca sequer um grão de areia de seu território e amamos sua terra, seu povo e seu governo. O amor pelo país faz parte da perfeição da fé, como nos ensinou o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Quando ele (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e seus companheiros migraram de Meca para Medina – seu novo país – e a cidade foi assolada por uma epidemia de febre, e os corações dos companheiros ainda estavam ligados a Meca – seu país antigo –, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) pediu a seu Senhor que tornasse seu novo país (Medina, a Cidade Iluminada) querido pelos companheiros, o abençoasse em suas plantações, pomares e colheitas e o livrasse de suas doenças infecciosas. Disse: “Ó Deus, torna Medina amada por nós como era amada Meca, ou ainda mais; ó Deus, abençoa-nos em nossas medidas de frutos e cereais, torna-a saudável e transfere sua febra para Al-Juhfa” (narrado por Bukhari).

Mas o Islam não prega unicamente a sinceridade para com Deus e para com o país. Pelo contrário, convida à sinceridade em todas as manifestações da vida sem exceção. Prescreve a sinceridade no trabalho, na produção e na construção – ou seja, encoraja que essas coisas sejam feitas com perfeição. Também o Alcorão nos chama a isso, conforme a palavra: “Diz: Obrai! Deus, o Mensageiro e os crentes verão as vossas obras, e depois sereis devolvidos ao Conhecedor do Invisível e do Visível, e Ele vos informará a respeito do que tiverdes feito” (9.105). O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) diz: “Quando um de vós faz algo, Deus ama que o faça com a máxima perfeição possível” (narrado por Abu Ya’la e Tabarani).

O Islam também convida à sinceridade no amor e na associação com os crentes, de tal forma que o amor entre eles e suas relações mútuas sejam dedicados tão-somente a Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e não a qualquer outro objetivo, nem muito menos sejam desenvolvidos por interesse pessoal. Faz parte dessa sinceridade no amor e nas relações mútuas que aconselhemos as pessoas de forma sincera. Abu Muslim al-Khawlani disse: “Cheguei a uma mesquita de Damasco e me deparei com um grupo de pessoas sentadas em meio às quais havia um homem de meia-idade dos companheiros do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e também um jovem com *kuhl* nos olhos e dentes muito brancos; toda vez que entre eles surgia uma divergência sobre algo, levavam-na ao jovem. Perguntei a quem estava sentado comigo: ‘Quem é este?’, e ele respondeu: ‘Mu’adh bin Jabal.’ Vim de novo à noite e não os encontrei, então retornei pela manhã e eles também não haviam vindo. Retornei à noite e vi-me diante do jovem, que rezava ao lado de uma coluna. Fiz a oração e retornei até onde ele estava. Quando ele pronunciou o ‘salam’ final da oração, chamei-o e disse: ‘Eu te amo por Deus.’ Ele me chamou e disse: ‘Que disseste?’ Repeti: ‘Te amo, de verdade, por Deus.’ Ele disse: ‘Ouvi o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) dizer: Aqueles que se amam mutuamente por Deus estarão sobre púlpitos de luz à sombra do Trono num dia em que não haverá outra sombra senão a d’Ele.’ Saí então e encontrei-me com Ubada bin as-Samit, a quem contei o que me havia dito Mu’adh bin Jabal. Ele me disse: ‘Ouvi o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) narrar, da parte de seu Senhor, o seguinte: Têm direito ao Meu amor aqueles que se amam por Mim, e têm direito ao Meu amor aqueles que gastam uns com os outros por Mim, e têm direito ao Meu amor aqueles que se visitam mutuamente por Mim, e os que se amam mutuamente por Deus estarão em púlpitos de luz à sombra do Trono num dia em que não haverá outra sombra senão a d’Ele.’” (narrado por Ahmad). Além disso, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “A religião é sinceridade*.” Perguntaram-

* *Ad-dīnu naṣīḥa*: esta frase significa, literalmente, “A religião é conselho sincero”; mas o sentido profundo do hadith remete não ao conselho em si, pois não se vê de que maneira seria possível aconselhar a Deus e a Seu Livro, e sim à sinceridade de intenção que precede, ou deve preceder, todo conselho dado pelo bem do próximo. (N. do T.)

lhe os companheiros: “Para com quem?” Ele disse: “Para com Deus, com Seu Livro, com Seu Mensageiro, com os líderes dos muçulmanos e com os muçulmanos em geral” (narrado por Muslim).

O Islam também chama seus seguidores à sinceridade na busca de conhecimento, quer se trate de conhecimento religioso, quer de conhecimento mundano. O conhecimento não deve ser buscado por motivo de orgulho ou arrogância, nem muito menos para se ganhar dinheiro, honra ou autoridade, nem para discutir com os sábios, nem ainda para disputar com os ignorantes. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem aprende algo pelo qual se busca a face de Deus, e o aprende somente para ganhar os bens transitórios deste mundo, não há de sentir o perfume do Paraíso no dia da ressurreição” (narrado por Abu Dawud); e disse também (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Quem busca o conhecimento para poder acompanhar os sábios ou disputar com os ignorantes, ou ainda para atrair para si os olhares dos homens, Deus o introduzirá no inferno” (narrado por Tirmidhi).

O Islam chama seus seguidores à sinceridade na súplica, encorajando-os a suplicar a Deus com o coração desperto e temeroso – jamais disperso, desatento ou negligente. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Os corações são como recipientes, e alguns deles são mais atentos do que outros. Assim, ó homens, se pedirdes algo a Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, pedi-o com a certeza de que sereis atendidos, pois Deus não atende ao servo que lhe suplica com o coração desatento” (narrado por Ahmad). Disse também (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Se fizerdes a oração sobre um morto, suplicai por ele com sinceridade” (narrado por Abu Dawud e Ibn Majah).

O Islam conclama ainda à sinceridade na confiança em Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e à certeza de que Ele jamais frustrará as esperanças que n’Ele se depositam. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) afirma com as palavras de seu Senhor: “Eu [Deus] sou segundo a opinião que Meu servo tem de Mim e estou com ele quando se lembra de Mim; quando se lembra de Mim dentro de si mesmo, Eu me lembro dele em Mim Mesmo; quando se lembra de Mim em meio a um grupo, Eu me lembro d’Ele em meio a um grupo melhor; quando se aproxima de Mim um palmo, aproximo-Me dele

um côvado; quando se aproxima de Mim um côvado, aproximo-Me dele uma braça; quando vem a Mim caminhando, vou na direção dele correndo” (narrado por Bukhari e Muslim). E disse também: “Um homem dos filhos de Israel pediu a outro dos filhos de Israel que lhe emprestasse mil dinares. O outro pediu-lhe testemunhas, mas ele disse: ‘Deus basta como testemunha.’ Pediu-lhe então garantias, mas ele disse: ‘Deus basta como garantia.’ O outro concordou e deu-lhe os mil dinares a serem pagos num prazo determinado. Ele cruzou o mar e, quando resolveu seus assuntos, procurou um barco que o conduzisse de volta dentro do prazo combinado, mas não o encontrou. Então, pegou um pedaço de madeira, abriu nele um orifício, introduziu no orifício mil dinares e uma carta endereçada ao homem que lhe havia emprestado o dinheiro e fechou-o bem fechado. Levou o pedaço de madeira ao mar e disse: ‘Ó Deus, sabes que emprestei mil dinares de fulano. Pediu-me garantias; eu disse-lhe que Deus é suficiente como garantia, e ele aceitou-Te como garantia. Pediu-me testemunhas; eu disse-lhe que Deus é suficiente como testemunha e ele aceitou-Te como testemunha. Esforcei-me para encontrar um barco por meio do qual lhe enviasse o que lhe pertence, mas não consegui; entrego, pois, o dinheiro a Ti’ – e jogou-o no mar até que foi para longe, e então foi-se embora. Começou então a procurar um barco que o levasse de volta a seu país. Um dia, o homem que havia feito o empréstimo saiu para ver se não havia um barco chegando com seu dinheiro; deparou-se então com o pedaço de madeira dentro do qual estava o dinheiro e levou-o consigo de volta à sua família para servir de lenha. Quando o serrou, encontrou lá dentro o dinheiro e a carta. Pouco depois, chegou aquele que havia feito o empréstimo, trazendo consigo mil dinares, e disse: ‘Juro por Deus que procurei um barco para vir trazer-te teu dinheiro, mas não encontrei nenhum antes deste em que vim.’ O outro lhe disse: ‘Acaso me enviaste algo?’ Respondeu: ‘Te disse que não achei nenhum barco antes deste em que vim.’ O credor disse: ‘Pois Deus entregou em teu nome aquilo que enviaste dentro da madeira. Guarda, pois, teus mil dinares e segue teu caminho.’” (narrado por Bukhari).

Os sinais da sinceridade

Os sinais da sinceridade são muitos e diversos. Entre eles, pode-se mencionar o não esperar recompensa nem louvor de ninguém, pois o Profeta (que a

bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “A primeira pessoa que se julgará no dia do juízo será um homem que morreu mártir. Ele se apresentará, Deus lhe recordará Sua graça e ele a reconhecerá, e Deus lhe perguntará: ‘Que fizeste com ela?’ O homem dirá: ‘Lutei com ela por Ti até que morri mártir.’ Deus lhe dirá: ‘Mentira! Lutaste para que se diga: Fulano é valente, e isso já se disse.’ Então será ordenado que seja arrastado sobre seu rosto até ser lançado no inferno. Então será trazido um homem que aprendeu a sabedoria e a ensinou, e que recitou o Alcorão; a graça de Deus sobre ele lhe será recordada e ele a reconhecerá, então lhe será indagado: ‘Que fizeste com ela?’ Ele dirá: ‘Estudei a sabedoria e a ensinei, e recitei o Alcorão por Ti.’ Deus dirá: ‘Mentira! Estudaste a sabedoria para que se diga: Fulano é um sábio, e recitaste o Alcorão para que se diga que é um recitador, e isso já foi dito.’ Então será ordenado que seja arrastado sobre seu rosto até ser lançado no inferno. Um homem a quem Deus deu riqueza e bens será apresentado, Deus lhe recordará Sua graça com ele e ele as reconhecerá, e lhe será indagado: ‘Que fizeste com ela?’ O homem dirá: ‘Dei caridade e gastei pela Tua causa.’ Deus lhe dirá: ‘Mentira! Deste caridade para que se dissesse que eras generoso, e isso já foi dito.’ Então será ordenado que seja arrastado sobre seu rosto até ser lançado no inferno” (narrado por Muslim).

Outro sinal da sinceridade é a ocultação da adoração e da obediência a Deus. O Alcorão louva Zacarias, o Profeta de Deus (que a paz esteja com ele), por ter rogado a Deus no ocultamento e no segredo, dizendo: “Kaf, há, yá, ‘ayn, sad. Um registro da misericórdia do teu Senhor para com Seu servo Zacarias, quando dirigiu a seu Senhor, ocultamente, uma invocação” (19.1-3). Além disso, o Sumamente Verdadeiro, glorificado e exaltado seja, conclama seus servos crentes a ocultar a adoração e a obediência, dizendo: “Invocai vosso Senhor humilde e ocultamente, pois ele não aprecia os transgressores” (7.55). E, no hadith acerca dos sete tipos de pessoas que Deus protegerá com Sua sombra no dia da ressurreição, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) diz: “Um homem que deu esmola tão ocultamente que sua mão esquerda não soube o que sua mão direita fez” (narrado por Bukhari e Muslim). Abu at-Tayyah disse: “Que um homem passe vinte anos adorando a Deus e seu vizinho não o saiba” (do livro *A Sinceridade e a Intenção*, de Ibn Abi ad-Danya). Narra-se que Jesus, filho de Maria (que a paz esteja com eles

dois), disse: “Se um de vós for jejuar, que passe óleo na barba e nos lábios de modo que, quando sair, as pessoas digam: ‘Não está jejuando.’ Se um de vós for rezar, que o faça a portas fechadas, pois Deus distribui as recompensas como distribui o sustento. E, se um de vós for dar esmola, que a dê com a mão direita sem que a esquerda o saiba” (*Shu’ab al-Iman*).

Outro sinal da sinceridade é o medo e o temor do coração com a possibilidade de as boas obras não serem aceitas por Deus. O Alcorão diz: “Aqueles que são reverentes, por temor ao seu Senhor; que creem nos versículos do seu Senhor; que não atribuem parceiros ao seu Senhor; que dão o que dão com os corações cheios de temor, porque retornarão ao seu Senhor – estes apressam-se em praticar boas ações e serão os primeiros contemplados” (23.57-61). Sayyida Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela) indagou do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) sobre o sentido desse versículo, dizendo: “Por acaso estes são os que bebem vinho e roubam?” Ele respondeu: “Não, ó Filha do Veracíssimo [Abu Bakr], mas são aqueles que fazem jejum, rezam e dão esmola, e no entanto têm medo de que tais obras não sejam aceitas” (narrado por Bukhari).

Outro sinal da sinceridade é a pessoa desprezar a si mesma e não se sentir convencida em razão de sua obediência e adoração. Maymun bin Mihran disse: “Como são poucos os homens de grande valor! O homem é incapaz de olhar para si sem antes olhar para os outros, para o que lhes é ordenado fazer e para o quanto se dedicam à busca dos bens deste mundo. Diz então: ‘Todos estes são comparáveis a camelos: não têm outra preocupação senão encher a barriga.’ Porém, quando vê o quanto vivem desatentos [de Deus], cai em si e diz: ‘Por Deus, também não me vejo melhor que um camelo.’” (*Hilyatul-Awlya’* e Ibn Al-Mubarak em *Az-Zuhd*).

O Islam é a religião da produtividade*

O Islam alicerça sua comunidade religiosa sobre a ideia de que cada um de seus membros deve ser não somente um consumidor passivo, mas um produtor ativo; que seja um de muitos instrumentos que trabalham para construir um mundo de beleza. Assim, ressalta a dignidade do trabalho e nos manda buscar ativamente as coisas boas e participarmos da colonização da terra e de seu desenvolvimento por meio da agricultura, do comércio, da indústria e da construção de instalações fabris; manda-nos ainda instituímos empresas produtivas que atendam às necessidades dos homens, mas ao mesmo tempo nos alerta para que o ser humano não seja preguiçoso, imóvel e dependente dos outros para tudo de que necessita. O Majestoso Alcorão também nos chama a atenção para a importância do trabalho. Disse o Altíssimo: “Diz: Obrai! Deus, o Mensageiro e os crentes verão as vossas obras” (9.105).

Desse modo, o Islam enfatiza o trabalho, o esforço e o investimento das forças e capacidades que, sem mérito algum, recebemos de Deus, a fim de procurarmos nosso sustento com nobreza e dignidade. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) chamou a atenção de sua comunidade para isto quando disse: “Que um de vós junte lenha em fardos sobre suas costas é preferível a que peça e que outro lhe dê ou lhe negue”. Ou seja, é mais digno um homem ir à floresta, cortar lenha, juntá-la, levá-la nas costas e ir ao mercado vendê-la do que estender a mão como pedinte a outra pessoa, quer esta lhe dê algo, quer lhe negue, pois a negação o envergonha e o ato de receber é um favor que se lhe faz.

O Islam conclama todos os homens a serem nobres de espírito, a serem generosos e a se absterem de pedir; para tanto, devem trabalhar e buscar o sustento; em vez de preguiçosamente estenderem a mão para pedir, devem esforçar-se no trabalho. Al-Bukhari e Muslim narram que Ibn Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) disse: “Disse o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Se um de vós mendigar

* Autor: Dr. Usama Fakhri al-Jundi, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

continuamente, não haverá sequer um pedaço de carne em seu rosto quando encontrar Deus.” O Imam An-Nawawi (que Deus tenha misericórdia dele) disse: “O sentido desse *hadith* é que tal pessoa chegará envergonhada e cabisbaixa no dia da ressurreição e não terá coragem de mostrar o rosto a Deus. Ou, numa interpretação literal: ficará de costas para Deus, pois, quando for ressuscitada, seu rosto terá apenas ossos, sem carne; tal será seu castigo, e será também um sinal de seus pecados, pois pediu e mendigou descaradamente. O *hadith* se refere àqueles que pedem sem real necessidade, ou pedem mais do que precisam” (narrado por Muslim, com comentário de An-Nawawi).

Vale a pena lembrar que o Islam entende o trabalho de maneira aprofundada e nos convida a extrair os tesouros da terra e a viver do que dela tiramos. Disse o Altíssimo: “E vos instalamos com autoridade na Terra e nela vos proporcionamos subsistência, mas poucos são gratos” (7.10). Exige-se assim um esforço sincero no sentido de buscar o sustento na Terra ou extrair dela os seus tesouros e minerais, ou ainda de fabricarmos os instrumentos e ferramentas que nos possibilitam fazer isso – isto se realmente quisermos construir para a comunidade islâmica uma economia saudável.

Tal era e continua sendo o convite do Islam a que nossas energias sejam direcionadas para o trabalho e a produtividade, e isso por meio do uso dos membros, dos talentos, das capacidades e das forças que Deus concedeu livremente ao ser humano e do direcionamento de tudo isso para a busca do sustento. Daí a condenação das expressões de mendicância e pobreza. O Altíssimo diz: “Ele foi Quem vos fez a terra manejável. Percorrei-a, pois, por todos os seus quadrantes e desfrutai das Suas mercês; a Ele será o retorno!” (67.15). Tabarani narra que Ka’b bin Ujra (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Um homem passou pelo Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), e os companheiros do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), vendo ser ele forte e energético, disseram: ‘E se este estivesse no caminho de Deus, ó Mensageiro de Deus?’ o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: ‘Se ele saiu para buscar o sustento dos filhos pequenos, está no caminho de Deus; se saiu para atender às necessidades dos pais idosos, está no caminho de Deus; e se saiu para atender às próprias necessidades, está no caminho de Deus.’”

Voltemos nosso olhar para os companheiros do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e para como o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) os ensinou a serem produtivos, a beneficiarem a comunidade, a não serem preguiçosos e a nada mendigarem de ninguém. Bukhari, em sua coletânea, narra a partir de Anas (que Deus esteja satisfeito com ele): “Quando Abdul Rahman bin Auf chegou [a Medina], o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) instituiu laços de irmandade entre ele e Sa’d bin Rabi’ al-Ansari, que propôs dividir com ele tudo o que tinha inclusive suas esposas; mas Abdul Rahman disse: ‘Que Deus te abençoe nas tuas esposas e nos teus bens; apenas conduz-me até o mercado.’”

Abdul Rahman bin Auf (que Deus esteja satisfeito com ele), por meio desse ato, demonstra para nós a educação que recebeu do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), a mesma que todos os companheiros receberam: uma educação para a independência, o trabalho e o esforço, para que fossem produtivos e beneficiassem a sociedade a que pertenciam. Assim, Abdul Rahman bin Auf foi ao mercado e começou a comerciar e a procurar seu sustento.

O Islam prometeu a todo aquele que se esforça e faz a terra prosperar uma recompensa abundante, pois cada vez que lavra a terra é contada como uma caridade, e é conhecida a recompensa da caridade e o quanto ela atua como tratamento para doenças; além disso, a pessoa que assim atua é uma das sete que estão sob a sombra de Deus num dia em que não haverá outra sombra que não a d’Ele – e muitas outras recompensas são mencionadas não somente no Livro de Deus como também na nobre *sunna* do Mensageiro. Bukhari e Muslim narram em suas coletâneas que Anas (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Disse o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Todo muçulmano que plantar uma sementeira ou lavrar a terra, e dela comer uma ave, um outro ser humano ou uma besta de montaria, tal ato lhe será contado como caridade.’” O Islam estimula o trabalho até a última respiração da vida do homem e ainda que chegue a Hora do Juízo Final. Em seu *Musnad*, o Imam Ahmad narra que Anas bin Malik (que Deus esteja satisfeito com ele) relata que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus

estejam com ele) disse: “Se chegar a Hora e um de vós tiver nas mãos uma muda de tamareira, se conseguir ainda plantá-la, deve plantá-la.”

Uma das benesses do trabalho é que ele continua tendo efeitos até depois da morte. O Imam Muslim narra que Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) relata que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quando morre o filho de Adão, todas as suas obras cessam, exceto três: uma caridade que continua produzindo frutos, o conhecimento do qual as pessoas se beneficiam e um filho virtuoso que reza por ele.”

Por outro lado, o Islam também repudia o desemprego oculto e o subemprego e considera-os entre as principais causas do atraso econômico dos países. Assim, estimula todo trabalhador, em seu trabalho, a pôr em movimento os empreendimentos parados a fim de que a produção seja suficiente para atender às necessidades das pessoas; caso haja excedente, o mesmo pode talvez ser exportado, e o efeito disso é uma injeção de dinheiro vivo que estimula a economia do país, promovendo o bem de todos. Esta é a mensagem do Islam a quem queira promover um aumento de produção e, por fim, a sua abundância.

Olhemos pois para as melhores de todas as criaturas, quais sejam, os Profetas e Mensageiros (que a paz esteja com eles), e nos espelhemos no exemplo e no modelo deles, pois eles, embora fossem os mais nobres dos homens, trabalhavam a sério e esforçavam-se para ganhar a vida. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) trabalhava no comércio sob as ordens de Sayyida Khadija (que Deus esteja satisfeito com ela), e antes disso pastoreava carneiros. Num hadith narrado por Bukhari a partir de Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele), o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Deus não mandou nenhum Profeta que não tenha pastoreado carneiros.” Perguntaram seus companheiros: “Tu também?” E ele respondeu: “Sim, pastoreava-os para o povo de Meca em troca de alguns quilates.”

Deus ensinou a nosso mestre Davi (que a paz esteja com ele) a fabricação de armaduras. Davi era excelente ferreiro e fabricava excepcionais armaduras de guerra. Disse o Altíssimo: “E Ihe ensinamos a arte de fazer couraças (*labus*) para vós” (21.80) – a palavra árabe *labus* significa, neste caso “armadura”. O Imam Qurtubi (que Deus tenha misericórdia dele), a este

respeito, diz: “Este versículo justifica que se faça uso de ofícios e de meios [...] Acerca do Profeta Davi, Deus Altíssimo nos informa também que ele fazia armaduras e cotas de malha e comia do fruto do trabalho de suas mãos. Diz o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Ninguém come um alimento tão bom quanto aquele que come do fruto do trabalho de suas mãos, e o Profeta Davi (que a paz esteja com ele) comia do fruto de trabalho de suas mãos.’ Adão (que a paz esteja com ele) era agricultor, Noé (que a paz esteja com ele) era carpinteiro, Luqman era alfaiate e Saul era curtidor ou, segundo alguns, carregador de água, e o exercício de um ofício torna o homem independente dos demais.” Na coletânea de Muslim tem-se que Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Zacarias era carpinteiro.”

Moisés (que a paz esteja com ele) foi pastor de carneiros durante oito anos, como conta a história de seu encontro com as duas filhas do homem justo, antes de se casar com uma delas. Disse o Altíssimo: “Disse: Na verdade, quero casar-te com uma das minhas duas filhas, com a condição de que me sirvas durante oito anos; porém, se cumprires dez, será por teu gosto, pois não quero obrigar-te e, se Deus quiser, achar-me-ás entre os justos. Respondeu-lhe: Tal fica combinado entre mim e ti, e seja qual for dos dois termos o que eu tenha de cumprir, que não haja inimizade contra mim. E Deus é guardião de tudo quanto dizemos!” (28.27-28).

O Islam, na medida em que é um sistema global, conclama ao desenvolvimento, ao progresso, ao crescimento e à criação de uma entidade econômica para a comunidade islâmica inteira a fim de permitir que e quaisquer dificuldades sejam enfrentadas e todas as suas necessidades sejam atendidas. Foi assim que disse o Altíssimo: “E vos instalamos com autoridade na Terra e nela vos proporcionamos subsistência, mas poucos são gratos” (7.10).

O crente inteligente não deixa passar em branco estes nobres versículos corânicos, mas, pelo contrário, procura moldar sua personalidade de acordo com eles. Deixa-se influenciar por esses versículos e transforma-os num projeto de trabalho e num programa de aplicação. É absolutamente necessário que sejam extraídos da terra os meios de vida de que nos falou nosso Senhor, Majestoso e Altíssimo; e para tanto é preciso uma sociedade que trabalhe com

toda a energia para extraí-los e torná-los realidade, de tal modo que as benesses desse processo retornem à sociedade como um todo. E é esse o sentido do desenvolvimento econômico por meio do qual ensinamos à nossa geração diversas profissões, ofícios e ocupações, para que essa geração seja uma verdadeira agente do tão necessário desenvolvimento. Isso não é possível senão por meio do trabalho e do aumento da produtividade. Assim, ocuparemos no mundo o lugar que é nosso por direito.

O Islam não conclama ao trabalho mal feito; pelo contrário, o homem deve ter por constante companheira a consciência do valor da excelência em sua atividade profissional, a fim de que os ofícios se distingam e se destaquem; e, se isso não for feito, de que poderão reclamar as pessoas? Se não fosse pela ausência de excelência no trabalho, todos os trabalhadores valorizariam a excelência e a tomariam por modelo; se cada trabalhador exercesse seu ofício com excelência para o bem do próximo, os diferentes ofícios se distinguiriam e cooperariam entre si, jamais resistindo uns aos outros, e a própria comunidade islâmica se distinguiria pela excelência e o avanço de seus produtos. Disse o Deus Altíssimo: “Faz tudo bem feito, como Deus tem feito para contigo” (28.77). Que a excelência, pois, seja tomada como norma em todas as coisas para que o valor do trabalho bem feito seja enfatizado, como enfatizou o Profeta de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) quando disse: “Quando um de vós faz algo, Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, ama que o faça com a máxima perfeição possível” (narrado por Tabarani).

Do mesmo modo, o Islam enfatiza a confiabilidade no trabalho, vedando a adulteração, a fraude, a falsificação e o “jeitinho”. A adoração a Deus não é composta apenas de ritos religiosos, mas engloba também as relações entre os homens, e os ritos religiosos não têm validade se as relações com os homens não são conduzidas corretamente. Portanto, cabe ao ser humano ser digno de confiança, temente a Deus e veraz nas palavras, e implementar em seu trabalho, além desses, todos os demais traços louváveis de caráter, para garantir uma produção forte e abundante que garanta a aceleração da economia.

Aquele que implementa essas qualidades de caráter em seu trabalho é conduzido por Deus Altíssimo à riqueza e a um grau elevado comparável ao dos mártires. Ibn Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o

Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O comerciante muçulmano veraz e confiável estará com os mártires no dia da ressurreição” (narrado por Tirmidhi e Al-Bayhaqi).

O Islam, portanto, conclama ao trabalho, à produtividade e ao investimento de nossas energias na criação de uma entidade econômica forte para toda a comunidade islâmica; e as bases de tudo isso são a integração econômica e o ensino de profissões, ofícios e ocupações diversificados. No Islam, não há ocupação indigna, exceto aquelas que foram proibidos nos textos do Alcorão e da Sunna.

O Islam é a religião da perfeição*

O Islam é a religião da perfeição: recomenda-a e distingue-se por ela, pois fez dela um dos meios pelos quais o ser humano pode adorar a Deus e d'Ele se aproximar. Todo trabalho que o muçulmano fizer com sinceridade para com Deus, procurando executá-lo da melhor forma em vista do benefício do próximo, será contado como um ato de adoração e de obediência a Deus Todo-Poderoso e Majestoso. A compreensão do trabalho como um ato de adoração a Deus Altíssimo é um dos maiores incentivos à perfeição em sua execução e exercício.

Se a perfeição é um dos mais importantes meios de adoração a Deus Todo-Poderoso e Majestoso e de aceitação de nossas obras na outra vida, também é um dos meios mais poderosos para se alcançar a preeminência e o progresso nesta vida, e basta lançarmos um olhar para a realidade para percebermos que a causa do atraso dos muçulmanos em tantos aspectos da vida é a perda do espírito de sinceridade e de busca de perfeição no trabalho. Nossos talentos, forças e capacidades são maiores que as do Oriente e do Ocidente; no entanto, negligenciamos a perfeição, ao mesmo tempo em que se generalizam a anarquia e a preguiça.

Muitos sábios fizeram uma distinção entre a excelência (*ihsan*) e a perfeição (*itqan*). A perfeição é a consumação dos requisitos e o exercício da plenitude das forças e capacidades na execução do trabalho, segundo as condições deste e a natureza de sua realização; já a excelência é tudo isso e algo mais: que o principal ímpeto e incentivo à busca da perfeição seja a consciência de que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, está nos observando, e o pudor diante desse olhar de Deus Altíssimo, e a busca da recompensa que vem d'Ele; no quadro da excelência, os benefícios mundanos vêm como mera consequência e não constituem o móvel primeiro da busca da perfeição e do fazer bem feito. Para o muçulmano, portanto, a excelência é a perfeição acrescida de algo mais, ao passo que, para o não muçulmano, é a perfeição somente.

* Autor: Dr. Omar Mahmud Abdul Ghaffar, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

Assim, pede-se ao trabalhador que busque a perfeição em seu trabalho e procure exercê-lo com excelência na medida de suas forças. Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, criou o mundo e fez com que tudo o que há sobre a Terra – seres humanos, animais, plantas, prazeres e encantos – fosse um ornamento para a própria Terra e para seus habitantes, para assim prová-los e testá-los e evidenciar quais deles buscam a perfeição e a excelência em seu trabalho e quais promovem a corrupção e as más ações, de modo a poder recompensar o que busca a perfeição e castigar o que age mal. Disse o Altíssimo: “Tudo quanto há sobre a Terra criamos para ornamentá-la, a fim de provarmos-los e vermos quais deles têm as obras mais excelentes” (18.7).

Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, ordenou a Seus servos que trabalhassem nos assuntos do mundo e da religião, e notificou-lhes de que suas obras, no futuro, serão vistas por todos. Disse o Altíssimo: “Diz: Obrai! Deus, o Mensageiro e os crentes verão as vossas obras, e depois sereis devolvidos ao Conhecedor do Invisível e do Visível, e Ele vos informará a respeito do que tiverdes feito” (9.105). Nisto há um aviso para que não se abandone nem se negligencie a perfeição, pois as obras de todos estão sob o olhar de Deus; instiga-se assim a perfeição e a busca da excelência. O versículo nos lembra que Deus, por Seu conhecimento absoluto, vê todas as criaturas, como aliás confirmou o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) quando esclareceu o sentido da excelência, dizendo: “Que adores a Deus como se o visses, pois, se não O vês, Ele em verdade te vê” (narrado por Bukhari e Muslim).

A perfeição é uma das qualidades de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e Ele – glorificado seja – ama, dentre as Suas criaturas, aquelas que se adornam com qualidades semelhantes às Suas. No livro *Uddat as-Sabirin*, Ibn Qayyim disse: “Deus Altíssimo ama Seus Nomes e Suas qualidades e ama aquilo que Suas qualidades requerem, bem como a manifestação dos sinais delas em Seus servos: assim, Ele é Belo e ama a beleza; é Indulgente e ama os indulgentes; é Generoso e ama os generosos; é Onisciente e ama os homens e mulheres de conhecimento; é Ímpar e ama o ímpar; é Forte, e o crente forte é-Lhe mais amado que o crente fraco; é Paciente e ama os pacientes; faz o bem e ama os que fazem o bem; é Grato e ama os gratos. Se Ele, glorificado seja, ama aqueles que se adornam com os

sinais de Suas qualidades, então Ele está com eles na medida em que participam delas.”

Ora, a perfeição é evidente em todas as criaturas de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso. Disse o Altíssimo: “E verás as montanhas, que te parecem firmes, passarem rápidas como as nuvens – tal é a obra de Deus que fez perfeitas todas as coisas, e Ele está Ciente de tudo quanto fazeis” (27.88). Verás as montanhas, que julgas estáticas e estáveis, correrem rápidas como as nuvens levadas pelo vento: isto é obra de Deus, que fez perfeitas todas as coisas – criou-as e aperfeiçoou-as. Em verdade, Deus está Ciente de tudo de bom e de mal que Seus servos fazem, e os recompensará ou castigará de acordo com esse conhecimento.

A respeito da perfeição e da singularidade da criação do ser humano, Deus Altíssimo disse: “Aquele que fez com excelência tudo o que criou, e iniciou a criação do ser humano a partir da argila” (32.7). Deus o criou, portanto, com excelência, perfeição e esmero, e fez dele algo singular e maravilhoso em sua forma e função, na medida das exigências da Sua sabedoria. O mesmo se pode dizer do reino dos céus e da Terra, no qual se manifesta a perfeição de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso; por mais que um examinador atento procure no universo alguma brecha ou fenda, não a encontrará: “Não encontrarás falta alguma na criação do Infinitamente Bom” (67.3).

Deus Altíssimo ordenou que Seus servos buscassem a excelência em suas obras e ama ver neles essa busca. Assim, disse: “Fazei tudo com excelência; em verdade, Deus ama os que fazem o bem” (2.195). Esta excelência é a perfeição e a precisão.

Sabemos que o Nobre Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) recomendou à sua comunidade a perfeição em todos os aspectos da vida. Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quando um de vós faz algo, Deus ama que o faça com perfeição” (*Sunan* de Al-Bayhaqi). Nesse hadith, a palavra “algo” não leva o artigo definido. Assim, tem um sentido absolutamente geral, indicando que Deus, glorificado e exaltado seja, ama o crente que obra com perfeição em todas as circunstâncias de sua vida e em todas as suas obras.

Além disso, Deus Altíssimo prescreveu a excelência em todas as coisas: ordenou-a, por exemplo, no sacrifício de animais, embora pareça tratar-se de um ato comum que visa tão-somente à morte do animal. Abu Ya'la Shaddad bin Aus (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Deus prescreveu a excelência em todas as coisas. Assim, se matardes, matai com excelência; e, se degolardes um animal, degolai com excelência: que cada um de vós afie bem a sua lâmina e alivie o sofrimento do seu animal” (narrado por Muslim). Ou seja, é obrigatório para os muçulmanos buscar a excelência e a perfeição em todos os aspectos de suas obras, e este hadith indica que essa busca da excelência deve ser feita na medida da capacidade de cada um.

A excelência e a perfeição foram prescritas também quando se amortalam os cadáveres, pois diz o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Se um de vós for amortalar um irmão seu, que o faça com excelência”, ou seja: lave-o, perfume-o e escolha o melhor e mais limpo tecido, e tudo isso faz parte das exigências da perfeição. A escavação da sepultura e o próprio ato de sepultar também devem ser feitos com perfeição, por ordem do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Asim bin Kulayb narra as palavras de seu pai, que disse: “Junto com meu pai, estava numa oração fúnebre na qual estava também o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Eu era um menino inteligente, de bom entendimento. Terminada a oração fúnebre, fomos ao túmulo e suas paredes se encontravam instáveis. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) começou então a dizer: ‘Regularizem esta sepultura’, até que as pessoas supuseram tratar-se de uma *sunna*. Ele olhou então para elas e disse: ‘Isto não beneficia nem prejudica o morto, mas Deus ama que a pessoa que faz algo o faça com excelência.’” (*Sunan* de Al-Bayhaqi).

Quanto aos diversos atos de adoração, também chegou a nós a ordem do Nobre Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) para que sejam executados com perfeição e de forma completa. Nas leis religiosas a respeito do chamado para a oração, por exemplo, manifestam-se as exigências de perfeição e excelência na preferência pelos mais competentes e em deixá-los a cargo daquilo para o qual eles têm competência. O chamado para a oração foi recebido em sonho por Abdullah bin Zayd al-Ansari, mas o Profeta

(que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) encarregou Bilal de fazer o chamado. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse a Abdullah bin Zayd: “Vai a Bilal e conta-lhe o que viste, e que ele faça o chamado, pois sua voz é mais alta e melhor que a tua” (narrado por Abu Dawud). Com relação à ablução, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se alguém fizer a ablução com excelência, seus erros sairão de seu corpo” (narrado por Muslim).

Sobre a purificação e a higiene recomendada para a sexta-feira, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) diz: “Quem toma um banho na sexta-feira e o faz de forma excelente, e se purifica e o faz de forma excelente, e veste suas melhores roupas, e passa [no corpo] aquilo que Deus lhe decretou passar dos perfumes de sua família, e depois vai à oração de sexta-feira e não fala frivolidades nem separa duas pessoas [empurrando-as para entrar na fileira de oração] – todos os pecados que tiver cometido entre essa sexta-feira e a sexta-feira anterior lhe serão perdoados” (narrado por Bukhari e Muslim). A recompensa abundante e o prêmio imenso são resultado da perfeição na execução do ato, e não do ato em si.

Sobre a oração e sua perfeição, diz o Altíssimo: “Estabelecei a oração” (2.43). Usou a palavra “estabelecimento” (*iqama*) e não “prática” ou “execução” (*ada*), pois a primeira compreende em si a perfeição, a excelência e a completude, e desse estabelecimento, marcado por essas qualidades, que decorre a recompensa abundante; é por meio dele, e pelo poder de Deus, que o muçulmano alcança os frutos que se esperam da oração.

A perfeição é também uma das condições para o progresso na memorização do Alcorão. Tudo que o muçulmano fizer com perfeição nesse domínio será motivo de elevação. Disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “A pessoa hábil na recitação do Alcorão estará com os [anjos] escribas nobres e obedientes, e aquele que recita o Alcorão e gagueja, e encontra dificuldade, terá uma dupla recompensa” (narrado por Bukhari e Muslim).

Já a perfeição nos trabalhos deste mundo é mencionada claramente nos textos da lei islâmica, que atribuem grande importância à colonização da Terra, ao esforço para seu desenvolvimento e a busca de tudo o que nela há de bom. No Islam, a perfeição não é um atributo exclusivo dos ritos de adoração nem

das ciências religiosas, mas também abarca as atividades e ciências mundanas, que são contempladas pela religião e nesta encontram seu fundamento.

Entre as manifestações da busca da perfeição nos assuntos deste mundo, podemos citar a perfeição nas obras de arquitetura e engenharia. Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, mencionou em Seu Livro a mais formidável obra de construção sobre a face da Terra: a muralha de Gog e Magog, e mencionou também como ela levou aos limites extremos a perfeição e a precisão de execução no intuito de proteger a humanidade da aflição de Gog e Magog. Disse o Altíssimo: “Trazei-me blocos de ferro, até cobrir o espaço entre as duas montanhas. Disse: Assoprai [com vossos foles] até que fiquem vermelhos como fogo. Disse mais: Trazei-me cobre fundido, que jogarei por cima” (18.96). Ou seja, os blocos de ferro foram dispostos entre as duas montanhas e o fogo foi usado para derretê-los e fundi-los numa só peça; depois, cobre fundido foi derramado por cima, formando com o aço uma liga à prova de penetração. Não se conhece, pois, sobre a face da Terra, construção alguma que seja mais esplêndida nem que tenha beneficiado tanto a criação. Caso se pergunte qual o edifício mais útil que existe, a resposta é a muralha de Dhul Qarnayn, pois, se ela não existisse, Gog e Magog invadiriam o mundo dos homens e corromperiam a vida neste mundo. O próprio Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) preocupou-se com a perfeição na construção de sua mesquita em Medina, com se narra no hadith de Talaq bin Ali (que Deus esteja satisfeito com ele), que disse: “Vim ver o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e seus companheiros quando estavam construindo a mesquita, e pareceu-me que ele não estava apreciando o trabalho deles. Quando vi o que estavam fazendo, comecei a manejar com destreza uma pá de ferro e com ela misturei a argila, e pareceu-me que ele apreciou o fato de eu ter pego a pá e apreciou meu trabalho. Então, ele disse: ‘Dexai a argila com o Hanafi, pois ele é o melhor de vós com a argila!’” (narrado por Ibn Hibban).

Vale a pena lembrar que o trabalho imperfeito é devolvido a quem o fez, pois não merece pagamento neste mundo e tampouco é aceito por Deus, Todo-Poderoso e Majestoso. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele), no hadith sobre a oração mal feita, diz que “chegou e rezou, depois foi até o

Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e o saudou com a paz. O Profeta retribuiu-lhe a saudação e disse: 'Volta e reza, pois não rezaste.' Ele voltou e rezou, depois foi até o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e o saudou com a paz, e tudo se repetiu por três vezes" (narrado por Bukhari e Muslim).

A lei islâmica considera a pessoa que obra com imperfeição responsável pelos males que essa imperfeição causa, e isto para que os muçulmanos saibam que a perfeição é necessária até nas mais humildes profissões. Quem trabalha com imperfeição é responsável por aquilo que destruiu ou estragou com os erros que cometeu por ignorância, negligência ou imperícia. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: "Quem pratica a medicina e não é conhecido como médico antes disso será responsável" (narrado por Abu Dawud). E Ibn Mundhir disse: "É consenso que o médico, quando não transgride as normas da medicina, não é responsável, pois é hábil em sua arte" (*Hawashi Tuhfatul Minhaj*). E Ibn Quddama disse: "Não são responsáveis o profissional de ventosas, o que faz circuncisão e o médico, caso sua habilidade em suas respectivas artes seja conhecida e suas mãos não provoquem mal (ou seja, não transgridam as normas da arte)" (*Al-Mughni*). Já aquele que não é conhecido por sua habilidade torna-se responsável quando provoca algum mal em razão de sua falta de capacidade na arte ou profissão.

Se até os não muçulmanos podem esforçar-se em prol da perfeição, observando as condições corretas de trabalho, as qualidades necessárias para o exercício de sua profissão e conquistando a confiança de seus clientes, quanto mais não cabe ao muçulmano aperfeiçoar seu trabalho em todos esses quesitos e, antes disso ainda, fazê-lo por saber que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, está olhando para ele e o recompensará de acordo com suas obras: se obrar bem, terá uma boa recompensa; e pedimos que Deus encubra os pecados daquele que obra mal e os alivie.

O Islam é a religião da civilização*

O Islam é a religião da civilização e conclama seus seguidores ao trabalho, à produtividade, à construção e a cultivo daquilo que conduz ao desenvolvimento e ao conforto. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se chegar a Hora [do Juízo Final] e um de vós tiver nas mãos uma muda de tamareira, se conseguir ainda plantá-la, deve plantá-la” (narrado por Ahmad). O Islam não reconhece o ócio nem a preguiça. Disse o Altíssimo: “Diz: Obrai! Deus, o Mensageiro e os crentes verão as vossas obras” (9.105). E disse Ibn Mas’ud (que Deus esteja satisfeito com ele): “Não gosto de ver um homem ocioso, que não esteja trabalhando nem para a outra vida nem para esta” (*Az-Zuhd* de Ibn al-Mubarak).

O Islam conclama à habitação da terra e a que busquemos beneficiar a humanidade em seu conjunto, independentemente de suas crenças, da cor de pele e da nacionalidade. Perguntou-se ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ó Mensageiro, quem dos homens é o mais amado por Deus?” Ele disse: “O mais amado por Deus é o que mais beneficia a humanidade” (*Al-Mu’jam al-Awsat*, de Tabarani). O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), portanto, não fez menção alguma a nacionalidade, cor ou religião.

O Islam também conclama a que os seres humanos conheçam uns aos outros e entrem em boas relações entre si, lembrando de que todos têm uma origem única. E essa é uma das mais importantes provas de que Deus quer a civilização. Ele disse: “Ó seres humanos, em verdade vos criamos de um homem e uma mulher e fizemos de vós povos e tribos para que vos conheçais uns aos outros. Em verdade, os mais nobres entre vós são os que mais temem [a Deus], e Deus é Conhecedor, Bem-Informado” (49.13).

A história dá testemunho de uma civilização islâmica que durou mais de mil anos numa época em que a Europa afundava nas trevas da ignorância e do atraso, e isso apesar do atraso que assola os muçulmanos hoje em dia em tantas esferas; e as pessoas de bem entre os muçulmanos não fingem não

* Autor: Dr. Mas’ud Ahmad al-Shayb, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

saber que a civilização islâmica estendeu-se por centenas de anos e beneficiou a humanidade como um todo.

Diz a orientalista alemã Sigrid Hunke: “A Europa pré-medieval não merecia a atenção de ninguém, assim como não a mereciam os acontecimentos extra-europeus ocorridos naquela época. Quem se preocupava com o fato de que, naquele tempo, bem às portas da Europa, os árabes tenham sido portadores por setecentos e cinquenta anos do estandarte da civilização, que tenham conhecido um período de esplendor duas vezes mais longo que o dos gregos e que tenham, por fim, exercido sobre a Europa uma influência ainda maior que a destes últimos? [...] Quem tem ciência dessas coisas e fala sobre elas?” (*O Sol dos Árabes Brilha sobre o Ocidente*).

Caso se entenda a civilização como o progresso e a elevação da cultura e do pensamento, e o desenvolvimento das cidades e das populações, bem como o desenvolvimento das ciências experimentais e empíricas, foi o Islam que lançou os alicerces desse progresso, como se verá em seguida.

Contribuições do Islam ao progresso cultural

O Islam trouxe um conjunto de sistemas e leis que garantem os direitos políticos e sociais a todos os grupos, nacionalidades e raças que vivem sob a sua guarda, sem fazer distinção entre ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e velhos, servos e senhores e assim por diante, promovendo uma igualdade que não encontra paralelo nem nas civilizações antigas nem nas modernas. Sobre esse sistema que organiza as relações entre todos os que vivem sob a sua bandeira, e organiza as relações entre estes e os membros de outras comunidades, sem falar nas relações com o Senhor de todas as criaturas, diz o Altíssimo, glorificado seja: “Ó vós que credes, que nenhum povo zombe do outro; é possível que (os escarnecidos) sejam melhores do que eles (os escarnecedores). Que tampouco nenhuma mulher zombe de outra, porque é possível que esta seja melhor do que aquela. Não vos difameis, nem vos motejeis mutuamente com apelidos. Muito vil é o nome da malignidade depois de ter recebido a fé! E aqueles que não se arrependem serão os iníquos. Ó fiéis, evitai tanto quanto possível a suspeita, porque algumas suspeitas implicam em pecado. Não vos espreiteis, nem vos calunieis mutuamente. Quem de vós seria capaz de comer a carne do seu irmão morto? Tal atitude

vos causa repulsa! Temei a Deus, porque Ele é Remissório, Misericordiosíssimo. Ó seres humanos, em verdade vos criamos de um homem e uma mulher e fizemos de vós povos e tribos para que vos conheçais uns aos outros. Em verdade, os mais nobres entre vós são os que mais temem [a Deus], e Deus é Conhecedor, Bem-Informado” (49.11-13). E diz também: “Adorai a Deus e não Lhe associeis ninguém. Tratai com benevolência os pais, os parentes próximos, os órfãos, os necessitados, o vizinho próximo, o vizinho distante, o companheiro que está ao vosso lado, o viajante e os servos de vossa propriedade. Deus não ama que seja arrogante, pretensioso” (4.36). E diz ainda: “Nada omitimos no Livro” (6.38).

Do mesmo modo, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foi enviado pela Verdade Absoluta para completar a construção iniciada pelos Profetas e Mensageiros que vieram antes dele. Deus fez disso a ocupação dele e disse no Alcorão: “Foi Ele quem levantou entre os iletrados um Mensageiro dentre eles, para recitar-lhes Seus versículos, purificar-lhes e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria, embora tivessem estado, antes, em evidente extravio” (62.2). E o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Não fui enviado senão para aperfeiçoar a integridade de caráter” (narrado por Ahmad).

Contribuições do Islam ao progresso da sociedade

O Islam prescreveu a seus seguidores o trabalho, a produtividade e a habitação da Terra, bem como o enriquecimento dos indivíduos e das famílias, por ser essa uma das finalidades da criação do homem. Disse o Glorioso: “E a Thamud [Deus enviou] seu irmão Salih. Disse: ‘Ó meu povo, adorai a Deus, pois não tendes outra divindade a não ser Ele. Criou-vos a partir da terra e estabeleceu-vos nela; pedi-Lhe perdão, pois, e em seguida voltei-vos para Ele. Em verdade, meu Senhor está próximo e sempre pronto a atender [aos que Lhe pedem]” (11.61). E disse também: “Ele foi Quem vos fez a terra manejável. Percorrei-a, pois, por todos os seus quadrantes e desfrutai das Suas mercês; a Ele será o retorno!” (67.15). E o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deixou claro a seus companheiros (que Deus esteja satisfeito com eles) que o trabalho e o esforço em prol da própria pessoa, da família e dos filhos é uma espécie de combate no caminho de Deus. Certa vez, passou

por eles um homem forte, que causou admiração nos companheiros (que Deus esteja satisfeito com eles) por sua força e energia, de tal modo que eles expressaram o desejo de que ele lutasse no caminho de Deus, ou seja, pela causa de Deus. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) então lhes disse: “Se ele saiu para buscar o sustento dos filhos pequenos, está no caminho de Deus; se saiu para atender às necessidades dos pais idosos, está no caminho de Deus; se saiu para atender às próprias necessidades, está no caminho de Deus. Porém, se saiu para que as pessoas o vejam e para poder gabar-se, está no caminho do diabo” (*Mal-Mu’jam al-Kabir wal-Awsat* de Tabarani).

O Islam também conclama ao aprendizado das ciências experimentais e empíricas. O Alcorão faz inúmeras alusões científicas que nos fazem voltar os olhos para essas ciências, como, por exemplo, nesta palavra do Altíssimo: “Mostrar-lhes-emos nossos sinais nos horizontes e neles mesmos até que lhes fique claro que ele é a Verdade. E não basta que teu Senhor seja Testemunha de todas as coisas?” (41.53). E também nesta: “E não refletiram sobre o reino dos céus e da Terra e todas as coisas que Deus criou? E que seu fim talvez esteja próximo? Em qual mensagem, pois, depois deste Alcorão, acreditarão?” (7.185). E ainda esta: “E na Terra há sinais para os que têm certeza, e também em vós mesmos. Acaso não vedes?” (51.20-21). Disse também o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “A busca do conhecimento é obrigatória para todo muçulmano” (*Al-Mu’jam al-Kabir* de Tabarani).

Muitos muçulmanos distinguiram-se em numerosas ciências naturais e por meio delas beneficiaram toda a humanidade. Entre eles, podem-se mencionar Ibn Sinna (Avicena; *m* 427 a.H.), autor do livro *Normas da Medicina*, que se tornou a principal obra de referência em medicina por longo tempo; Ibn Nafis (*m* 687 a.H.), descobridor da circulação sanguínea muito antes de William Harvey; Ibn Khadun (*m* 808 a.H.), o primeiro a falar sobre a ciência dos assentamentos humanos e que foi considerado por causa disso como o fundador das modernas ciências sociais, com seu livro *Al-Muqaddima*; Ibn Haitham (*m* 430 a.H.), considerado o primeiro fundador das ciências da perspectiva e da ótica e um dos pioneiros do método científico moderno; e Al-Biruni (*m* 440 a.H.), o primeiro a defender a tese de que a Terra gira em torno do próprio eixo. Al-Biruni, além de viajante, foi filósofo, astrônomo, geógrafo,

geólogo, matemático, físico, farmacêutico, historiador e tradutor das culturas da Índia.

A evolução do conceito de civilização e a precedência do Islam a esse respeito

Como qualquer outro conceito, o conceito de civilização também evoluiu com o passar do tempo. Se antes a civilização significava o avanço e a elevação da cultura e do pensamento e o desenvolvimento urbano, populacional e científico, adquiriu agora um sentido novo e mais amplo. A palavra “civilização” passou a designar os legados, particularidades e singularidades que caracterizam os povos, sociedades e nações e os distinguem dos demais, e nesse sentido fala-se da civilização do Egito Antigo, da civilização grega e assim por diante.

Também o Islam tem particularidades que o distinguem das demais nações e sociedades, pois é uma religião universal, válida para todos os tempos e lugares, que deu arremate às mensagens celestiais. Entre aquilo que é próprio do Islam, podem-se mencionar diversos pontos, alguns dos quais trataremos abaixo.

O convite à paz social e mundial e o estabelecimento da paz como valor e como princípio: o saque e o roubo, bem como a perturbação e o ataque de pessoas sob proteção, mesmo não muçulmanas, não fazem parte dos ensinamentos do Islam. A guerra santa só é lícita quando for travada em defesa do país, das coisas sagradas e da honra, e o Islam não se propagou pelo fio da espada como falsamente se afirma. Deus, glorificado e exaltado seja, diz: “Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores” (2.190). E diz também: “E se Deus não tivesse repellido algumas pessoas por meio de outras, teriam sido destruídos mosteiros, igrejas, sinagogas e mesquitas, onde o nome de Deus é frequentemente mencionado. Sabei que Deus secundará quem O secundar em Sua causa, porque é Forte, Poderosíssimo” (22.40).

O Islam lançou os fundamentos da cooperação por meio da tolerância para com aqueles que são diferentes, desde que estes não incitem o mal contra os muçulmanos. O Glorioso e Exaltado diz: “Se eles se inclinam à paz, inclina-te tu também a ela e confia em Deus, porque Ele é o Oniouvinte, o Sapientíssimo” (8.61). E diz também: “Deus nada vos proíbe no que se refere

àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos. Deus vos prescreve proibições somente no que se refere àqueles que vos combateram por causa da religião, vos expulsaram de vossas casas ou cooperaram na vossa expulsão. Em verdade, aqueles que os tomam por amigos íntimos são injustos” (60.8-9). E diz o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ó homens, não desejeis o encontro com o inimigo, e pedi a Deus que vos mantenha em segurança; porém, se o encontrardes, tende paciência e sabei que o Paraíso está sob a sombra das espadas” (narrado por Bukhari). Diz ainda: “É mal suficiente para um homem o desprezar seu irmão muçulmano. Todo muçulmano é inviolável para outro muçulmano: seu sangue, seus bens, sua honra” (narrado por Muslim).

Do mesmo modo, o Islam protege a vida e os bens dos não muçulmanos que vivem com os muçulmanos e proíbe que sejam desprezados e injustiçados. Nesse sentido, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem matar uma pessoa com quem se fez um pacto não sentirá o perfume do Paraíso, e esse perfume se sente a uma distância de quarenta anos de marcha” (narrado por Bukhari). E disse também: “Quem injustiçar uma pessoa com quem foi feito um pacto [de proteção], ou lhe der menos que o de direito, ou obrigá-la a trabalhar mais do que suas forças permitem, ou tirar dela qualquer coisa sem o seu consentimento, serei eu o advogado dela no dia da ressurreição” (narrado por Abu Dawud).

O equilíbrio entre as necessidades do espírito e do corpo: O monasticismo (que consiste em abandonar as atividades do mundo, renunciar a seus prazeres e afastar-se das pessoas) não faz parte dos ensinamentos do Islam, e do mesmo modo entregar-se às paixões não é uma obrigação islâmica. O Islam veio para instituir um equilíbrio entre as necessidades do espírito e as do corpo, sem excesso nem negligência. O Alcorão diz: “Então, após eles, enviamos outros mensageiros Nossos e, após estes, enviamos Jesus, filho de Maria, a quem concedemos o Evangelho; e infundimos nos corações daqueles que o seguiam compaixão e clemência. No entanto, [agora] seguem a vida monástica, que inventaram, mas que não lhes prescrevemos; [Nós lhes prescrevemos] apenas que buscassem com prazer a Deus; porém,

não o observaram devidamente. E recompensamos os crentes dentre eles; porém, a maioria deles é depravada” (57.27).

Narra Anas bin Malik (que Deus esteja satisfeito com ele): “Três homens vieram às casas das esposas do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e perguntaram sobre a adoração dele. Quando foram informados, consideraram insignificante a sua própria adoração e disseram: ‘Onde estamos nós em comparação com o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), a quem Deus perdoou os pecados passados e futuros?’ Então, um deles disse: ‘Quanto a mim, passarei a rezar a noite inteira.’ Disse um outro: ‘Jejuarei continuamente e não quebrarei meu jejum.’ E disse o outro: ‘renunciarei às mulheres e jamais me casarei.’ O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foi até eles e disse: ‘Fostes vós que dissestes tais e tais coisas? Por Deus, sou mais temente a Deus do que vós e mais obediente a Ele do que vós, e no entanto jejuo e quebro meu jejum, rezo e me deito para dormir e me caso com mulheres; e quem se afasta da minha *sunna* não é dos meus” (narrado por Bukhari).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) instituiu um laço de irmandade entre Salman e Abu Darda (que Deus esteja satisfeito com eles dois). Então, Salman visitou Abu Darda e viu [sua esposa] Umm Darda usando roupas surradas. Disse-lhe: ‘Por que isto?’ Ela disse: ‘Teu irmão Abu Darda não tem necessidade deste mundo.’ Quando chegou Abu Darda, preparou comida para Salman e disse: ‘Come, pois estou jejuando.’ Salman disse: ‘Não comerei até que comas’, e ele comeu. Quando chegou a noite, Abu Darda levantou-se para rezar, mas Salman disse: ‘Dorme’, e ele dormiu. Depois, Abu Darda levantou-se novamente, e mais uma vez Salman disse: ‘Dorme.’ Quando chegou o fim da noite, Salman chamou-o e disse: ‘Levanta-te agora’, e os dois rezaram. Depois, disse Salman: “Teu Senhor tem direitos sobre ti, tua alma tem direitos sobre ti e tua esposa tem direitos sobre ti; dá, pois, a cada um o que lhe é de direito.’ Abu Darda foi então ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e contou o que lhe tinha sido dito, e o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: ‘Salman falou a verdade.’” (narrado por Bukhari).

O equilíbrio entre o trabalho para este mundo e o trabalho para o outro: O trabalho, o empenho e o esforço para ganhar a vida são, no Islam,

uma forma de adoração, e o Islam não quer somente que seus seguidores construam mesquitas, mas quer também que desenvolvam a Terra com a mesma dedicação ou ainda mais. Deus, glorificado e exaltado seja, diz: “Procura, com aquilo com que Deus te agraciou, a morada do Outro Mundo, e não te esqueças da tua porção neste mundo, e sê excelente como Deus tem sido para contigo, e não semeies a corrupção na terra, porque Deus não aprecia os corruptores” (28.77). E disse o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ninguém come um alimento tão bom quanto aquele que come do fruto do trabalho de suas mãos, e o Profeta Davi (que a paz esteja com ele) comia do fruto de trabalho de suas mãos” (narrado por Bukhari).

Realização da justiça e da igualdade entre todos os homens: Ao contrário de outras civilizações e nações que repartiam os homens em diferentes classes sociais, distinguindo-os quer com base na cor, quer na ascendência, quer na raça, Deus, glorificado e exaltado seja, diz: “Ó seres humanos, em verdade vos criamos de um homem e uma mulher e fizemos de vós povos e tribos para que vos conheçais uns aos outros. Em verdade, os mais nobres entre vós são os que mais temem [a Deus], e Deus é Conhecedor, Bem-Informado” (49.13). Diz também: “Deus manda restituirdes ao seu dono o que vos está confiado; e, quando julgardes entre as pessoas, fazei-o com justiça. Quão excelente é isso a que Deus vos exorta! Deus é Oniouvinte, Onividente” (4.58). E diz o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Ó seres humanos, não é verdade que vosso Senhor é Um só, e que vosso pai é um só? Pois um árabe não é melhor do que um não árabe, nem um não árabe é melhor que um árabe, nem um branco é melhor que um negro, nem um negro é melhor que um branco, a não ser pela piedade e o temor de Deus” (narrado por Ahmad).

A importância e valorização do tempo: Também esta é uma particularidade que distingue o Islam e é assinalada no Alcorão, pois a Verdade Absoluta distinguiu diversas unidades de tempo em cinco suratas que levam o nome dessas unidades, quais sejam: (1) A Sexta-Feira; (2) A Alvorada; (3) A Noite; (4) A Manhã; (5) A Tarde. Isso é um sinal da importância do tempo e da necessidade de utilizá-lo perfeitamente. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Há duas benesses que passam em branco para

muita gente: a saúde e a disponibilidade de tempo” (narrado por Bukhari). Disse também: “Os pés do servo não se moverão [de diante de Deus] no dia da ressurreição até que ele seja indagado sobre quatro coisas: sua vida e o que ele fez com ela; sua juventude e no que ele a despendeu; sua riqueza, como ela a ganhou e no que a gastou; e seu conhecimento, se agiu segundo o que sabia ou não” (*Al-Mu'jam al-Kabir* de Tabarani).

O Islam é a religião da liberdade*

A liberdade é um dos princípios fundamentais aos quais o Islam conclama, pelos quais foi conhecido desde o começo de sua civilização e que tem em comum com as demais mensagens celestiais. É também uma disposição natural da alma humana pela qual esta se distingue das demais criaturas. A liberdade, por definição, é o direito do indivíduo a fazer ou deixar de fazer algo e seu poder de aceitar ou negar uma ideia qualquer, desde que não prejudique ao próximo. Não se compreende no conceito de liberdade a livre disposição de fazer o mal, mas tão somente a consideração pelos direitos e obrigações e a salvaguarda dessas coisas. Trata-se de um sistema que o Islam garante a todos os homens, zelando pela sua implementação de acordo com condições que distinguem esse sistema dos demais. Falaremos a seguir sobre as mais importantes dentre essas condições.

Que a liberdade se estabeleça sobre alicerces religiosos: A liberdade deve ser livre de todo fanatismo. Seu fundamento é o respeito pelas religiões, sem ataques às leis religiosas nem prejuízo às coisas sagradas.

Que ela se estabeleça sobre o respeito à liberdade do próximo, da proteção de sua propriedade e do compromisso com as competências científicas e culturais em palavras e atos.

Que se estabeleça sobre o respeito à constituição e a proteção do sistema geral que a salvaguarda.

Há vários tipos de liberdade que decorrem de suas diferentes manifestações. Alguns deles são os seguintes: a liberdade pessoal, a liberdade religiosa, a liberdade política, a liberdade econômica e outras. Isso porque a liberdade reúne em si tudo o que diz respeito à vida do ser humano e o dispõe a uma vida pacífica e tranquila, preservando os direitos e obrigações.

1. A liberdade pessoal. O Islam a postula para todos os seres humanos, pois é ela a liberdade que distingue o homem das demais criaturas, em vista de ser

* Autor: Dr. Ramadan Abdul Sami' Ibrahim, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

ele um ser racional cujos atos procedem de sua vontade e não da vontade de outro. Disse o Altíssimo: “Mas o homem será testemunha contra si mesmo” (75-14). Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com ele) colocou esse conceito em prática durante seu califado, quando disse, por exemplo, a Amr bin al-As (que Deus esteja satisfeito com ele): “Como transformastes os homens em escravos quando suas mães os deram à luz livres?”

A liberdade pessoal foi mencionada em diversos pontos do Alcorão e da Sunna, dentro os quais mencionaremos alguns dos mais importantes.

Liberdade de ir e vir: Ela consiste em que o homem seja livre para movimentar-se quando quiser dentro ou fora do país em que vive, sempre levando-se em conta e respeitando-se a ordem pública e as leis que regem costumeiramente as situações de movimento. É a isso que alude a palavra do Altíssimo: “Ele foi Quem vos fez a terra manejável. Percorrei-a, pois, por todos os seus quadrantes” (67.15). Também a Constituição de Medina a mencionou na palavra do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “Em Medina, quem sai estará em segurança e quem se senta em sua casa estará em segurança, exceto os que cometerem injustiça ou pecado” (*Majmu’a al-Watha’iq as-Siasiyya*). Esse pacto confirmou a liberdade de movimento dentro do território do Estado, para que ninguém fosse obrigado a sair de sua casa ou de seu país; Quando Amr bin al-As (que Deus esteja satisfeito com ele) conquistou o Egito, garantiu ao povo egípcio a liberdade de movimento dentro do país e também a possibilidade de deixá-lo: “que saia de Alexandria quem quiser sair, e que habite nela quem preferir habitá-la” (*Futuh Misr wa Akhbaruha*). O Islam não expulsa ninguém de seu país nem o afasta de sua casa, a não ser como forma de punição segundo o costume da sociedade.

Liberdade de expressão. A liberdade de expressão foi prescrita pelo Islam, que também lhe impôs como limite a proibição de ferir o próximo. Vários versículos do Nobre Alcorão pedem que os homens falem boas palavras com total liberdade em suas manifestações particulares e gerais. Disse o Altíssimo: “Ó crentes, temei a Deus e dizei palavras apropriadas” (33.70). A “palavra apropriada” (*qawlan sadidan*) é a palavra veraz que tem por objetivo evidenciar a verdade e estabelecer a justiça e a ação segundo a verdade sem fazer acepção de pessoas, despertando o interesse pelo Islam e esclarecendo o quanto ele é tolerante.

Certas pessoas supõem que a liberdade prescrita pelo Islam lhes permite satisfazer todos os seus impulsos naturais, mesmo que nisso causem prejuízo aos demais. Ora, isto não é liberdade de maneira alguma, mas libertinagem e caos, que extinguem a segurança, a paz e a estabilidade na sociedade e disseminam a cólera e o ódio entre as pessoas. Deus não aprecia a palavra que contém malignidade, insultos e injúrias. Disse o Altíssimo: “Deus não aprecia que palavras maldosas sejam proferidas publicamente, salvo por alguém que tenha sido injustiçado” (4.148).

A liberdade segundo a concepção islâmica não torna lícito que é ilícito: não permite que as pessoas mostrem suas partes íntimas em público, não permite o casamento com as pessoas com quem o matrimônio é proibido e não autoriza a satisfação irrefreada dos impulsos naturais e das paixões.

Liberdade de moradia. O Islam a garante a todos independentemente de crença. O homem é livre para escolher onde residir e para usar sua residência ou mudar de residência quando quiser, ao sabor de seus desejos. É livre também para sair do país e a ele retornar, sempre observando-se as leis e regulamentos.

O Islam tornou as casas invioláveis e prescreveu normas de boas maneiras que devem ser observadas de noite e de dia. Disse o Altíssimo: “Ó crentes, não entreis em casa alguma além da vossa, a menos que peçais permissão e saudeis os seus moradores. Isso é preferível para vós; quiçá, assim, mediteis. Porém, se nelas não achardes ninguém, não entreis, até que vo-lo tenham permitido. E se vos disserem: Retirai-vos!, atendei-os, então; isso vos será mais benéfico. Sabei que Deus é Sabedor de tudo quanto fazeis” (24.27-28). Abu Sa’id al-Khudri (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se um de vós pedir permissão por três vezes e tal não lhe for concedida, que se retire” (narrado por Bukhari). No Islam não há pena de exílio nem de expatriação, a menos que a pessoa transgrida os limites postos por Deus, fazendo guerra contra Deus e Seu Mensageiro ou espalhando a corrupção na terra. Disse o Altíssimo: “O castigo, para aqueles que lutam contra Deus e contra o Seu Mensageiro e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé de lados opostos, ou banidos” (5.33).

Liberdade de pensamento. Esta é a liberdade intelectual pela qual o homem pode escolher sua cultura ou sua corrente de pensamento e sujeitar-se, em seus atos e palavras, aos juízos de seu intelecto, obedecendo à ordem de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, quando diz: “Diz: Percorrei a terra e contemplai como se origina a criação” (29.20). Diz também: “Diz: Olhai o que há nos céus e na Terra” (10.101). Esses versículos convidam a empregarem-se o intelecto e os sentidos conjuntamente para meditar sobre as criaturas de Deus Altíssimo e examiná-las, atribuindo ao intelecto uma posição elevada e facultando-lhe a liberdade que o Islam transformou num direito de toda a humanidade, dentro dos limites da civilidade geral e desde que não vá contra uma prova textual explícita. Certas pessoas entendem que a liberdade de pensamento lhes permite afrontar as pessoas, o Estado, as crenças e as leis religiosas; isso, porém, não é liberdade, mas apenas libertinagem, e o Islam distingue entre liberdade e libertinagem.

Liberdade de opinião. O Islam a prescreveu e a garantiu para dar efeito ao princípio da cooperação no bem e na piedade e para construir uma sociedade que se apoie sobre a participação, a igualdade e a proteção social. O Islam entende a liberdade de opinião como um complemento da anterior – ou seja, a liberdade de pensamento – e define-a como a possibilidade de o indivíduo dar livre e completa expressão verbal às suas opiniões e aos pensamentos que leva no intelecto; assim, torna-se o homem livre para dar forma à sua personalidade sem medo de anunciar sua opinião ou aquilo que leva dentro de si, sem coerção nem repressão, e capaz de dispor livremente dos assuntos que só a ele dizem respeito.

A lei islâmica atribuiu à opinião e ao pensamento um lugar de destaque entre as demais liberdades, permitindo a todos que manifestem suas opiniões quanto a assuntos deste mundo e lhes deem expressão de acordo com uma ordem estabelecida: aqueles que atendem às condições que lhes permitem exercer seu discernimento podem exercê-lo sobre todos os assuntos.

No entanto, o Islam também impôs restrições à liberdade de opinião: não se pode, por meio dela, causar dano a alguém, prejudicar seus interesses ou romper a paz social; e ela deve sempre prezar pelos princípios e pelas qualidades de caráter prescritas pelo Islam.

Liberdade de aprendizado. O Islam prescreve obrigatoriamente a busca de conhecimento, como disse o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): “A busca do conhecimento é obrigatória para todo muçulmano, mas transmitir conhecimento a quem não é digno dele é como adornar um porco com ouro, pérolas e pedras preciosas” (narrado por Ibn Majah).

Além disso, o Islam faz distinção entre a pessoas que busca o conhecimento e a que não o busca e não afirma haver igualdade entre elas, como disse o Glorificado: “Diz: Acaso são iguais os sábios e os ignorantes? Só se lembram disso os sensatos” (39.9). Por outro lado, o Islam não põe limites aos tipos de conhecimento ou ciência que o homem deve aprender, mas, ao contrário, deixou-o livre para escolher a ciência ou a arte que quiser dentre as que são compatíveis com suas capacidades intelectuais, corporais ou financeiras e para decidir-se pela especialização que se concilie com seu intelecto e suas forças e concorde com suas inclinações. Além disso, o homem deve ter o direito de divulgar o que lhe foi transmitido e de ensinar outra pessoa pelos meios mais concordes com as capacidades intelectuais desta. Em suma, o Islam promove todos os conhecimentos e ciências que beneficiam a sociedade neste mundo e no outro.

Um dos indícios de que a liberdade de aprendizado é aceita no Islam é a familiaridade de vários pensadores muçulmanos com a Torá e o Evangelho, ou seja, as escrituras sagradas dos judeus e dos cristãos, que foram por eles estudadas. “O Imam Shāfi’i era conhecedor das interpretações da Torá e do Evangelho. Os judeus e cristãos que ali viviam estudavam com ele, e ele lhes explicava esses dois livros com perfeição” (*Wafiyat al-A’yan*).

2. A liberdade religiosa. Deus deu ao homem a liberdade de adotar a religião que quiser e de praticar seus ritos e formas de adoração sem compulsão nem coerção. O Islam zela pela proteção dessa liberdade, que é uma das manifestações da nobreza inata do ser humano.

O Islam é a única religião que ensinou a humanidade a liberdade religiosa, que era desconhecida pelas comunidades religiosas anteriores. A história nos conta que os séculos que precederam o Islam sofreram pela

ausência dessa liberdade e amargaram a tirania e a compulsão em matéria de crença.

Depois disso, o Islam deu a todos os homens a liberdade de escolher a religião cuja crença aceita e na qual acredita, sem compulsão nem repressão, e o fundamento dessa liberdade é a palavra do Altíssimo: “Não há compulsão na religião; o guiamento já se destacou do erro” (2.256), e também: “Diz a verdade que provém do vosso Senhor; quem quiser, que creia, e quem quiser, que descreia” (18.29).

Se uma religião faz uso da coerção, da severidade e da compulsão como meios para obrigar os homens a aceitá-la, as almas não podem repousar nela e os corações não podem recebê-la. O próprio Deus Altíssimo informou a Seu Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) que ele não tinha o poder de obrigar os homens a aceitar o Islam. Disse o Altíssimo: “Não és, de forma alguma, o guardião deles” (88.22). Deus também esclareceu e definiu a função do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) por Sua palavra: “Porém, se desdenharem, fica sabendo que não te enviamos para seu guardião, uma vez que a ti apenas incumbe a proclamação” (42.48), e deu a todo homem a liberdade de formar suas crenças de acordo com sua visão e reflexão. O Islam prescreveu a liberdade de crença como fundamento e princípio de tolerância no máximo grau a que uma lei qualquer pode chegar.

Se voltarmos nosso olhar para a aplicação prática, no Islam, da liberdade de crença, a primeira coisa que veremos é a Constituição de Medina, na qual o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) concedeu essa liberdade aos não muçulmanos, dizendo: “Os judeus terão a sua religião e os muçulmanos, a sua – eles e seus dependentes, exceto aqueles que cometerem injustiça ou pecado; assim fazendo, eles não destroem senão a si mesmos e ao povo de sua casa” (*Majmu’a al-Watha’iq as-Siasiyya*).

No pacto que fez com os cristãos de Najran, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) concedeu-lhes a liberdade de crença, dizendo: “Nenhuma de suas igrejas será demolida, nenhum de seus sacerdotes será expulso e não sofrerão interferência em sua religião enquanto não ocorrer nada de novo nem praticarem a usura” (narrado por Abu Dawud).

E nunca aconteceu na história de os muçulmanos obrigarem uma pessoa de outra religião que vivia sob sua proteção, ou outra pessoa qualquer,

a abandonar sua religião; tampouco aconteceu a proibirem-no de praticar seus ritos religiosos. As pessoas com espírito de justiça entre os Povos do Livro dão testemunho disso. O patriarca nestoriano Isho'yabh III (que exerceu o cargo de 649 a 659 d.C.) diz: “Os árabes, a quem Deus ora concedeu autoridade sobre o mundo inteiro, estão entre vós como bem sabeis; no entanto, eles não atacam a fé cristã, mas, ao contrário, favorecem nossa religião, honram nossos sacerdotes e os santos de Deus e beneficiam igrejas e mosteiros” (*The Preaching of Islam: A History of the Propagation of the Muslim Faith*, de Thomas Arnold).

A liberdade religiosa é, portanto, a liberdade mais importante para o Islam. Destacaremos agora algumas de suas manifestações.

Liberdade de adoração e de prática dos ritos religiosos. Trata-se de um direito que decorre diretamente da liberdade religiosa: que o homem seja livre para praticar seus ritos religiosos em horários determinados e de maneira reconhecida pela sociedade, de acordo com sua religião e sem compulsão nem repressão.

O Islam concedeu aos não muçulmanos a liberdade de praticar seus ritos religiosos as adorações decorrentes de sua crença. Do mesmo modo, deu-lhes o direito de construir casas de adoração para que nelas pratiquem sua religião. Os textos que prescrevem tal coisa são muitos. O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) não proibiu a delegação dos cristãos de Najran de praticar seus ritos religiosos dentro da mesquita de Medina, e Ibn Ishaq menciona que, quando eles entraram na mesquita do Profeta, estavam adornados e com belas vestimentas; por ser hora da oração da tarde, levantaram-se e oraram voltados para o oriente. Alguns companheiros do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) quiseram proibi-los de ali orar, mas o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Deixai-os” (*Al-Bidaya wan-Nihaya*).

Além disso, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) fez com o povo de Najran um acordo de paz no qual constava: “A Najran e a seus dependentes garante-se a guarda de Deus e a proteção de Muhammad, o Profeta e Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), para seus bens, pessoas e religião, os ausentes e os presentes entre eles, suas famílias, suas igrejas e tudo que está sob sua posse, seja pouco ou seja

muito. Nenhum de seus bispos será substituído, nem tampouco nenhum de seus monges, nem ainda nenhum de seus sacerdotes” (*Majmu’a al-Watha’iq as-Siasiyya*).

O Islam concede aos não muçulmanos a liberdade de praticarem publicamente seus ritos, mas sob a condição de que também respeitem os ritos dos muçulmanos e a santidade de sua religião. O acordo de paz entre Khalid bin al-Walid e o povo de Anat dizia: “Que não seja destruída nenhuma de suas igrejas ou locais de adoração, e que toquem seus sinos a qualquer hora da noite ou do dia, exceto na hora das orações [dos muçulmanos], e que possam sair com suas cruzes em seus dias de festa” (*Al-Kharaj* de Ibn Yusuf).

Liberdade para registrar por escrito suas crenças e compará-las com outras crenças. O Islam garante aos não muçulmanos a liberdade de registrar por escrito tudo o que diz respeito a suas crenças e tudo o que ela contém em matéria de mandamentos e proibições, bem como de fazer comparações entre elas e outras crenças. Nestas comparações, entretanto, há certos princípios a serem observados, os mais importantes dos quais são: o respeito pelas religiões; que não se faça nenhuma afronta a elas ou a qualquer texto sagrado a elas pertencente; que não se façam refutações de tais textos; e que não se cometam profanações nem se façam zombarias por atos ou palavras. A realidade confirma esta liberdade, pois há milhares de livros não islâmicos cujos autores registraram, neles, suas crenças, costumes e formas de adoração.

Liberdade para viver segundo a própria lei religiosa. Esta inclui os alimentos e bebidas permitidos e proibidos, os costumes, as tradições e todos os outros assuntos regidos pela lei religiosa, quer em seus princípios, quer em suas aplicações, e principalmente nos assuntos pessoais, como os juízos que regem o casamento, o divórcio, o sustento e outros. Isso decorre do fato de o Islam respeitar a liberdade do ser humano e sua dignidade.

Limites da liberdade de crença. Se o Islam concedeu liberdade de crença a todos os habitantes de um mesmo país, também limitou essa liberdade por meio de restrições firmes. Seus pilares são o respeito às religiões; a proibição de afrontar as crenças, os ritos e as coisas sagradas; a proibição de qualquer transgressão de direitos e deveres; a proibição de mostrarem-se as partes íntimas em público; e a proibição dos ataques à honra.

O Islam a limita exatamente para preservá-la e protegê-la contra os abusos, e o objetivo disto é garantir a aplicação da lei de Deus, a segurança e a estabilidade sociais e a proteção das crenças, das coisas sagradas e dos países.

A falsa alegação da entrada no Islam por compulsão e do desaparecimento das liberdades

Alguns orientalistas alegam que o Islam se propagou pelo fio da espada, mas essa alegação é desmentida pelo Alcorão, pela Sunna e pela história. Os sábios da religião islâmica são unânimes em afirmar que não é lícito que se obrigue uma pessoa a entrar na religião, baseando-se na palavra do Altíssimo: “Diz a verdade que provém do vosso Senhor; quem quiser, que creia, e quem quiser, que descreia” (18.29); e também: “Não há compulsão na religião; o guiamento já se destacou do erro” (2.256). Falaremos a seguir de outras provas de que a religião não pode ser aceita sob compulsão.

O testemunho de ocidentais honestos, segundo os quais o Islam não se propagou pelo fio da espada. Gustave Le Bon, autor do livro *A Civilização Árabe*, alude ao segredo da expansão do Islam quando diz: “A história confirma que as religiões não se impõem pela força [...] e o Islam não se propagou pela espada, mas tão somente pela pregação – uma pregação, aliás, que foi abraçada por povos que acabaram por fim subjugando os árabes, como os turcos e os mongóis. Na Índia, onde não havia árabes, exceto aqueles que estavam de passagem, o Alcorão chegou por meio dessa propagação a atingir um número de muçulmanos superior a cinquenta milhões de almas. [...] E o Alcorão não se propagou menos na China, da qual nenhuma parte foi conquistada pelos árabes. [...] Na época atual, o número de muçulmanos nela é superior a vinte milhões.” Se esta religião se propagasse pela espada, pela opressão e pela coação, sua propagação teria se encerrado quando encerraram-se as vitórias militares da civilização islâmica no passado, ou agora na era espacial, mas a realidade evidencia a velocidade com que o Islam se propaga e penetra até em países ricos e fortes, guardiões do mundo, e muitos dos que o abraçam são nacionais desses países. Isso mostra com a máxima clareza possível que esta religião não se propaga pela compulsão.

O fato de os não muçulmanos continuarem praticando sua própria religião nos países islâmicos. Os muçulmanos convivem pacificamente com os não muçulmanos e estes participam juntamente com os muçulmanos do governo do país, sendo nomeados para postos de liderança, quer política, quer militar. Não foram, até hoje, coagidos a adotar o Islam.

Sobretudo no Egito, a história confirma que o Islam não se propagou pelo fio da espada. Pelo contrário, depois da vitória, Amr bin al-As (que Deus esteja satisfeito com ele) deu aos coptas a opção de entrar no Islam ou permanecer em sua religião. Dizia a carta que ele escreveu ao Muqawqas (o governante cristão do Egito naquela época): “Dou-vos três opções: ou entrar no Islam, ou pagar a *jizya*, ou lutar. Neste último caso, Deus julgará entre nós, e Ele é o Melhor dos Juízes” (*Futuh Misr wa Akhbaruha*).

Se os não muçulmanos tivessem entrado no Islam como se alega, ou seja, por meio de ameaças e intimidações, numa época em que o poder dos muçulmanos era grande e o dos não muçulmanos era pequeno, por que, quando veio uma época em que o governo muçulmano se enfraqueceu diante de seus adversários – por que aqueles que haviam abraçado o Islam não voltaram à religião que antes praticavam?

3. A liberdade política. Esta consiste em que os indivíduos que compõem a sociedade exerçam livremente os seus direitos políticos e participem do governo e da administração do Estado. Devem também ter o direito de expressar-se na escolha do presidente sem medo nem ameaças, como também na escolha daqueles que podem substituí-lo. Esta liberdade é prescrita pelo Islam, que também lhe põe restrições, quais sejam, que se respeitem os limites dos valores humanos. Pois não é lícito que a pessoa adote uma opinião que difame e desacredite a religião ou que divirja dos valores humanos com que todos concordam.

A liberdade política se manifesta de diversas maneiras, as mais importantes das quais são as liberdades de eleição, de candidatura e de voto em referendos e plebiscitos. Além disso, a liberdade política é dependente de outras liberdades: “A luz da liberdade política e a da liberdade de pensamento provêm da mesma lâmpada, e não há defensor sincero e patriota da liberdade política que não seja também um defensor da liberdade de pensamento, assim

como não há defensor da liberdade de opinião que não seja um inimigo da arbitrariedade política e da opressão colonialista” (*Al-Azhar bayna as-Syasa wa Hurryat al-Fikr*).

4. A liberdade econômica. Esta consiste em que o ser humano possa praticar livremente todas as atividades econômicas lícitas dentro do país e possa participar da edificação da economia nacional, sob a condição de que não perturbe a economia alheia. O Islam a proporciona e garante aos indivíduos que compõem a sociedade, e zela para que as relações econômicas entre esses indivíduos se edifiquem sobre o alicerce da liberdade. Sob o aspecto comportamental, encoraja as atividades lucrativas e oferece aos não muçulmanos a oportunidade de participarem da vida econômica nas profissões que bem escolherem, sendo a situação deles idêntica à dos muçulmanos no que se refere a esta liberdade. O sistema islâmico é muito diferente dos sistemas positivistas que dão rédea solta aos indivíduos sem pôr-lhes restrição alguma, ainda que disso resulte prejuízo para o próximo.

A liberdade econômica tem diversos aspectos previstos no Islam, como, por exemplo, a liberdade de propriedade e as liberdades do comércio, da indústria e do trabalho, além de outras. Todo indivíduo tem o direito de adquirir o que quiser, dentre as coisas que a lei islâmica declara lícitas, por meio de compra e venda, aluguel, hipoteca, empréstimo e outros tipos de transação contemplados pela lei. Tudo isso evidencia a liberdade de ação na vida econômica.

O Islam é a religião da convivência pacífica*

O Islam prescreveu, para a vida dos muçulmanos e dos não muçulmanos, um sistema sábio e claro, fundando a possibilidade de convivência pacífica entre pessoas de diferentes religiões, culturas e tendências e conclamando-as à integração nas esferas social, econômica, política e cultural.

Por convivência pacífica entende-se a interação positiva entre diferentes crenças, culturas e tendências e a união de todas na prosperidade e na adversidade, na facilidade e na dificuldade e em todos os aspectos da vida, bem como o viver em proximidade mútua de acordo com o sistema islâmico, observando-se meticulosamente todos os direitos e deveres religiosos e civis e prezando pelos interesses comuns. Isso não significa que o Islam ratifique o que os não muçulmanos fazem em matéria de crença e adoração, ou que os siga; a convivência pacífica decorre tão somente de um reconhecimento da existência das diferenças que Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, instituiu de maneira habitual no cosmos. Disse o Altíssimo: “Se teu Senhor tivesse querido, teria feito dos seres humanos uma só nação; porém, continuarão divergindo entre si” (11.118).

Existem condições para a convivência pacífica no Islam. Ela pressupõe, primeiro, a ausência de afrontas à religião, às crenças e às leis religiosas, pois a convivência é impossível quando se atacam as religiões e as coisas sagradas ou se menosprezam as crenças e práticas religiosas.

O “**outro**” com quem se convive é definido como o não muçulmano que vive num país islâmico, consente com sua política e recorre à sua constituição para resolver seus assuntos jurídicos.

Já a “**aceitação do outro**” se define como a consideração pelos seus direitos e deveres religiosos e civis, bem como o recurso a sua ajuda para a edificação da sociedade e do Estado.

A convivência pacífica é um princípio que foi fundado pelo Islam e uma das manifestações de sua tolerância. É, na verdade, um dos pilares sobre os quais se ergue um Estado civil forte e uma sociedade coesa capaz de suportar

* Autor: Dr. Ramadan Abdul Sami' Ibrahim, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

as responsabilidades e proteger o país contra sedições e partidarismos. A convivência pacífica é, ainda, um fundamento prático para a unidade do país, a participação social e a consideração pelos direitos e deveres. Ela é, por fim, uma verdade histórica e uma necessidade social confirmada pela realidade em que vive o homem.

Objetivos da convivência pacífica

Os objetivos da convivência pacífica entre muçulmanos e não muçulmanos são muitos, e falaremos algo sobre os mais importantes dentre eles.

1. Evidenciar a beleza do Islam e atrair as pessoas para ele por meio da sabedoria e de belas exortações.

2. Ensinar aos muçulmanos os princípios e doutrinas do Islam, entre os quais os princípios da aceitação do diferente, da proteção dos direitos, do respeito pelos deveres, do orgulho pela religião e do amor pelo país.

3. Solidarizar os adeptos das diferentes crenças de forma que enfrentem unidos a corrupção e as hostilidades e repelir os perigos que ameaçam o país; isso não se concretiza senão pela convivência pacífica entre todos os filhos de um mesmo país e pela cooperação e ajuda mútua nos assuntos de interesse comum.

4. Apresentar o país de forma veraz e sob sua melhor figura junto à assembleia das nações e refutar a alegação de repressão e fanatismo religioso e tribal; confirmar o exercício dos direitos, sob o aspecto geral, e das liberdades, sob o aspecto particular, por parte dos adeptos de todas as crenças, e confirmar a participação de todos os membros da sociedade na construção da economia, da política e da cultura do país.

Todos esses objetivos tiveram seus fundamentos lançados pelo Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) na Constituição de Medina, pela qual os muçulmanos conviviam com o Povo do Livro (os judeus) em Medina, pondo em prática o sistema islâmico.

Quando o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) emigrou para Medina, nela encontrou uma mistura humana variada, pois lá havia judeus, idólatras e politeístas. Seu pensamento, no entanto, não foi o de expulsá-los da sociedade, bani-los ou oprimi-los, mas sim simplesmente chamá-los para o Islam – pois quem poderia recusar a simples convivência?

Assim, selou com eles um pacto de liberdade de crença, segurança, paz e defesa conjunta do país, pacto esse que foi posto por escrito na Constituição de Medina, a qual é considerada o melhor modelo jurisprudencial de convivência pacífica. Trata-se de um documento que dá testemunho da sabedoria do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e de sua excelente liderança na elaboração de suas cláusulas e na determinação das relações entre os cidadãos do país. O intelecto é incapaz de conceber que pudesse haver resistência a ela ou que outra melhor que ela pudesse ser elaborada. Essa constituição tratava das circunstâncias políticas, sociais e econômicas daquela época e reunia regras que contribuíam para a edificação da sociedade, do Estado e da civilização, bem como princípios que concretizavam a equidade, a segurança e a paz, bem como a liberdade em todas as suas formas.

Do mesmo modo, o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) fixou nela os princípios da convivência entre os diferentes grupos sociais, já no momento em que nasceu o primeiro Estado regido pela religião islâmica na cidade iluminada de Medina. Assim, atribuiu os mesmos direitos e deveres aos muçulmanos e aos não muçulmanos.

O documento dizia, entre outras coisas, o seguinte: “Os judeus de Bani Auf constituirão uma só comunidade com os muçulmanos; os judeus terão sua religião e os muçulmanos, a sua – eles e seus dependentes, exceto aqueles que cometerem injustiça ou pecado; assim fazendo, eles não destroem senão a si mesmos e ao povo de sua casa” (*Majmu’a al-Watha’iq as-Siasiyya*).

Os pactos, documentos e instrumentos celebrados pelo Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) com chefes e reis lançaram os fundamentos da convivência pacífica, prescreveram-lhe os princípios e detalharam-lhe as regras. Lê-se no pacto por ele celebrado com os cristãos de Najran: “Em nome de Deus, o Infinitamente Bom, o Misericordioso. Isto é o que escreveu Muhammad, o Profeta e Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ao povo de Najran. [...] A Najran e a seus dependentes garante-se a guarda de Deus e a proteção de Muhammad, o Profeta e Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), para seus bens, pessoas e religião, os ausentes e os presentes entre eles, suas famílias, suas igrejas e tudo que está sob sua posse, seja pouco ou seja

muito. Nenhum de seus bispos será substituído, nem tampouco nenhum de seus monges, nem ainda nenhum de seus sacerdotes. Ninguém dentre eles será punido por um crime ou assassinato cometido na era da ignorância, nem convocado para o serviço militar, nem ainda se cobrará deles o dízimo, nem entrará um exército em seu território. Se um deles reclamar um direito, far-se-á justiça entre o reclamante e o reclamado. Não se permitirá que sejam oprimidos, nem tampouco que oprimam os demais” (*Majmu’a al-Watha’iq as-Siasiyya*).

Tanto Abu Bakr as-Siddiq quanto Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com eles dois), em seus respectivos califados, redigiram pactos em que se determinavam novamente os direitos e deveres que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) já havia determinado para Najran.

O Islam prescreve a liberdade de crença para a humanidade inteira e alerta contra a compulsão e a coerção em todas as suas modalidades. Disse o Altíssimo: “Não há compulsão na religião; o guiamento já se destacou do erro” (2.256), e tanto o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) quanto seus companheiros deram aplicação prática a esse princípio, pois não obrigaram absolutamente ninguém a entrar nesta religião e não demoliram nenhuma igreja, mosteiro ou qualquer outro lugar de culto; pelo contrário, os locais de adoração eram respeitados e protegidos pelos muçulmanos. O respeito às crenças fortalece os laços e relações entre os filhos de um mesmo país.

O Islam prescreve a crença em todos os Profetas e Mensageiros. Disse o Altíssimo: “O Mensageiro e os crentes creem no que lhe foi revelado da parte de seu Senhor. Todos creem em Deus, em Seus anjos, em Seus Livros e em Seus Mensageiros; não fazemos distinção alguma entre Seus Mensageiros” (2.285). Além disso, o Islam alerta para que não se insultem os deuses nem se refutem os fiéis de outras religiões por meio de palavras que agridam a eles ou a suas crenças, pois disse o Altíssimo: “Não injurieis o que invocam em vez de Deus, a menos que eles, em sua ignorância, injuriem iniquamente a Deus” (6.108).

O Islam não funda uma sociedade em que todos são iguais, mas, ao contrário, lança a ideia da convivência com o outro, o diferente, e a implanta com firmeza na mente de seus seguidores, evidenciando o mais importante

fundamento sobre o qual se erguem a piedade, a boa vizinhança, as boas relações de parentesco, a beneficência para com o próximo e a consideração pelos seus direitos e deveres. Vários textos confirmam esse fundamento e elucidam seus aspectos sociais práticos. Um deles é a palavra do Altíssimo: “Deus nada vos proíbe no que se refere àqueles que não vos combateram em razão de vossa religião e não vos expulsaram de vossas casas, nem veda que os trateis com beneficência e sejais equitativos para com eles. Em verdade, Deus ama os equitativos” (60.8). Disse Ibn Kathir: “‘Que os trateis com beneficência’ significa: que lhes façais o bem de maneira excelente; ‘sejais equitativos para com eles’ significa: tratei-os com justiça.” Ora, não é possível que a vida continue, nem que advenham a prosperidade, a estabilidade e a segurança, sem a convivência pacífica e a cooperação construtiva entre os membros da sociedade.

O Islam conclama à beneficência e ao bom trato com as pessoas independentemente de qualquer diferença religiosa. A beneficência e a equidade são duas manifestações da convivência pacífica, e por isso o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) nos ordenou implementá-las de modo universal no trato com todos os membros da sociedade, mesmo que suas crenças sejam diferentes; e nos ordenou implementá-las de modo particular com nossos pais, mesmo que sejam idólatras. Asma bint Abu Bakr (que Deus esteja satisfeito com eles dois) disse: “Minha mãe, que era idólatra, veio me visitar na época do tratado com Quraish. Consultei então o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), dizendo: ‘Minha mãe veio me visitar e quer muito me ver. Devo recebê-la bem?’ Ele disse: ‘Sim, recebe-a bem’” (narrado por Bukhari e Muslim).

Um dos elementos da beneficência é a boa vizinhança, e o Islam recomenda que tratemos bem nossos vizinhos, sejam eles muçulmanos ou não. Disse o Altíssimo: “Adorai a Deus e não Lhe associeis ninguém. Tratai com benevolência os pais, os parentes próximos, os órfãos, os necessitados, o vizinho próximo e o vizinho distante” (4.36). O “vizinho próximo” é o vizinho muçulmano, e o “vizinho distante” é o judeu ou cristão.

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) também recomendou a prática da boa vizinhança com os não muçulmanos. Abu Dharr (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a

bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Conquistareis o Egito, um território onde o quilate [uma moeda] é frequentemente mencionado. Quando o conquistardes, tratai bem os seus habitantes, pois eles têm direito à vossa proteção e à preservação dos laços de parentesco convosco” (narrado por Muslim). Numa narração de Umm Salma (que Deus esteja satisfeito com ela), o Profeta, dando conselhos pouco antes de morrer, disse: “Temei a Deus no que se refere aos coptas do Egito! * Vós prevalecereis sobre eles, e eles serão para vós um instrumento e um auxílio na causa de Deus” (narrado por Tabarani em *Al-Mu’jam al-Kabir*). Abdullah bin Yazid (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Chegareis a um povo de cabelos encaracolados. Quando isso acontecer, querei-os bem, pois eles serão, com a permissão de Deus, uma força para vós e um sinal para vossos inimigos – referindo-se aos coptas do Egito” (narrado por Ibn Hibban). Amr bin al-As (que Deus esteja satisfeito com ele) aconselhou os muçulmanos que haviam sido vitoriosos sobre os coptas, dizendo: “Querei bem aos coptas, de quem sereis vizinhos” (*Futuh Misr wa Akhbaruha*).

A biografia do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) é repleta de manifestações de beneficência e boa vizinhança na convivência com seus vizinhos não muçulmanos. Assim, quanto a **visitar os doentes**, narra Anas bin Malik (que Deus esteja satisfeito com ele): “Havia um menino judeu que servia o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Um dia ele ficou doente, e o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) o visitou, sentou-se ao lado de sua cabeça e lhe disse: ‘Aceita o Islam.’ Olhou então para o pai dele, que estava a seu lado, e este disse: ‘Obedece Abul Qasim (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele).’ O menino aceitou o Islam. Saiu então o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) e disse: ‘Louvado seja Deus que o salvou do inferno’” (narrado por Bukhari). Suleyman bin Musa dizia: “Visitamos os cristãos ainda que não haja entre nós e eles laços de parentesco” (narrado por Abdur Raziq em seu *Musnaf*).

* Os coptas cristãos eram os habitantes nativos do Egito antes da chegada dos árabes e ainda constituem pelo menos 10% da população desse país. (N. do T.)

Aceitar os presentes dos vizinhos é um dos aspectos da beneficência, pois tem efeitos benéficos sobre a união dos corações, a concretização da segurança no tecido social e o afastamento das adversidades. Por isso, o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) mandou que trocássemos presentes, dizendo: “Trocai presentes entre vós e vos amareis uns aos outros” (narrado por Bukhari), ou, em outra versão, “Trocai presentes, pois o presente remove os maus sentimentos do peito” (narrado por Tirmidhi).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), com efeito, deu um excelente exemplo de aceitação dos presentes de não muçulmanos. O Muqawqas, chefe dos coptas, deu-lhe de presente duas escravas (Maria, mãe de Ibrahim, e Sirin, que o Profeta deu a Hasan bin Thabit) e uma mula. Nessa ocasião, enviou uma carta ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), dizendo: “Tratou teu mensageiro com reverência e enviou-te duas escravas que gozam de posição elevada junto aos coptas, roupas, e deu-te de presente uma mula para nela montares” (*Zad al-Ma’ad*). O Profeta aceitou seus presentes embora ele fosse cristão.

Outro aspecto da beneficência, da boa vizinhança e da boa convivência com os não muçulmanos é a **presença em suas festividades**. Ela é mais uma manifestação da convivência pacífica entre os filhos de um mesmo país. Jábir (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se um de vós for convidado a uma refeição, que atenda e, se quiser, coma, e se não quiser, não coma” (narrado por Muslim). Abdullah bin Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se fordes convidados, aceitai o convite” (narrado por Muslim). Os convites que devem ser atendidos são os de muçulmanos e de não muçulmanos.

Devem-se também **comparecer aos seus funerais**, pois está confirmado que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) costumava acompanhar de pé os enterros de não muçulmanos. Qays bin Sa’d e Sahl bin Hunayf estavam na cidade de Qadisiyya quando passou por eles o cortejo fúnebre. Ficaram em pé e disseram: “O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) ficou em pé quando passava por ele

um cortejo fúnebre. Disseram-lhe: ‘É um judeu.’ Ele respondeu: ‘Acaso não é uma alma humana?’” (narrado por Muslim).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deixou claro que um dos direitos do vizinho – muçulmano ou não – sobre seu vizinho consiste em que este compareça a seu funeral. Quando se lhe perguntou: “Ó Mensageiro de Deus, quais são os direitos de meu vizinho sobre mim?”, ele respondeu: “Que o visites se ficar doente, que compareças a seu funeral se morrer, que lhe emprestes se te pedir emprestado, que o vistas se estiver nu, que o felicites se algo de bom lhe acontecer, que lhe recomendes a paciência se lhe acontecer algo de mal, que não eleves tua casa acima da dele para não privar-lhe do vento, que não o incomodes com o cheio da tua panela, a não ser para dar-lhe do que está nela” (narrado por Tabarani). Os companheiros do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) também compareciam aos funerais do Povo do Livro. Thauri disse: “Morreu a mãe de Harith, que era cristã, e os companheiros de Muhammad (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) compareceram a seus funerais. Em alguns hadiths, Thauri diz também que lhe mandavam caminhar adiante deles” (narrado por Abdul Raziq em seu *Musnaf*).

Consolar-lhes quando algo de mal lhes acontece é mais um aspecto da beneficência e uma manifestação da convivência pacífica. Os sábios da religião esclareceram qual deve ser a forma de consolar os não muçulmanos a quem algo de mal aconteceu. Al-Hasan diz: “Se fores consolar um não muçulmano, diz: ‘Que não te sobrevenha senão o bem’, e outros disseram: ‘Se quiseres consolar um homem do Povo do Livro, diz: Que Deus multiplique os teus bens e teus filhos e encompride a tua vida.’” (*Ahkam Ahl adh-Dhimma*).

Outro dos alicerces mais importantes sobre os quais se ergue a convivência pacífica entre os indivíduos que compõem a sociedade é **a justiça, a equidade e a não discriminação** nas relações mútuas e nos julgamentos. O Islam protege e salvaguarda os direitos dos não muçulmanos e ordena que sejamos justos para com todos, mesmo que tenham crença diferente da nossa. Disse o Altíssimo: “Ó crentes, sede firmes na causa de Deus e prestai testemunho de acordo com a justiça; que o ressentimento aos demais não vos impulsione a serdes injustos para com eles. Sede justos, porque isso está mais próximo da piedade” (5.8).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) enfatizou que não se devem oprimir os não muçulmanos, dizendo: “Quem injustiçar uma pessoa com quem foi feito um pacto [de proteção], ou lhe der menos que o de direito, ou obrigá-la a trabalhar mais do que suas forças permitem, ou tirar dela qualquer coisa sem o seu consentimento, serei eu o advogado dela no dia da ressurreição” (narrado por Abu Dawud). Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, censurou Seu Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) por causa de um judeu acusado de furto sem provas. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) estava a ponto de fazer distinção entre judeus e muçulmanos nas transações interpessoais quando o Alcorão inocentou o judeu e refutou aquilo de que fora acusado. Deus Altíssimo revelou uma censura e uma orientação a Seu Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), dizendo: “Revelamos-te o Livro com a verdade para julgares entre os humanos segundo o que Deus te mostrou, e não sejas defensor dos traidores. Implora o perdão de Deus, porque Ele é Indulgente, Misericordiosíssimo. Não fosse pelo favor de Deus e por Sua misericórdia para contigo, uma parte deles teria conseguido desviar-te; não desviam, porém, senão a si mesmos, e em nada podem prejudicar-te. Deus revelou-te o Livro e a sabedoria e ensinou-te o que ignoravas, porque a Sua graça para contigo é imensa” (4.105-113).

Quando Ali bin Abu Talib (que Deus esteja satisfeito com ele) perdeu seu escudo, encontrou-o depois com um cristão. Ali levou-o a juízo perante Shureyh al-Qadi, dizendo: “Este é meu escudo, e não o vendi nem o dei.” Shureyh perguntou ao cristão: “O que tendes a dizer a respeito do que disse o Príncipe dos Crentes?” Ele respondeu: “Este escudo é meu e o Príncipe dos Crentes está mentindo.” Shureyh olhou para Ali e perguntou-lhe: “Ó Príncipe dos Crentes, tens alguma prova?” Ali riu e disse: “Shureyh tem razão, não tenho prova alguma.” Então, Shureyh deu seu veredito em favor de que o cristão ficasse com o escudo. O cristão deu apenas alguns passos; depois, voltou e disse: “Quanto a mim, dou testemunho de que assim são os julgamentos dos Profetas! O Príncipe dos Crentes move ação contra mim perante o seu próprio juiz e este me dá ganho de causa! Dou testemunho de que não há divindade exceto o Deus Único e dou testemunho de que Muhammad é Seu Servo e Mensageiro. Este é teu escudo, ó Príncipe dos

Crentes. Segui o exército depois da Batalha de Siffin, ele caiu do teu camelo cinzento e o peguei.” Ali disse então: “Agora que aceitaste o Islam, ele é teu.” (*Hilyatul-Awlya*). Assim, fica perfeitamente claro que a tolerância islâmica na convivência com os não muçulmanos não encontra paralelo em nenhuma outra crença, lei religiosa, religião ou comunidade religiosa.

Outra manifestação da convivência pacífica no Islam é o fato de **Deus Altíssimo ter tornado os alimentos, as bebidas e as mulheres do Povo do Livro lícitas para os muçulmanos**. Tornou lícita a cooperação com os não muçulmanos em todos os aspectos da vida social, econômica, política e intelectual e permitiu que comêssemos os alimentos deles e nos tornássemos seus parentes por afinidade segundo o sistema islâmico. Todas essas coisas se tornaram meios de beneficência para com eles. Disse o Altíssimo: “Hoje foram-vos permitidas todas as coisas sadias; o alimento dos que receberam o Livro é lícito para vós, da mesma forma que o vosso é lícito para eles. Está-vos permitido casardes com as castas, dentre as crentes, e com as castas, dentre aquelas que receberam o Livro antes de vós, contanto que lhes deis o dote e passeis a viver com elas licitamente, não desatinadamente, nem as envolvendo em intrigas secretas” (5.5). Assim, Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, estabeleceu entre eles laços e relações de parentesco para uni-los, fazer surgir entre eles o amor, despertar no coração deles a misericórdia, dissipar os rigores e dificuldades da vida e suscitar entre eles o entendimento mútuo, tornando-os capazes de dissipar as controvérsias e abandonar as disputas. A esposa não muçulmana se torna um conforto para seu marido muçulmano; a troca de amor e afeto entre eles os torna como que uma só pessoa que veste uma só roupa, como disse o Altíssimo: “Elas são as vossas vestes e vós sois as delas” (2.187).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) excluiu do perfume do Paraíso todo aquele que prejudica ou comete injustiça contra o não muçulmano e não se presta a conviver com ele. Abdullah bin Amr (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem matar uma pessoa com quem se fez um pacto não sentirá o perfume do Paraíso, e esse perfume se sente a uma distância de quarenta anos de marcha” (narrado por Bukhari).

Este é o método islâmico que conclama à convivência com os não muçulmanos e protege a sociedade contra o que ameaça sua segurança e sua paz – um sistema que cria uma atmosfera de tolerância e ajuda mútua, da qual a humanidade tanto necessita hoje em dia.

No Egito, a realidade tangível dá testemunho da convivência pacífica entre os muçulmanos e as pessoas de outras crenças e culturas. O sucesso dos não muçulmanos na vida política, econômica e cultural; sua nomeação para postos de liderança no país e para cargos de direção de todo tipo; o fato de serem membros do conselho de governo e poderem tornar-se membros do parlamento; a permissão da construção de igrejas; e, em geral, sua participação em todos os assuntos de importância no país – tudo isso são provas claras da boa convivência entre eles e os muçulmanos, pois o sucesso e o progresso têm como condições a tranquilidade, a segurança, a estabilidade e o sossego da alma, e tudo isso lhes é oferecido em abundância dentro do país sem discriminação alguma. Tanto a história quanto a realidade atual confirmam que os muçulmanos no Egito têm implementado de forma excelente a boa vizinhança e a boa convivência com os não muçulmanos, obedecendo à ordem de Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, e as recomendações do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Abu Dharr (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Conquistareis o Egito, um território onde o quilate [uma moeda] é frequentemente mencionado. Quando o conquistardes, tratai bem os seus habitantes, pois eles têm direito à vossa proteção e à preservação dos laços de parentesco convosco”, ou, em outra versão, “à vossa proteção e à preservação dos laços de parentesco por afinidade” (narrado por Muslim).

Também os não muçulmanos dão testemunho de sua boa convivência com os muçulmanos no Egito. O Papa Shenuda, chefe da Igreja Copta, disse: “O Egito é o país [...] e todos os povos que nele vivem são familiares e amigos uns dos outros. [...] Vivemos juntos, juntos fazemos nossas refeições [...] e participamos das tristezas e alegrias uns dos outros” (*Al-Aqbat fi Misr e Al-Muhajjir*).

O Islam é a religião da proteção à pessoa, ao patrimônio e à honra*

O Islam é a religião que Deus escolheu e preferiu a todas as outras. Disse o Altíssimo: “Em verdade, a religião junto a Deus é o Islam” (3.19), e disse também: “E quem quiser outra religião que não o Islam, ela não será aceita, e ele, na outra vida, contar-se-á entre os perdedores” (3.85).

Um dos aspectos mais grandiosos desta religião é preservar a inviolabilidade do sangue, do patrimônio e da honra. Essas coisas têm altíssima importância e contam-se entre as cinco necessidades que devem ser protegidas: a vida, a religião, o intelecto, a honra e o patrimônio.

A proteção do sangue

Consta em inúmeras passagens do Nobre Alcorão o repúdio ao assassinato e a advertência contra o derramamento injusto de sangue. Assim, disse o Altíssimo: “E não mateis a alma que Deus proibiu matar, a não ser com justiça” (6.151); disse também: “E não mateis a alma que Deus proibiu matar, a não ser com justiça” (17.33). Também a sunna do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) deixa claro que o crente permanece a salvo dentro de sua religião apenas enquanto não derrama sangue proibido; caso derramar, terá cometido um dos piores atos. Abdullah bin Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra: “Um dos piores atos que se podem cometer e que não deixa escapatória a quem com ele se envolve é derramar sangue proibido” (narrado por Bukhari); e Ibn Omar (que Deus esteja satisfeito com eles dois) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “O crente permanece a salvo dentro de sua religião enquanto não derramar sangue injustamente” (narrado por Bukhari).

Essa é uma das coisas que destroem quem a pratica. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Abandonai sete pecados gravíssimos!” Disseram-lhe: “E quais são eles, ó Mensageiro de Deus?” Ele respondeu:

* Autor: Sheikh Yusuf Mustafa Ahmad, pesquisador da Diretoria Geral de Pesquisas em Propagação Religiosa.

“Associar parceiros a Deus, a feitiçaria, matar injustamente a alma que Deus proibiu matar, praticar a usura, apropriar-se dos bens dos órfãos, fugir no dia da batalha e difamar as crentes castas, mas desatentas” (narrado por Bukhari e Muslim).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) confirma a enormidade deste crime a fim de afastar as almas de sua perpetração e elucidar o quanto ele é perigoso. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Se os habitantes do céu e os habitantes da Terra se juntassem para derramar o sangue de um crente, Deus os lançaria todos no inferno” (narrado por Tirmidhi).

O Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) também confirmou a santidade do sangue humano em seu último sermão. Abu Bakra (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), no sermão que proferiu em Mina no dia do sacrifício quando da Peregrinação do Adeus, disse: “Em verdade, a santidade do vosso sangue, do vosso patrimônio e da vossa honra é tão grande quanto a deste dia santo, neste mês santo, neste lugar santo. Acaso me fiz entender?” (narrado por Bukhari e Muslim).

E confirmou também a inviolabilidade dessas coisas em outras tradições suas, das quais destacaremos algumas. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Todo muçulmano é inviolável para outro muçulmano: seu sangue, seus bens, sua honra” (narrado por Muslim). A posição do Islam quanto à proteção da vida não se limita ao fortalecimento interno da comunidade muçulmana somente; ao contrário, sua visão se estende para além e abarca também as relações entre muçulmanos e não muçulmanos. O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele), na maior parte das situações em que se encontrou, procurou caminhos de paz, tranquilidade e cooperação nas relações com aqueles que diferiam dele em crença, até quando faziam guerra contra ele – nas instruções que passou a seus comandantes-em-chefe, sempre dizia: “Não mateis velhos decrépitos, nem bebês, nem crianças, nem mulheres” (narrado por Abu Dawud).

E o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) também fazia questão de não entrar em guerra na medida em que isso fosse possível. Entre as indicações de que era essa a sua posição pode-se mencionar esta palavra sua a nosso mestre Ali ibn Abi Talib (que Deus esteja satisfeito com ele) quando lhe deu o estandarte dos muçulmanos na batalha de Khaybar: “Avança com calma até chegares à terra deles. Depois, chama-os para o Islam e informa-lhes daquilo que devem fazer, pois – por Deus! – se Deus guiar um só homem por tua causa, isso será melhor para ti do que ter camelos vermelhos” (narrado por Bukhari).

E não é só isso. No Islam, provocar medo a um outro muçulmano é proibido, ainda que seja por brincadeira ou gracejo. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ela) narra: “Disse Abul Qasim (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele): ‘Que aponta um pedaço de ferro para seu irmão, os anjos o amaldiçoam, mesmo que se trate de seu irmão por parte de pai e mãe’” (narrado por Muslim).

No entanto, essas proibições se referem a muçulmanos e não muçulmanos. A biografia do Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) dá o melhor testemunho disso. Certa vez, o judeu Zayd bin Sun’a Al-Hibri veio ao Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) para cobrar uma dívida dele para consigo. Zayd agarrou-o pelo manto, olhou para ele com o cenho franzido e disse: “Não me pagas, ó Muhammad, o que é meu de direito? Por Deus, vós, os filhos de Abdul Muttalib, sois um povo que demora a pagar, e já sabia o que aconteceria se me misturasse convosco.” Zayd bin Su’na narra o que aconteceu em seguida: “Olhei para Omar bin al-Khattab, e seus olhos giravam em seu rosto como os astros no céu. Depois, fulminou-me com o olhar e disse: ‘Ó inimigo de Deus, acaso disseste ao Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) o que ouvi e fizeste com ele o que vi? Por Aquele que o enviou com a verdade, não fosse por medo de começar uma guerra, golpearia esse pescoço com minha espada!’ O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) olhou lenta e calmamente para Omar e lhe disse: ‘Não era disso que necessitávamos da tua parte, ó Omar, mas sim que me recomendasses que cumprisse bem a minha obrigação e lhe recomendasses que me cobrasse com benignidade. Vai, pois, e paga-lhe o que lhe é de direito, e acrescenta-lhe vinte

medidas de tâmaras para compensar-lhe pelo medo que lhe causaste.”
(narrado por Ibn Hibban).

Assim como o Islam protege a vida, protege também o patrimônio

A proteção do patrimônio no Islam (público ou privado) é uma obrigação da lei religiosa, pois as circunstâncias do país e dos indivíduos dependem disso, e os atentados ao patrimônio são reputados como atentados ao indivíduo e à sociedade. Quem rouba do patrimônio público rouba de toda a comunidade, e sobre ele pesa um pecado contra todos aqueles que têm direito sobre esse patrimônio. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Fomos com o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) a Khaybar e Deus nos deu a vitória. Não tomamos como espólio nem ouro nem prata, mas somente alimentos, roupas e objetos. Depois, partimos para o oásis. Estava com o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) um escravo que lhe fora dado por um homem de Jidham chamado Rifa’a bin Zayd, da tribo de Dabib. Quando chegamos ao oásis, o escravo do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) começou a tirar a sela do camelo quando foi atingido por uma flecha e morreu. Dissemos então: ‘Felicidade a dele, pois é um mártir, ó Mensageiro de Deus!’ No entanto, o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: ‘De maneira alguma! Por Aquele em cujas mãos está a alma de Muhammad, o manto que ele pegou dos espólios de Khaybar antes da distribuição tornou-se um manto de fogo e o está queimando.’ As pessoas ficaram assustadas; veio então um homem trazendo um ou dois cordões de sapato e disse: ‘Ó Mensageiro de Deus, peguei-os no dia de Khaybar.’ O Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: ‘Um cordão de fogo, ou, dois cordões de fogo.’” (narrado por Muslim).

A pessoa que medita sobre o mundo atual vê tratar-se de um mundo em que muitos valores corretos mudaram e conceitos estabelecidos foram trocados por outros. Muita gente tornou o espírito servo da matéria e fez do amor ao dinheiro o senhor de seu coração, e procura por todos os meios acumular bens, entendendo essa busca como algo absolutamente normal e não fazendo distinção, a esse respeito, entre o permitido e o proibido. Dão efeito, assim, à palavra do Escolhido (que a bênção e a paz de Deus estejam

com ele): “Virá à humanidade um tempo em que à pessoa já não importará como ela ganha seu dinheiro, se por meios lícitos ou ilícitos” (narrado por Bukhari).

Entre os atentados contra o patrimônio público podem-se mencionar o roubo ou furto, corrupção passiva, aproveitar-se de uma posição oficial para arrebanhar bens, usar o dinheiro público para fins político-partidários e outros. Mas Deus, Todo-Poderoso e Majestoso, determinou penas para tais atos, dizendo: “Quanto ao ladrão e à ladra, decepai-lhes a mão como castigo de tudo quanto tenham cometido; é um exemplo que emana de Deus, porque Deus é Poderoso, Sábio” (5.38). Prescreveu também punição a quem trava uma guerra injusta: “O castigo, para aqueles que lutam contra Deus e contra o Seu Mensageiro e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé de lados opostos, ou banidos. Tudo isso será para eles vergonha nesta vida, e na outra terão um imenso castigo” (5.33).”

Outra modalidade de atentado contra o patrimônio público é a apropriação indébita de terras ou bens do Estado ou de fundações caritativas. Ora, Aisha (que Deus esteja satisfeito com ela) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem usurpa um palmo de terra terá de levar sete terras ao redor do pescoço [no dia da ressurreição]” (narrado por Bukhari e Muslim).

O patrimônio público é algo dado em confiança a todos os que o têm sob a sua guarda. Cabe a tais pessoas, portanto, serem fiéis ao encargo que lhes foi confiado, cuidarem desse patrimônio e devolverem-no íntegro, sem nenhuma diminuição, pois disse o Altíssimo: “Deus manda restituirdes ao seu dono o que vos está confiado; e, quando julgardes entre as pessoas, fazei-o com justiça. Quão excelente é isso a que Deus vos exorta! Deus é Oniouvinte, Onividente” (4.58).

Uma das provas da inviolabilidade do patrimônio público é o hadith, narrado nas duas grandes coletâneas, em que Humayd as-Sa’idi (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) empregou um homem da tribo de Azd chamado Ibn al-Lutbiyya como coletor de impostos. Quando ele voltou, disse: “Isto é vosso e isto me foi dado como presente.” O Profeta disse: “Por que não ficou na casa

de seu pai ou de sua mãe para ver teria ganho presentes ou não? Por Aquele em cuja mão está a minha alma, nenhum de vós se apropriará indevidamente de algo sem que tenha de carregá-lo no pescoço no dia da ressurreição; se for um camelo, estará grunhindo; se for uma vaca, estará mugindo; e, se for uma ovelha, estará balindo.” Depois, ele levantou as mãos ate conseguirmos ver o branco de suas axilas e disse três vezes: “Ó Deus, acaso transmiti a mensagem?” (narrado por Bukhari e Muslim). E Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem toma o dinheiro das pessoas com a intenção de devolvê-lo, Deus o devolverá em seu nome; e quem o toma com a intenção de consumi-lo, Deus consumirá essa pessoa” (narrado por Bukhari).

Os companheiros do Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) foram educados para proteger o patrimônio público e preservar sua inviolabilidade. O Veracíssimo (Abu Bakr as-Siddiq, que Deus esteja satisfeito com ele), na manhã em que assumiu o califado, saiu de sua casa e foi ao mercado para comerciar e ganhar a vida com o trabalho de suas mãos. Chamou-o então nosso mestre Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com ele) e disse: “Ó Abu Bakr, encarregamos-te de cuidar dos interesses dos muçulmanos.” Omar chamou Abu Ubayda bin al-Jarrah (que Deus esteja satisfeito com ele), o Homem Fiel da Comunidade, e disse: “Ó Abu Ubayda, dá a Abu Bakr, do tesouro público, o que for suficiente para ele e sua família.” Abu Ubayda disse: “Ele terá o leite de uma ovelha todo dia e toda noite e uma vestimenta para o verão e outra para o inverno, e não pegará a vestimenta de verão se não entregar a de inverno.” Abu Bakr perseverou nesse sistema, respeitando os direitos da comunidade e zelando pelo patrimônio público, até o fim de sua vida. Hasan bin Ali (que Deus esteja satisfeito com eles dois) disse: “Quando Abu Bakr estava à morte, disse: ‘Ó Aisha, a camela cujo leite bebíamos, a vasilha na qual o bebíamos pela manhã, o manto que vestíamos – nós usávamos essas coisas enquanto cuidávamos dos assuntos dos muçulmanos. Então, quando eu morrer, devolve tudo a Omar.’ Quando ele morreu, ela enviou tudo isso a Omar, que disse: ‘Que Deus tenha misericórdia de ti [ó Abu Bakr], pois tornaste as coisas difíceis para quem veio depois de ti.’” (*Mujammi’ az-Zawa’id*).

Quando Omar bin al-Khattab (que Deus esteja satisfeito com ele) assumiu o califado, governou os muçulmanos protegendo o que era deles e zelando pela inviolabilidade do patrimônio público. Certa vez, saiu de casa e viu uma camela gorda e disse: “De quem é esta camela?” Disseram-lhe: “De [teu filho] Abdullah bin Omar.” Omar disse então: “Incluí-a no tesouro do Estado, pois, por Deus, só engordou por causa do Príncipe dos Crentes. Quando pastava aqui ou ali, diziam: Chamai-a, pois é a camela do filho do Príncipe dos Crentes.” E concluiu: “Devolvei-a ao tesouro do Estado.”

O califa bem-guiado Omar bin Abdul Aziz (que Deus esteja satisfeito com ele) mandou chamar um de seus funcionários para pedir-lhe contas de um rebanho pertencente ao Estado e acendeu uma lâmpada para terminar as contas sob a sua luz. Quando terminou a prestação de contas, o funcionário começou a perguntar-lhe sobre a sua saúde e filhos. Omar bin Abdul Aziz se levantou, foi até a lâmpada, apagou-a e acendeu outra. O funcionário lhe perguntou o porquê, e o Príncipe dos Crentes disse: “Enquanto te pedia contas do rebanho, usávamos a lâmpada com o azeite do tesouro público dos muçulmanos. Quando a conversa e as perguntas começaram a versar sobre mim e meus filhos, acendi outra lâmpada com azeite pertencente a mim, pois não nos é lícito, neste caso, usarmos a luz da lâmpada cujo azeite pertence ao patrimônio público.”

O patrimônio público pertence aos muçulmanos em seu conjunto e não a um grupo determinado de pessoas; aqueles que dele cuidam o receberam em confiança apenas, para protegê-lo, arrecadá-lo e desembolsá-lo a quem de direito. Não é lícito a absolutamente ninguém atentar contra ele ou tomar dele o que não lhe cabe, pois isso é traição e injustiça, afrontando todos os muçulmanos.

No decorrer das eras e dos tempos, o patrimônio público esteve sujeito a diversos ataques, que, embora variem quanto à forma, os meios utilizados e o estilo, resumem-se todos às mesmas coisas: a apropriação, por parte de um único indivíduo, daquilo que não lhe pertence por direito; ou a expropriação ilícita, por parte dele, daquilo que pertence ao conjunto das pessoas; ou, ainda, a má utilização do patrimônio público ou sua depredação.

Assim como o Islam proíbe os atentados contra o patrimônio público, proíbe também os que visam ao patrimônio privado, patrimônio este que é

inviolável para qualquer outra pessoa que não seu legítimo dono. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Todo muçulmano é inviolável para outro muçulmano: seu sangue, seus bens, sua honra” (narrado por Muslim).

Assim com o Islam protege o sangue e o patrimônio, protege também a honra

A proteção da honra é um dos mais importantes princípios do Islam, que proíbe todo atentado contra a honra pela palavra ou pelo olhar; proíbe ainda a zombaria, a difamação, a intriga e outras coisas que ofendem o muçulmano. Disse o Altíssimo: “Ó vós que credes, que nenhum povo zombe do outro; é possível que (os escarnecidos) sejam melhores do que eles (os escarnecedores). Que tampouco nenhuma mulher zombe de outra, porque é possível que esta seja melhor do que aquela. Não vos difameis, nem vos motejeis mutuamente com apelidos. Muito vil é o nome da malignidade depois de ter recebido a fé! E aqueles que não se arrependem serão os iníquos. Ó fiéis, evitai tanto quanto possível a suspeita, porque algumas suspeitas implicam em pecado. Não vos espreiteis, nem vos calunieis mutuamente. Quem de vós seria capaz de comer a carne do seu irmão morto? Tal atitude vos causa repulsa! Temei a Deus, porque Ele é Remissório, Misericordiosíssimo” (49.11-12). Quem comete esses pecados corre um perigo gravíssimo caso não peça perdão à sua vítima antes de morrer. Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Quem cometeu injustiça contra a honra de um irmão seu ou alguma outra coisa, que lhe peça perdão hoje, antes que chegue um dia em que não terá nem dinar nem dirham. Se tiver boas obras, elas lhe serão tomadas na proporção da injustiça que cometeu; e, se não tiver boas obras, as más obras do injustiçado serão lançadas sobre ele na mesma proporção” (narrado por Bukhari).

O Islam, na verdade, repudia todos os maus traços de caráter. Isso foi esclarecido e confirmado pelo Profeta (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele). Abu Huraira (que Deus esteja satisfeito com ele) narra que o Mensageiro de Deus (que a bênção e a paz de Deus estejam com ele) disse: “Sabeis quem é o falido?” Disseram-lhe: “Entre nós, o falido é quem não tem

nem dinheiro nem bens.” Mas ele disse: “O falido da minha comunidade é aquele que chega ao dia da ressurreição com muitas orações, jejuns e zakat. Em vida, porém, insultou esta pessoa, maldisse aquela, devorou o patrimônio de outra, derramou o sangue de outra ainda e espancou outra; estas pessoas receberão, então, suas boas obras, e, caso estas acabem antes que as contas se equilibrem, os pecados delas serão lançados sobre ele e, no fim, ele próprio será lançado no inferno” (narrado por Muslim).

Índice

1. Introdução (Dr. Muhammad Mukhtar Jumu'a Mabruk, Ministro de Assuntos Religiosos do Egito)
2. O Islam fala por si (Dr. Muhammad Mukhtar Jumu'a Mabruk, Ministro de Assuntos Religiosos do Egito)
3. O Islam é a religião do bom caráter (Dr. Nuh Abdul Halim al-'Isawi)
4. O Islam é a religião da humanidade (Dr. Muhammad Abdul Hamid Khattab)
5. O Islam é a religião da tolerância (Dr. Usama Fakhri al-Jundi)
6. O Islam é a religião da misericórdia (Dr. Hisham Abdul Aziz Ali)
7. O Islam é a religião da facilidade (Dr. Ashraf Fahmi Mahmud)
8. O Islam é a religião da natureza humana original (Dr. Yasir Ma'ruf Khalil)
9. O Islam é a religião da paz (Dr. Muhammad Ibrahim Hamid)
10. O Islam é a religião da sinceridade (Dr. Mas'ud Ahmad al-Shayb)
11. O Islam é a religião da produtividade (Dr. Usama Fakhri al-Jundi)
12. O Islam é a religião da perfeição (Dr. Omar Mahmud al-Kamar)
13. O Islam é a religião da civilização (Dr. Mas'ud Ahmad al-Shayb)
14. O Islam é a religião da liberdade (Dr. Ramadan Abdul Sami' Ibrahim)
15. O Islam é a religião da convivência pacífica (Dr. Ramadan Abdul Sami' Ibrahim)
16. O Islam é a religião da proteção à pessoa, ao patrimônio e à honra (Sheikh Yusuf Mustafa Ahmad)